



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTERVENÇÃO
EDUCATIVA E SOCIAL – MPIES**



MARIA LÚCIA DE FÁTIMA MELO ALVES CALABRIA

**EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: O ARTESANATO NA
VIDA DE ARTESÃOS NUMA COMUNIDADE DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO**

Serrinha-Bahia
2020

MARIA LÚCIA DE FÁTIMA MELO ALVES CALABRIA

**EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: O ARTESANATO NA
VIDA DE ARTESÃOS NUMA COMUNIDADE DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia Campus XI, no âmbito da Linha de Pesquisa Novos Contextos de Aprendizagem, como requisito para obtenção do título de Mestre em Intervenção Educativa e Social na Área de Concentração Educação, Sociedade e Intervenção.

Orientadora: Professora Dra. Ivonete Barreto de Amorim.

Sistema de Bibliotecas da UNEB
Biblioteca Paulo Freire – Campus XI
Maria Claudete Marques Barbosa Estrela
Bibliotecária – CRB 5/806

C142 Calabria, Maria Lúcia de Fátima Melo Alves.
Educação/formação em espaço não formal: o artesanato na vida de
artesãos numa comunidade do submédio São Francisco./ Maria Lúcia de
Fátima Melo Alves, 2020.
136f. il.:

Orientadora: Prof. Dr. Ivonete Barreto de Amorim.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação Campus XI. Programa de Pós-Graduação em
Intervenção Educativa e Social.

1. Educação - formação. 2. Artesão. I. Ivonete Barreto de Amorim.
II. Universidade do Estado da Bahia.

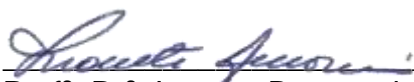
CDD – 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

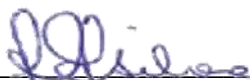
EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: O ARTESANATO NA VIDA DE ARTESÃOS NUMA COMUNIDADE DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO

MARIA LÚCIA DE FÁTIMA MELO ALVES CALABRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social, na linha de pesquisa Novos Contextos de Aprendizagem, na Área de Concentração Educação, Sociedade e Intervenção, em 07 de dezembro de 2020, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Intervenção Educativa e Social pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Prof^a. Dr^a. Ivonete Barreto de Amorim
Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea
Universidade do Estado da Bahia - UNEB (Orientadora)



Prof^a. Dr^a. Sandra Célia Coelho G. Silva
Primeira Examinadora
Doutorado em Ciências da Religião
Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Prof^a. Dr^a. Danielle Ventura de Lima Pinheiro
Segunda Examinadora
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Dedico este trabalho às artesãs colaboradoras que participaram da pesquisa/intervenção: Vagalume, Maria Bonita, Sertaneja, Maria Arteira e Flor de Mandacaru, assim como ao artesão Guará, líder do Grupo Feira na Vila, pela generosidade, disponibilidade e envolvimento.

AGRADECIMENTOS

Gratidão à proteção e à graça divina pelas riquezas da natureza dos biomas da Zona da Mata, Litorânea e da Caatinga, territórios que de forma plena e feliz me constituíram com a identidade de nordestina brasileira.

Gratidão por ter convivido e aprendido com a gente dessa terra, a fazer parte das lutas libertárias, de respeito às ancestralidades de um povo guerreiro e gentil que tem nas suas raízes, as inspirações para sua arte: o artesanato popular.

Gratidão à minha mãe (*in memoriam*), pela vida repleta de arte, serenidade e generosidade que me formaram como uma pessoa afetuosa, solidária, arteira e que valoriza, apoia e implementa o trabalho de arte popular.

Gratidão ao meu pai e aos meus avós (*in memoriam*) que vivenciaram comigo uma vida de forma laboriosa, honesta e respeitosa, me tornando um ser que reconhece a coragem de fazer coisas do bem, pelo mundo a fora.

Gratidão aos irmãos Regina, Thereza, Ricardo (*in memoriam*) e Guilherme que junto com suas famílias compartilham comigo o apoio mais próximo no cotidiano desafiador.

Gratidão aos filhos Rafaela e Bruno, Luiza e Thiago, Vitória e Kim e aos netos, Lucas, Marina, Luciana e Bento, meus amores incondicionais que me instigam concomitantemente a ser sempre aprendiz e fonte de ancestralidade.

Gratidão a todo um coletivo de pessoas e instituições que na minha incansável, lúdica e prazerosa caminhada me proporcionaram de maneiras diversas, vivências, militâncias, saberes e conhecimentos multifacetados, e, dessa forma, juntas construímos coletivamente, proposições e intervenções com base em concepções, sentidos e atitudes dignas, justas, amorosas, inclusivas, dialógicas, solidárias, emancipatórias e democráticas.

E assim, complemento a seguir, meus agradecimentos:

À minha escolarização e vida acadêmica nas escolas congregacionais de Santa Doroteia/Recife e na Universidade Católica de Pernambuco, e à minha formação religiosa/espiritual, assim como, ao Grupo Jovem do Movimento Eclesial de Base da Igreja Católica. Com esses mestres e parceiros iniciei meu encantamento como educadora popular nas comunidades ribeirinhas do Rio Capibaribe.

Aos colegas professores e técnicos da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco e da Prefeitura do Recife, e também da Universidade Federal de Pernambuco onde através do conhecimento, saberes e fazeres populares implementamos ações dialógicas de educação, arte e cultura popular.

À cidade de Petrolina e à Rede Pública Municipal de Ensino que me acolheu com sua alma sertaneja e em especial aos gestores, técnicos, administrativos, professores, e alunos da escola, bem como familiares e artesãos da comunidade, por coletivamente sermos capazes de desenvolver atividades de arte/artesanato e de literatura popular, nas praças da cidade.

Às artesãs colaboradoras que participaram da pesquisa/intervenção: Vagalume, Maria Bonita, Sertaneja, Maria Arteira e Flor de Mandacaru, assim como ao artesão Guará, líder do Grupo Feira na Vila, pela generosidade, disponibilidade e envolvimento nas atividades que no período de pandemia sofreram várias alterações, e por me oportunizarem a ressignificar a vida, diante da concepção da arte, tanto nas suas relações sociais, como no seu artesanato popular.

À Universidade Estadual da Bahia - UNEB, Serrinha/BA, DEDC Campus XI, seu corpo de gestores, professores, técnicos e colegas do MPIES, Mestrado Profissional e Intervenção Educativa e Social e do EPODS, Grupo de Pesquisa em Educação, Políticas e Desenvolvimento Social, por me acolher humana e respeitosamente, socializando conhecimentos e atitudes científicas e acadêmicas, exercitando a verdadeira práxis referente à função social universitária junto às comunidades, especialmente as de baixa renda.

À Prof.^a Dr.^a Ivonete Barreto de Amorim que de maneira muito verdadeira e digna pela sua maneira simples, mas de muito aprofundamento acadêmico e científico, por potencializar a minha formação como educadora popular, na teoria e na prática, possibilitando o desdobramento da mesma atitude de valorização e respeito, com os sujeitos da pesquisa/intervenção.

À banca avaliadora, em nome das Professoras Dr.^a Danielle Ventura de Lima Pinheiro (UFPB) e Sandra Célia Coelho G. Silva (UNEB) pelas contribuições dadas, intencionando o aperfeiçoamento desta pesquisa.

Às colegas universitárias e mestrandas Natiele Rios, Karine Paixão e Raiane Cordeiro pela parceria e produção de artigos para publicação em periódicos e eventos acadêmicos, pelo diálogo de aprofundamento e diversidade de conhecimento científico.

Às oficinas que participaram muito produtivamente no projeto de intervenção, uma delas também mestranda, Janara Teixeira e a Mestra Artesãs baiana Luzia Torres e a transcritora das histórias orais temáticas dos artesãos, Rafaela Carvalho.

Gratidão muito carinhosa e valorosa ao parceiro de todas as horas, nas diversas áreas da tecnologia digital/remota, o assessor Prof. Geandson, pelo apoio, pelos ensinamentos e pelo partilhar aprendizagens, de forma tão gentil e solidária, nesse segmento tão árido para mim.

Gratidão à Graciele Castro e a Kelmara Castro pela bela arte do cordel e da xilogravura, letramento popular, do imaginário cultural e resiliência do povo do território do Nordeste brasileiro.

Diante de tantas valiosas contribuições e apoios imensuráveis, deixo para todos a minha saudação baiana **AXÉ!** - e meu **EVOÉ!** - bem pernambucano.

Vale dos Ribeirinhos
Berço de artistas/artesãos

O que é artesanato?
Pra início da nossa prosa
É um trabalho manual
Produção é grandiosa
Tem história pra contar
Técnica é valorosa.

Aos artistas/artesãos
Aqui faço saudação
É com o artesanato
Que tem a transformação
Possível uma sociedade
Com mais humanização.

Aç mãos dos artesãos
Produção tem sentido
Não é fazer por fazer
Tudo é bem envolvido
O toque bem amoroso
Conteúdo é cortido.

Sendo um saberfazer
Na cultura popular
Natureza e beleza
Mistura de encantar
O labor da produção
Que vai te emocionar.

O "artesão" mais "ato"
Essa é sua junção
Tendo-se o artesanato
Fazendo a criação
Associações, espaços
Tendo a valorização.

Na Educação Popular
Princípio pode ser
O artesanato, dando
sentido ao favorecer
Costumes, tradições
Cultura a enaltecer.

Território faz a labuta
Tendo a valorização
Somos nato na cultura
De Geração a geração
A arte ela é repassada
Resguardando expressão.

Aos artistas/artesãos
Com rima vou agradecer
A sua lida cotidiana
Tem plenitude o viver
Vale do São Francisco
Arte sempre florescer.

Encerro os meus versos
Com inspiração de astro
Gratidão aos artesãos
O tema deixei rastro
Grata pela sua atenção
Sou Graciele Castro.

KC

Tenho em cordel (impossível sentir)
Graciele Castro
Bragança
Ribeirão - Goiás

80x23202
Pábrica - PE

RESUMO

Esta pesquisa intitulada “Educação/formação em espaço não formal: o artesanato na vida de artesãos numa comunidade do submédio São Francisco” teve como cenário o Vale do Submédio São Francisco que está localizado na região sertaneja, no semiárido do Nordeste do Brasil, a oeste do estado de Pernambuco e norte do estado da Bahia, especificamente, o município de Petrolina-PE. A biodiversidade do semiárido, em especial com relação à caatinga, um bioma genuinamente brasileiro, pela riqueza dos seus recursos naturais, mas também pela “cultura da seca”, entrelaçados com outros fatores geopolíticos, históricos e socioeconômicos são inspirações na mão do artista e do artesão. Diante desse cenário, nasceu a seguinte questão de pesquisa: Como ocorrem os enfrentamentos do grupo de artesãos de Petrolina-PE diante das perspectivas de educação/formação implementadas através do artesanato? Com efeito, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as possibilidades de enfrentamento do grupo de artesãos de Petrolina-PE diante das perspectivas de educação/formação através do artesanato. Os objetivos específicos foram: estabelecer uma relação dialógica entre educação/formação através do artesanato; compreender as possibilidades de educação/formação encontradas pelo grupo de artesãos tendo como base o artesanato; analisar os principais enfrentamentos dos artesãos, tendo como âncora o processo de formação/atuação no artesanato local; Implantar um processo de formação através de oficinas, tendo como base a história oral dos artesãos. A fundamentação teórica ancorou-se em Dussel (2016); Freire (2000; 2014), Gadotti (2012), Gohn (2009; 2014), Geertz (2008), Haguette (2010), Libâneo (2005); Quijano (2005), Santos (2009), Cascudo (1983), Bardin (2000), dentre outros autores que subsidiaram as discussões e análises. O caminho metodológico consistiu em uma pesquisa qualitativa, do tipo história oral temática, tendo como coleta das informações as entrevistas semiestruturadas, história oral, questionário diagnóstico e observação/avaliação das oficinas efetivadas com 6 artesãos colaboradores da pesquisa aprovada pelo comitê de ética, sob o número CEP - Autorização nº 3.937.949. Os resultados da pesquisa evidenciaram que o produto da educação/formação implementado através das oficinas dialógicas e possibilitaram que cada artesão do grupo, olhasse para si e para o outro reconhecendo que juntos são mais fortes e capazes de enfrentar as adversidades, como o isolamento social, ao desenvolver outras possibilidades de sobrevivência, a citar: efetivação de feiras virtuais, divulgação das peças através do *Instagram*, interações uns com ou outros através de plataformas virtuais, sem com isso, perder a perspectiva do estar junto mesmo respeitando as diretrizes de distanciamento. Foi relevante receber da comunidade do submédio São Francisco o reconhecimento de ações efetivadas na oficina “Mãos solidárias que fazem e doam máscaras”, assim como o comprometimento do grupo Feira na Vila pela continuidade dessas ações com periodicidade anual diante da intervenção educativa social efetivada.

Palavras-chave: Formação/Educação. Artesãos. Intervenção Social.

ABSTRACT

This research entitled “Education/training in non-formal space: the handicrafts in the life of the artisans in a community of the sub-middle São Francisco” had as scenario the Saint Francis Sub-Middle Valley which is located in the hinterland region, in the Northeast semi-arid of the Brazil, to the west of the Pernambuco state and to the north of the Bahia state, specifically, the municipality of Petrolina-PE. The biodiversity of the semi-arid, especially in relation to caatinga, a genuinely Brazilian biome, due to the wealth of its natural resources, but also due to “drought culture”, intertwined with other geopolitical, historical and socioeconomic factors are inspirations in the artist’s hand and of the craftsman. Before this scenario, it was born the following research question: How does occur the confrontations of the Petrolina-PE craftsmen group before the education/training perspectives through handicrafts? In fact, the general goal of this research was to analyze the possibilities of confronting of the Petrolina-PE craftsmen group before the education/training perspectives through handicrafts. The specific goals were: to establish a dialogical relation between education/training through handicrafts; understand the possibilities of education/training found by the group of the artisans based on crafts; analyze the main craftsmen confrontations, having as an anchor the formation/performance process in the local handicrafts; implement a training process through workshops, based on the artisans’ oral history. The theoretical foundation was anchored in Dussel (2016); Freire (2000; 2005; 2014), Gadotti (2012), Gohn (2009; 2014), Geertz (2008), Haguette (2010), Libâneo (2005); Quijano (2005), Santos (2009), Cascudo (1983), Bardin (2000), among other authors who supported the discussions and analyzes. The methodological path consisted of a qualitative research, of thematic and oral history type, having the collection of information the semi-structured interviews, oral history, diagnostic questionnaire and observation/evaluation of the workshops carried out with 6 collaborators artisans of the research approved by the ethics committee, under the CEP number – Authorization nº 3,937,489. The results of the research showed that the product of the education/training implemented through the dialogic workshops enabled each artisan of the group could look at himself and to the others recognizing that together they are stronger and capable to face the adversities, such as social isolation, by developing other possibilities for survival, to mention: holding virtual fairs, publicizing of the pieces through Instagram, interacting with each other through virtual platforms, without losing the perspective of being together even though respecting the distance guidelines. It was relevant to receive the sub-middle community of São Francisco and the recognition of the actions carried out in the workshop “Solidary hands that make and donate masks”, as well as the commitment of the Feira in Vila group for continuing these actions with annual periodicity in the face of the effective social education intervention.

Keywords: Training/Education. Artisans. Social Intervention.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Mapa de localização de Petrolina | 18 |
| Figura 2 - Oficina do Artesão Mestre Quincas | 39 |
| Figura 3 - Logomarca Grupo Feira na Vila | 40 |
| Figura 4 - Grupo Feira na Vila | 40 |
| Figura 5 - Fachada do Museu do Sertão | 47 |
| Figura 6 - Centro de Artes Ana das Carrancas | 48 |
| Figura 7 - Cartaz de divulgação da Oficina 1 | 52 |
| Figura 8 - Oficina virtual 1 | 53 |
| Figura 9 - Cartaz de divulgação da Oficina 2 | 54 |
| Figura 10 - Oficina virtual 2 | 55 |
| Figura 11 - Expressão artística e identitária da oficina | 55 |
| Figura 12 – Cartaz de divulgação da oficina 3 | 57 |
| Figura 13 - Oficina virtual 3 | 58 |
| Figura 14 - Cartaz de divulgação da Oficina 4 | 59 |
| Figura 15 - Oficina virtual 4 | 60 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Dissertações encontradas nos últimos cinco anos sobre artesanato | 27 |
| Quadro 2 - Caracterização dos artesãos da pesquisa | 50 |
| Quadro 3 - Oficina “Pensando na saúde mental em meio à pandemia” | 53 |
| Quadro 4 - Oficina “Mãos Solidárias Que Fazem e Doam Máscaras” | 56 |
| Quadro 5 - Oficina “Retalhos de Chita em Juta” | 58 |
| Quadro 6 - Oficina “Patchwork: Técnica e Arte em Retalhos” | 60 |
| Quadro 7 - Perfil do grupo de artesãos pesquisados | 85 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------------|---|
| AAPI | Associação dos Artesãos Profissionais de Ipojuca |
| ACAJ | Artesão da Casa do Artesão de Juazeiro |
| CAPES | Coordenação de Pessoal de Nível Superior |
| CEB | Comunidades Eclesiais de Base |
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CESOL | Centro Público de Economia Solidária |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| EPI | Equipamentos de Proteção Individual |
| EPODS | Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social |
| FEINCARTES | Feira Internacional de Artesanato e Decoração |
| IG | Indicação Geográfica |
| MDF | <i>Medium-Density Fiberboard</i> |
| MPIES | Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| PAB | Programa de Artesanato Brasileiro |
| PE | Pernambuco |
| PRODASEC | Programa de Desenvolvimento Socioeducativo e Cultural |
| SEBRAE | Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas |
| SEST SENAT | Serviço Social do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TJPE | Tribunal de Justiça de Pernambuco |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia |

| | |
|------|------------------------------------|
| UFPB | Universidade Federal da Paraíba |
| UFPE | Universidade Federal de Pernambuco |
| UNEB | Universidade do Estado da Bahia |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 18 |
| 1.1 | IMPLICAÇÃO COM A INVESTIGAÇÃO..... | 20 |
| 1.2 | QUESTÃO DE PESQUISA..... | 22 |
| 1.3 | OBJETIVO GERAL..... | 23 |
| 1.4 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 23 |
| 2 | RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: ARTESANATO EM FOCO..... | 26 |
| 2.1 | CONCEITUANDO EDUCAÇÃO FORMAL..... | 29 |
| 2.2 | CONCEITUANDO EDUCAÇÃO NÃO FORMAL..... | 29 |
| 2.3 | CONCEITUANDO EDUCAÇÃO SOCIAL..... | 31 |
| 2.4 | CONCEITUANDO CULTURA..... | 34 |
| 3 | CONHECENDO O CONTEXTO E ATUAÇÃO DO GRUPO DE ARTESÃOS FEIRA NA VILA..... | 36 |
| 3.1 | CONCEITUANDO ARTESÃO..... | 37 |
| 3.2 | GRUPOS DE ARTESÃOS FEIRA NA VILA..... | 39 |
| 3.2.1 | Conceituando artesanato..... | 41 |
| 4 | DESCREVENDO O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA..... | 43 |
| 4.1 | CARACTERIZANDO A HISTÓRIA ORAL..... | 44 |
| 4.1.2 | História oral temática..... | 45 |
| 4.2 | O <i>LOCUS</i> DA PESQUISA..... | 46 |
| 4.3 | ARTESÃOS PARTICIPANTES DA PESQUISA..... | 50 |
| 4.4 | PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÃO DAS OFICINAS DIALÓGICAS..... | 51 |
| 4.5 | ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES..... | 62 |
| 5 | HISTÓRIAS ORAIS QUE REGISTRAM ENFRENTAMENTO DO GRUPO DE ARTESÃOS ATRAVÉS DO ARTESANATO..... | 64 |
| 5.1 | HISTÓRIA DE FLOR DE MANDACARU..... | 64 |

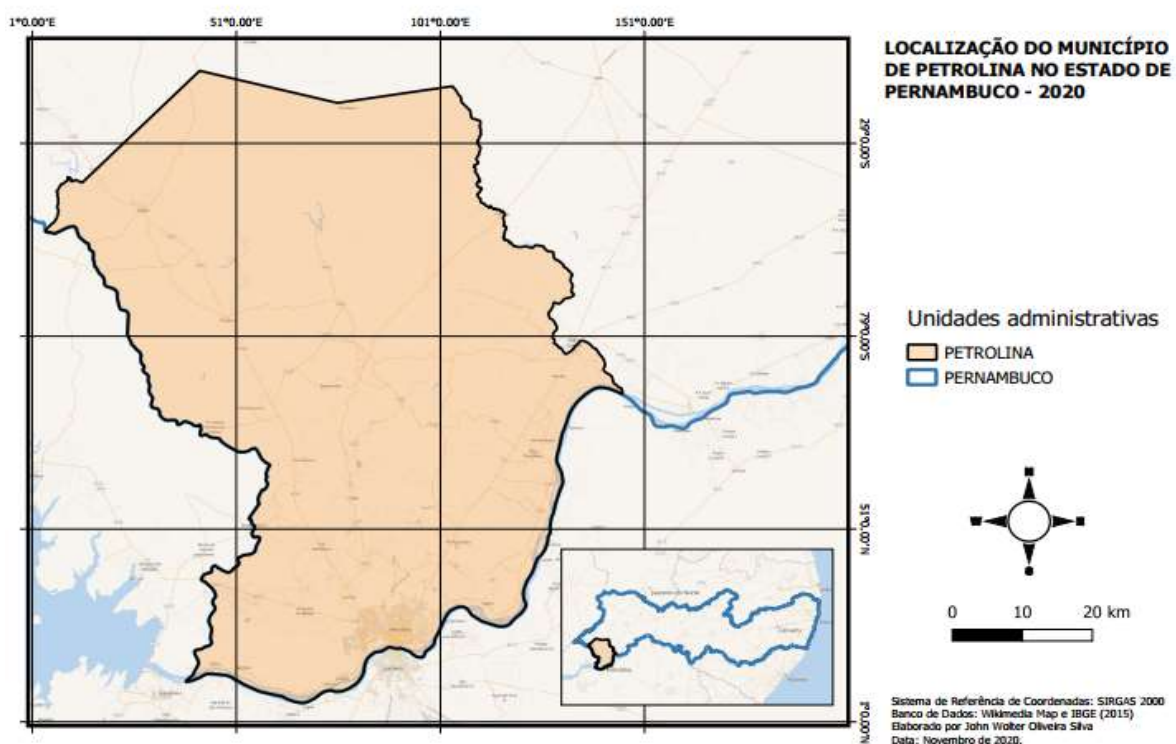
| | | |
|----------|---|------------|
| 5.2 | HISTÓRIA DE MARIA BONITA..... | 67 |
| 5.3 | HISTÓRIA DE VAGALUME..... | 73 |
| 5.4 | HISTÓRIA DE SERTANEJA..... | 76 |
| 5.5 | HISTÓRIA DE MARIA ARTEIRA..... | 80 |
| 5.6 | HISTÓRIA DE GUARÁ..... | 81 |
| 6 | INTERLOCUÇÃO ENTRE O GRUPO DE ARTESÃOS COM AS POSSIBILIDADES DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO ATRAVÉS DO ARTESANATO..... | 85 |
| 6.1 | CONHECENDO O PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DOS ARTESÃOS DO GRUPO FEIRA NA VILA..... | 85 |
| 6.2 | ARTESANATO: FONTE DE RENDA/VIDA/RESISTÊNCIA E SUPERAÇÃO..... | 89 |
| 6.3 | O ARTESANATO E A HORIZONTALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO..... | 94 |
| 7 | CONCLUSÃO..... | 98 |
| | REFERÊNCIAS..... | 104 |
| | APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 107 |
| | APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO | 110 |
| | APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA..... | 111 |
| | APÊNDICE D - OBSERVAÇÃO..... | 113 |
| | APÊNDICE E – TERMO USO DE IMAGEM..... | 114 |
| | APÊNDICE F – PROJETO DE INTERVENÇÃO..... | 115 |
| | ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA..... | 129 |
| | ANEXO B – RECONHECIMENTO SOCIAL DA INTERVENÇÃO – ENFERMEIRA ROCILDA SEVERO NUNES..... | 133 |
| | ANEXO C – RECONHECIMENTO SOCIAL DA INTERVENÇÃO – FEIRA NA VILA..... | 135 |
| | ANEXO D – RECONHECIMENTO SOCIAL DA INTERVENÇÃO – PROGRAMA TRANSFORMA PETROLINA..... | 135 |

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada “Educação/formação em espaço não formal: o artesanato na vida de artesãos numa comunidade do submédio São Francisco” teve como cenário o Vale do Submédio São Francisco que está localizado na região sertaneja, no semiárido do Nordeste do Brasil, a oeste do estado de Pernambuco e norte do estado da Bahia, com uma área de 125.755 km.

Com insolação anual de três mil horas — equivalentes a 300 dias de sol por ano —, temperatura média de 26° C, umidade relativa de 50%, e precipitação média anual de 450 mm, o Vale do Submédio São Francisco se constitui uma região única para a produção de frutas.

Figura 1 – Mapa de localização de Petrolina.



Fonte: Com base em dados do IBGE, 2020.

A água do Rio São Francisco é usada para irrigar 110 mil hectares, permitindo altas produtividades nas 2,5 safras anuais neste polo produtor reconhecido internacionalmente. O manejo com alta tecnologia complementa o conjunto de fatores que garantem os diferenciados níveis de produtividade e peculiaridades quanto à qualidade das mangas e uvas de mesa dessa região. Esses

dados foram retirados do site “Indicação Geográfica – IG”, publicado em março de 2015 e vinculado ao portal da Sociedade Nacional de Agricultura.

Os conhecimentos e as informações sobre a geopolítica e a socioeconomia referentes a essa população se constituíram em elementos valiosos aqui registrados na pesquisa, pois essa região do semiárido apresenta uma significativa porcentagem de pessoas em atividades na agropecuária, e isso pode e vem acarretando danos ao meio ambiente, como é evidenciado no pensamento de Silva *et al.* (2010):

Estudos realizados em ambientes semiáridos demonstram uma estreita ligação da atuação do homem sobre o meio, com processos negativos sobre a flora e a fauna silvestres e, principalmente, sobre os solos, onde os processos erosivos se intensificam e passam a constituir indícios marcantes de desertificação, estando o clima fortemente associado a esse contexto. Os aspectos naturais do Semiárido brasileiro precisam, portanto, ser considerados e melhor compreendidos, para que seja possível melhorar a convivência do homem com esse ambiente (SILVA *et al.*, 2010, p. 22).

A constatação de níveis acentuados do uso de agrotóxicos na agricultura de larga escala, além de trazer danos à bacia hidrográfica do São Francisco e ao solo do semiárido, acarreta intoxicação dos trabalhadores da roça e certamente prejudica no consumo desses frutos da alimentação humana. Um outro aspecto negativo é com relação às queimadas que poluem o ar e o espaço físico no entorno desse território com suas fuligens.

No tocante à vegetação, que no imaginário do povo sertanejo é representado pela força do vaqueiro com seu gibão no meio da vegetação da caatinga esbranquiçada, e com relação à fauna representada pelo pássaro asa branca, símbolo de resiliência e esperança da vida no sertão, observe o que registra o Silva *et al.* (2010) sobre esse território nordestino:

O semiárido brasileiro tem a maior parte de seu território ocupada por uma vegetação adaptada às condições de aridez, de fisionomia variada, denominada Caatinga. Este ecossistema é considerado extremamente importante do ponto de vista biológico, sendo um dos poucos que tem sua distribuição totalmente restrita ao território brasileiro. Estudos recentes, contemplando levantamentos da flora e da fauna, mostram que a Caatinga possui considerável número de espécies endêmicas e, por isso, deve ser considerada um patrimônio biológico de valor incalculável (SILVA *et al.*, 2010, p. 35).

A biodiversidade do semiárido, em especial com relação à da caatinga, como se sabe, um bioma genuinamente brasileiro, pela riqueza dos seus recursos naturais, mas também pela “cultura da seca”, entrelaçados com outros fatores geopolíticos, históricos e socioeconômicos são inspirações na mão do artista e do artesão. Suas obras e seus artefatos artesanais se inspiram na cultura e tradição do povo sertanejo, representando seus símbolos identitários – carranca, cactos, gibão, chapéu de vaqueiro, asa branca, as barcas, o bode – através de suas matérias primas como o couro, a madeira, o barro e a palha.

Mesmo com a expansão do agronegócio ao nível do comércio de exportação, que agrega importante valor socioeconômico para a criação de vagas no mercado de trabalho, interno e externo, cujo polo tem um desmembramento para diversos setores da economia, a concentração de riqueza e de rendas continua excludente para a maioria da população da periferia urbana.

Nesse cenário, é importante a ação do estado para democratizar o acesso a políticas de desenvolvimento socioeconômico, como tão bem esclarece Silva *et al.* (2010):

[...] Apesar da importância das atividades agropecuárias na composição da estrutura de renda da população rural, deve-se ressaltar a importância de outras atividades econômicas oferecidas pela valorização da natureza e dos recursos locais, como a produção de bens primários de qualidade, artesanato tradicional, atividades culturais e de lazer, entre outras, que resultam da promoção da imagem de um determinado território (SILVA *et al.*, 2010, p. 40).

Diante dessa importância da cultura local desse território e da relevância dos bens primários como o artesanato que a mestranda desenvolveu sua pesquisa junto aos artesãos locais. O valor dessas características territoriais no cotidiano de suas vidas, certamente é refletido na produção da arte/artesanato regional.

1.1 IMPLICAÇÃO COM A INVESTIGAÇÃO

A realidade do artesanato em Petrolina motivou a mestranda e professora da Educação Básica, que desde a década de 1980 vem atuando nas Redes Públicas de Ensino do Estado de Pernambuco e do Município do Recife. Como educadora popular, tem sua história marcada de forma muito especial através da sua dedicação a projetos comunitários. Sempre atuou como mediadora entre as instituições

acadêmicas, as lideranças e as famílias das comunidades populares da Cidade do Recife e Região Metropolitana.

Com uma visão crítico-social, sua luta constante por um modelo de sociedade justa, igualitária, inclusiva e sua ação fundamentada nos princípios e valores democráticos e humanizadores, desenvolveu seus trabalhos permeados pelo uso da arte e de todas as suas linguagens como ferramentas capazes de construir coletivos, gerando renda com atividades artesanais.

Ainda muito jovem, atuou nas regiões ribeirinhas do Rio Capibaribe junto às Comunidades Eclesiais de Base (CEB) ligadas à Igreja Católica, atuando em ações religiosas de catequese, mas principalmente, atendendo essas comunidades muito pobres com assistência social, educativa e sociocultural. Ainda como educadora popular, coordenou o Programa de Desenvolvimento Socioeducativo e Cultural (PRODASEC/PE) para as populações de baixa renda do meio urbano do Recife, cujas atividades de formação profissional incluíam reuniões com as lideranças comunitárias e responsáveis pelos alunos da rede pública, visando a organização da agenda de palestras e oficinas para a formação de mão de obra em diversos segmentos econômicos.

Como professora e especialista da educação básica, assumindo turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) procurou desenvolver projetos de educação, cultura e economia popular, que pela dificuldade burocrática do sistema governamental a levou a buscar nas comunidades, as pessoas e os espaços não formais, onde foi possível dar continuidade a esse trabalho como educadora popular, valorizando e formando artesãos nas comunidades pobres da periferia do Recife.

A pesquisadora, partindo dos valores que as tradições e as raízes históricas representam na formação, na identidade e na autoestima do sujeito, procurou e mantém essa atitude de desencadear suas ações educativas tomando por base a busca pelo conhecimento, pelo respeito aos saberes e fazeres populares cujas aprendizagens podem consolidar a importância da riqueza cultural dos territórios onde se realiza os projetos. E assim foi, quando coordenou o Programa Criança Cidadã do Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE), nas comunidades do Coque Coelhos do Recife e o Projeto Roda na Vida na Comunidade de Roda de Fogo, no entorno da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ambos do terceiro setor, com atividades que tomavam por base os saberes, os olhares, os sentires dos seus atores e do contexto cultural pernambucano e nordestino brasileiro.

Atualmente, a mestranda se encontra cedida à Prefeitura de Petrolina, cidade sertaneja pernambucana, desenvolvendo projeto de leitura na Escola Anézio Leão, na Comunidade de Vila Eduardo. Em contato com as lideranças da comunidade e com as famílias de seus alunos, lhe permitiu perceber a riqueza de produção manual desenvolvida por esse coletivo de famílias que moram no entorno da escola. Os artesãos de fato dominam as diversas técnicas de artesanato, entretanto, por não terem a valorização devida das políticas públicas não dispõem de oportunidades para melhoria dos seus produtos. A possibilidade de desenvolver o *design* dos artefatos artesanais poderia potencializar mais as vendas junto aos consumidores. Por outro lado, eles também não seriam explorados como tão corriqueiramente são, por uma elite de comerciantes que exploram a mão de obra desses artesãos e lucram bastante com o artesanato popular.

O Grupo de Artesãos Feira na Vila, composto por alguns dos familiares dos alunos da pesquisadora, vem realizando saraus literários e exposição, divulgação e venda dos trabalhos de artesanato e comidas típicas nas praças da cidade. Muito importante salientar a liderança de Sr. Guará, organizador do grupo, parceiro da mestranda na organização desses eventos e a Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus XI - Serrinha, que através do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES), vinculado à linha de pesquisa Novos Contextos de Aprendizagem e do Grupo de Pesquisa Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (EPODS) onde esse projeto está vinculado, por possibilitar à pesquisadora a sua qualificação acadêmica ao nível da sensibilidade e da responsabilidade social, e ao Grupo Feira na Vila vivências na perceptiva do seu desenvolvimento e sustentabilidade local.

1.2 QUESTÃO DE PESQUISA

A pergunta de partida deste projeto consistiu em: Como ocorrem os enfrentamentos do grupo de artesãos de Petrolina-PE diante das perspectivas de educação/formação através do artesanato?

1.3 OBJETIVO GERAL

Com efeito, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as possibilidades de enfreteamento do grupo de artesãos de Petrolina-PE diante das perspectivas de educação/formação através do artesanato.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A pesquisa apresenta como objetivos específicos estabelecer uma relação dialógica entre educação/formação através do artesanato; compreender as possibilidades de educação/formação encontradas pelo grupo de artesãos tendo como base o artesanato; analisar os principais enfreteamentos dos artesãos, tendo como âncora o processo de formação/atuação no artesanato local e implementar um processo de formação através de oficinas, tendo como base a história oral dos artesãos.

Diante dessas questões introdutórias, o referencial teórico ancorou-se nos seguintes autores: Dussel (2016); Freire (2000; 2005; 2014), Gadotti (2012), Gohn (2008; 2009; 2014), Geertz (2008), Libâneo (2001; 2012); Quijano (2005), Santos (2009) dentre outros autores que subsidiaram as discussões. O caminho metodológico consistiu em uma pesquisa qualitativa, do tipo história oral temática, tendo como estratégias de coleta das informações as entrevistas semiestruturadas, observação, história oral e formação através de oficinas com seis artesãos que participaram de forma efetiva do grupo de artesãos Feira na Vila da cidade de Petrolina-PE, com vistas contribuir com a formação de artesãos que compõem o referido grupo, tendo como horizonte suas possibilidades contextuais.

Importante destacar, que a presente pesquisa, em face ao momento pandêmico da Covid-19, a qual acometeu nossos contextos local e global no ano de 2020, sofreu uma transição entre uma perspectiva de coleta de informações, através das entrevistas, observações e intervenção educação/formação realizada através de 4 oficinas temáticas, assim como orientação, exame de qualificação e defesa da dissertação de uma perspectiva planejada presencialmente, passou para uma perspectiva de realização no formato virtual, conforme descrição no capítulo 4, que discorreu sobre o caminho metodológico da pesquisa, sem com isso perder o rigor científico, interventivo e a qualidade da pesquisa.

Em tempo, a pesquisa ficou estruturada em 7 capítulos, o primeiro conta desta introdução que explicitou o contexto da pesquisa da comunidade dos Artesãos do submédio São Francisco, as implicações da pesquisadora com a investigação, questão de pesquisa, objetivo geral e os específicos, teóricos que subsidiaram as discussões e apresentação dos capítulos.

O segundo capítulo intitulado “Relação dialógica entre educação/formação em espaço não formal: artesanato em foco” discorreu sobre a relação dialógica entre educação em espaço não formal e a educação/formação através do artesanato, o conceito de cultura, ancorados nas contribuições teóricas: Libâneo (2005); Freire (2005); Ghon (2014), Geertz (2008), dentre outros.

No terceiro capítulo denominado “Conhecendo o contexto e atuação do grupo de artesãos feira na vila” foi descrito o contexto e a atuação do grupo de artesãos Feira na Vila, conceito de artesãos, assim como a necessidade objetiva do referido grupo, diante do diálogo estabelecido com a pesquisadora na atuação como educadora popular, contando com as contribuições dos seguintes teóricos: Dussel (2016); Freire (2000; 2005; 2014), Gadotti (2012), Gohn (2009; 2014), Geertz (2008), Libâneo (2001; 2012); Quijano (2005) e Santos (2009).

O quarto capítulo intitulado “Descrivendo o caminho metodológico da pesquisa” trouxe todo percurso metodológico, tendo como contribuição os autores: Minayo (2011); Godoy (1995); Lüdke e André (1986); Haguette (2010), dentre outros, assim como a implementação de forma dialogada da intervenção no processo de educação/formação dos artesãos.

No quinto capítulo “Histórias orais que registram enfrentamento do grupo de artesãos através do artesanato” apresentou-se as histórias narradas por seis artesãos, que se prontificaram a participar de forma voluntária desse processo de implementação de uma educação/formação tendo como mote o artesanato, que aqui foi revelado como ofício que ultrapassa o fazer, pois se mostra como vida, arte, terapia, prazer, parceria, fonte de renda e amor.

O sexto capítulo “Interlocução entre o grupo de artesãos com as possibilidades de educação e formação através do artesanato” discorreu sobre as possibilidades de educação/formação e encontros encontrados pelo grupo de artesãos, tendo como base o processo de formação/atuação no artesanato local. Destacaram-se três categorias análise, a citar: conhecendo o processo de educação e formação dos artesãos do grupo Feira na Vila; artesanato: fonte de

renda/vida/resistência e superação; e o artesanato e a horizontalização do conhecimento.

Por fim, na conclusão, foram retomados objetivos e questão da pesquisa explicitando os encontros e reconhecimento das intervenções da educação/formação implementada de forma participativa e dialogada com o grupo de artesãos Feira na Vila, através de oficinas temáticas, assim como o *feedback* social desse processo construído de forma horizontalizada.

2 RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: ARTESANATO EM FOCO

Este capítulo teve como objetivo estabelecer uma relação dialógica entre educação em espaço não formal e a educação/formação através do artesanato. Com isto, destacamos as contribuições teóricas: Libâneo (2005); Freire (2005); Ghon (2014), dentre outros.

Ao longo de toda a trajetória de vida, o ser humano adquire e constrói conhecimentos mediante suas próprias experiências e relações sociais com outros indivíduos, nos espaços familiares, bem como em instituições educadoras, sejam elas formais ou não formais. A educação possibilita aos indivíduos se construírem enquanto seres sociais, sendo capazes de aprender e compartilhar saberes essenciais para a vida pessoal e para a profissional, imbuídos de uma visão de mundo, de homem e de sociedade. Nesta perspectiva, Libâneo (2005, p. 25) afirma que há na atualidade uma “ação pedagógica múltipla na sociedade”, ou seja, a educação, o pedagógico, ocorre em vários lugares, não se restringindo apenas à escola e às salas de aula, mas se manifesta sob algumas dimensões.

Com efeito, a referida investigação/formação, advém de uma implicação da mestranda com a formação/atuação nesses espaços não formais ou, dito de outra forma, na Educação Social. Nesse sentido, a dissertação Educação/formação em espaço não formal: o artesanato na vida de artesãos numa comunidade do submédio São Francisco se constituiu em uma pesquisa relevante para o contexto do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social que tem como princípio norteador contribuir com a qualificação profissional da mestranda, assim como, estabelecer interfaces em diferentes áreas do conhecimento, pois, o referido mestrado encontra-se ancorado na área de avaliação interdisciplinar da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Com efeito, essa interlocução entre universidade, educação e cultura popular imprimiu uma marca muito significativa na qualificação profissional da mestranda/pesquisadora.

Não obstante, esta pesquisa teve uma importante aceitação no grupo de artesãos Feira na Vila, pois, não levou uma proposta pronta para aplicar no espaço empírico. Mas, construiu com os colaboradores da pesquisa, os artesãos, um processo de educação/formação através das oficinas dialogadas.

Outrossim, este estudo apresentou uma importância social e acadêmica pelo desenvolvimento epistemológico, interventivo e interdisciplinar e vem contribuir com o acervo científico das produções (Dissertações) consultadas a respeito do tema nos portais da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Repositório Institucional da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nessas fontes de pesquisa acadêmicas foram encontrados trabalhos que discutem o artesanato e algumas questões referentes às associações de artesãos, que são: Barbosa (2015), Mendonça (2018), Silva (2017).

Quadro 1 - Dissertações encontradas nos últimos cinco anos sobre artesanato.

| IDENTIFICAÇÃO | AUTOR(ES) | ANO | TÍTULO | PALAVRAS-CHAVE |
|-------------------------------------|------------------------------------|------|---|--|
| Dissertação (Mestrado acadêmico) | Francisco Ranieri Moreira da Silva | 2017 | Configurações interorganizacionais no artesanato: o arranjo (inter)organizacional da atividade artesanal em Juazeiro do Norte, no Cariri cearense | Interorganização. Arranjo Interorganizacional. Artesanato. Organizações Artesanais. |
| Dissertação (Mestrado Acadêmico) | Carla Melissa Barbosa | 2015 | Histórias de vida e de costura: os saberes e sabores da mulher artífice | Histórias de vida. Saberes do trabalho. Costureiras. Sensibilidade. |
| Dissertação (mestrado Profissional) | Inajara Serpa de Mendonça | 2018 | Associação dos artesãos profissionais de Ipojuca: um projeto de revitalização. | Artesanato. Indústrias. Criativas. Inovação Planejamento Estratégico. Revitalização. |

Fonte: Repositório Institucional Universidade Federal da Bahia e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, 2020.

Silva (2017) abordou a configuração do arranjo interorganizacional do artesanato em Juazeiro do Norte/CE, quanto às suas dimensões histórica, relacional e estrutural com o foco nas organizações artesanais e nas tramas de relacionamentos que tecem entre si, abordando aspectos relacionados às trajetórias dos grupos artesanais e seus respectivos desenhos organizativos. Para tanto, teve a seguinte questão de pesquisa: como se configura o arranjo interorganizacional do artesanato no município de Juazeiro do Norte-CE em suas dimensões histórica, relacional e estrutural? Chegando à conclusão de que, apesar de ser uma atividade aparentemente simples, o artesanato envolve atributos de complexidade, os quais

são sinalizados, sobretudo pela diversidade, seja de formas organizacionais, de relações estabelecidas ou de arranjos possíveis. Assim, a configuração da atividade artesanal das organizações investigadas em Juazeiro do Norte/CE conforma uma estrutura interorganizacional composta de organizações com trajetórias, formatos e dinâmicas diferentes entre si, mas com forte componente identitário relacionado principalmente à cultura local.

Barbosa (2015) investigou as histórias de vida e de trabalho de costureiras de classes populares através de suas narrativas, problematizando a experiência de trabalho e o processo de produção de saberes dessas mulheres, tidas como essenciais para a formação profissional, que acontecem na atividade laboral. Concluindo que no desenvolvimento da pesquisa, conhecer através das narrativas, as trajetórias profissionais das costureiras desencadearam um movimento de reflexão para as colaboradoras e para a pesquisadora. Suas trajetórias são contínuas e a formação está atrelada a um modo de aprender centrado na observação do que está sendo feito e a experiência de trabalho.

Mendonça (2018) investigou a Associação dos Artesãos Profissionais de Ipojuca (AAPI), identificou que a única associação de artesãos da cidade possui relevância do ponto de vista cultural e econômico, mas que ainda assim enfrenta dificuldades, o que fez surgir a seguinte questão de pesquisa: quais problemas enfrentados pela AAPI impedem sua visibilidade e seu crescimento no eixo de turismo e cultura, e o reconhecimento pelos artesãos e comunidade local? Chegando à conclusão que os artesãos compreenderam o conceito de Indústrias Criativas, além de se perceberem como produtores desse segmento; que as dificuldades foram mapeadas, as expectativas identificadas e abordadas de forma adequada para que se pudesse saná-las, que, quando isto não for possível, será feito o melhor para minimizar suas consequências.

Os trabalhos aqui apresentados foram de grande importância para percebermos as lacunas de pesquisas que incidam na perspectiva interventiva e interdisciplinar no âmbito da educação/formação através do artesanato.

2.1 CONCEITUANDO EDUCAÇÃO FORMAL

A educação, em suas inúmeras modalidades, apresenta-se como um dispositivo para combater e diminuir as injustiças. Freire (2000) nos afirma que a educação é um instrumento capaz de transformar o mundo, é um processo que deve ser constante, cíclico, além de ser um ato político que coloca os indivíduos em contato com a educação enquanto capacidade de prática libertadora. Observando essas características, percebe-se que a educação está sofrendo mudanças a cada dia e se expandindo cada vez mais, para além dos muros da escola, possibilitando diferentes trocas de conhecimentos, experiências, construções e aprendizagens coletivas.

Colaborando com esses aspectos, três práticas perpassam a educação: a educação formal, a educação não formal e a educação informal. Compreende-se como educação formal aquela que acontece em espaços institucionalizados, direcionados por ações intencionalmente estabelecidas e sistematizadas. A educação não formal empreende as atividades de caráter intencional e iniciativas de aprendizagem de organizações fora do sistema de ensino. Já a educação informal caracteriza-se pelo desenvolvimento de aprendizagens no cotidiano, pelos indivíduos e suas experiências.

2.2 CONCEITUANDO EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Deste modo, o que podemos dizer é que a capacidade inerente da educação de aprender e socializar são perspectivas comuns a essas três práticas. Nesse sentido, Gohn (2014) compreende a educação não formal como

[...] um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. [...] O aprendizado gerado e compartilhado na educação não-formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas (GOHN, 2014, p. 40).

A educação não formal acontece no cotidiano, imbuída de práticas sociais, socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que embora não esteja sistematizada/vinculada à educação formal, é um processo político e sociopolítico voltado para a interação/integração dos sujeitos em sociedade, que possui e produz intencionalidades. Nesta perspectiva, a educação não formal volta-se para uma educação cidadã, para a formação de cidadãos que conheçam seus direitos e deveres da vida em sociedade. Objetivando, portanto, debruçar-se sobre as necessidades das pessoas sem se dedicar exclusivamente aos processos de ensino e aprendizagem sistematizados, como acontece na educação formal. De acordo com esse aspecto, Gohn (2008), enfatiza que

[...] aquela voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, homens e mulheres. Em hipótese nenhuma ela substitui ou compete com a educação formal ou escolar. Poderá ajudar na complementação desta, via programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizadas no território de entorno da escola. A educação não-formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno, mas ela tem também a possibilidade de desenvolver alguns objetivos que lhes são específicos, via a forma e espaços onde se desenvolvem suas práticas, a exemplo de um conselho, ou a participação em uma luta social contra as discriminações, por exemplo, a favor das diferenças culturais, entre outras (GOHN, 2008, p. 134).

De acordo com a autora, a educação não formal está voltada ao atendimento do ser humano por completo, independente de idade, sexo, cor ou classe social. A educação não formal possui um viés de inclusão e apresenta como uma de suas tarefas a de desmistificar alguns entendimentos e mostrar que, de forma alguma, intenciona atrapalhar a educação formal, mas, ajudar a atingir o que nela não foi possível de ser alcançado.

Por isso, podemos dizer de maneira objetiva que a educação não formal se preocupa com o sucesso escolar dos indivíduos, no entanto, interessa ainda mais a ela, o desenvolvimento integral do sujeito e não apenas as habilidades e capacidades pedagógicas valorizadas pela educação formal. É necessária uma união de forças que possibilite compreender as potencialidades das organizações, das culturas, da diversidade, dos movimentos sociais, das artes e de tantos outros contextos que visam caminhar sempre a favor das oportunidades educativas com vistas a garantir o pleno desenvolvimento da cidadania.

Isso posto, na busca de promover a cidadania, a educação não formal propõe alternativas para ampliação de aprendizagens em grupos, movimentos, comunidades e em todos os meios que a compõem e que representam atividades relevantes para o processo de formação do indivíduo.

Com isso, a educação não formal possibilita a interação e a viabilidade para que os projetos aconteçam com relevância e os sujeitos sintam-se pertencentes ao meio em que vivem, potencializando as lutas e o enfrentamento dos constantes desafios, dando vez e voz aos saberes e fazeres populares, construídos nos seus movimentos de luta que se materializam através da mobilização e organização de seus grupos, e tem na sua práxis, o próprio processo de aprender e de ensinar, de refletir e reconhecer o valor da sua resistência frente à ganância da elite hegemônica.

Na perspectiva de Gadotti (2012), a educação não formal “é mais difusa”, não segue o padrão hierárquico e de burocratização, estando fortemente ligada ao conceito de cultura, e tem sua duração variante, a depender de cada projeto e dos seus participantes.

2.3 CONCEITUANDO EDUCAÇÃO SOCIAL

Fortemente ligada aos movimentos sociais, organizações não governamentais, em projetos de inclusão social e afins, a educação não formal está atrelada à educação social e os sujeitos que a desenvolvem, que são os educadores sociais. Segundo Gohn (2009), o educador social vai além de um animador cultural, ele exerce um papel ativo/interativo, propondo desafios, dinamizando e construindo um processo participativo de qualidade, tendo no desenvolvimento da sua ação princípios, métodos e metodologias de trabalho, portanto, não é algo solto e meramente espontâneo.

Corroborando com Gohn (2009), Gadotti (2012) diz que:

O campo da educação social é muito amplo e compreende o escolar e o não-escolar, o formal, o informal e o não-formal. [...] A educação social compreende a educação de adultos, popular, comunitária, cidadã, ambiental, rural, educação em saúde e se preocupa, particularmente, com a família, a juventude, a criança e o adolescente, a animação sociocultural, o tempo livre, a formação na empresa, a ação social (GADOTTI, 2012, p. 17).

O autor aponta que é preciso compreender a educação social em um caráter amplo e complexo, pois envolvem as três práticas da educação: a formal, não formal e informal. Portanto, a educação social não só está presente na escola, mas vai além dos seus muros, dialogando com aspectos socioculturais dos indivíduos (de diferentes idades e contextos), das organizações e segmentos sociais.

Gadotti (2012) aponta ainda que entre as várias competências do educador social, estão: a resolução de problemas, o exercício de reflexão crítica comprometida, protagonismo no campo social e educativo, domínio técnico-pedagógico específico, tendo como uma de suas funções a socialização com os outros indivíduos participantes.

Quando dialogamos acerca do educador social, é inevitável destacar o olhar de Gadotti (2012, p. 7) sobre a educação popular que “tem sido a criação de uma nova epistemologia, baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana, problematizando-o, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a também, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário”. A Educação Popular busca um outro entendimento sobre o saber.

A construção da aprendizagem de interesse popular se materializa através do processo de um saber-fazer, que em Paulo Freire é a Pedagogia da Práxis, para a autonomia, emancipação, transformação. Saber este, descrito pelas suas trajetórias problematizadoras, reflexivas, contextualizadas e evolutivas. Ação-reflexão-ação na perspectiva de fundamentar a epistemologia de uma teoria da educação construída com o diálogo entre a academia e os saberes e fazeres populares. Partindo dessa lógica, Freire (2014) nos afirma que:

O conhecimento mais sistematizado é indispensável à luta popular e ele vai facilitar os programas de atuar [...]; mas esse conhecimento deve percorrer os caminhos da prática. Esse percurso, ele é imediato, o conhecimento “se dá” à reflexão através dos corpos humanos que estão resistindo e lutando, estão (portanto) aprendendo e tendo esperança (FREIRE, 2014, p. 41).

Freire (2014) defende uma educação popular contextualizada, historicizada, dialógica, politizada, numa perspectiva de transformação da realidade excludente. Tem sua organicidade nos movimentos populares de luta pela autonomia, liberdade,

emancipação das classes trabalhadoras de baixa renda, de seus oprimidos, trazendo na sua pedagogia da resistência e da esperança sua práxis, cujas aprendizagens do seu cotidiano de luta constituem seus objetos de saberes e fazeres. A sistematização de ação-reflexão-ação, concretizada no seu método popular de educação tem na oralidade sua maior essência como forma de entender e avançar nas suas lutas existenciais, concretas e humanas.

Pensando em todas essas especificidades proporcionadas pela educação e no tocante à intervenção com o grupo dos artesãos Feira na Vila de Petrolina é preponderante destacar que a educação popular toma por base o modelo social do processo de produção da atividade econômica do artesanato com o seu contexto de dificuldades e potencialidades. Nas observações e escuta das narrativas orais dos artesãos, a educadora popular começa a perceber uma reclamação generalizada do baixo nível das vendas do artesanato, entretanto, identifica nas peças artesanais alguns símbolos da cultura e da tradição local, o que demonstra que pode haver o interesse por parte desses atores no desenvolvimento de um artesanato de tradição. Essa cena do cotidiano empírico da educadora com o Grupo Feira na Vila aponta para a importância da construção coletiva de um projeto de formação que atendendo às necessidades e expectativas dos artesãos locais articule o projeto de formação às diversas questões de sustentabilidade.

Com efeito, o princípio de Educação/formação em espaço não formal constitui-se em algo organicamente situado em uma cultura, que como afirma Geertz (2008):

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 2008, p. 5).

Essa assertiva de Geertz nos inspira a pensar o potencial do artesanato nordestino, sobre a cultura local, a cultural regional, com vistas a estabelecer relações dialógicas com olhares insurgentes do povo nordestino através da tessitura da arte popular vincada no artesanato e a relação com diferentes saberes e dizeres do grupo de artesãos.

2.4 CONCEITUANDO CULTURA

Falando dos saberes e fazeres enquanto aspectos presentes no artesanato e na vida dos artesãos, não podemos deixar de mencionar o método particular de transmissão dessas tradições que, em sua maioria, ocorrem dentro das gerações de uma família e, conseqüentemente, refletem as questões culturais e mesmo identitárias. Tratando de forma mais específica sobre o termo “cultura” observamos que ele se apresenta tão amplo que nos impossibilita encontrar um conceito definitivo, único. O máximo que nos cabe, é dizer que cultura é tudo aquilo produzido pelo homem em contraposição ao que nos é dado pela natureza, pois, enquanto seres sociais aprendemos uns com os outros, através da convivência e também com o mundo físico, natural e artificial que nos cerca. Nesse sentido, Cascudo (1983, p. 39-41) nos afirma que “cultura é o conjunto de técnicas de produção, doutrinas, e atos, transmissível pela convivência e ensino, de geração em geração [...]”.

Assim, por cultura popular é fundamental sinalizar a contribuição de Dussel (2016) quando reitera a importância desta como sinônimo de resistência,

[...] como cultura popular, longe de ser uma cultura menor, é o centro menos contaminado e radiante da resistência do oprimido contra o opressor [...]. Para criar algo de novo, há de se ter uma palavra nova que irrompa a partir da exterioridade. Esta exterioridade é o próprio povo que, embora oprimido pelo sistema, é o mais distante em relação a este (DUSSEL, 2016, p. 53).

Segundo o autor, a cultura popular diz respeito ao que pertence à maioria do povo e que por isso, consegue atingir a maior parte da população, porém, não pode ser confundida com algo menor, ao contrário, é reflexo de luta, resistência e reconhecimento. Coadunando com esse autor, Quijano (2005, p. 19) nos diz que “é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos”. Isso significa romper com a colonialidade do poder, que através da imposição e dos padrões eurocêntricos nos aprisiona através de “uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocêntrico” (QUIJANO, 2005, p. 8).

Destarte, outra característica importante da cultura popular é que ela pode ser vista como um meio de resolução de problemas cotidianos, criada pelo povo e para o povo, abrangendo crenças, modos de viver, pensar, superar e resistir, principalmente, quando falamos do povo nordestino e da arte intrínseca desse povo que por meio de inúmeras linguagens, é capaz de existir. Nesse ínterim, nos traduz Santos (2009) que

[...] um epistemicídio maciço tem vindo a decorrer nos últimos cinco séculos, e uma riqueza imensa de experiências cognitivas tem vindo a ser desperdiçada. Para recuperar algumas destas experiências, a ecologia de saberes recorre ao seu atributo pós-abissal mais característico, a tradução intercultural. Embebidas em diferentes culturas ocidentais e não-ocidentais, estas experiências não só usam linguagens diferentes, mas também distintas categorias, diferentes universos simbólicos e aspirações a uma vida melhor (SANTOS, 2009, p. 52).

Com base na lógica defendida por Santos (2009) é possível perceber a visão excludente e preconceituosa ainda existente com relação a algumas culturas, nos dando uma visão clara de supervalorização de uma cultura, em detrimento de outras. Essa situação faz emergir o epistemicídio, que segundo o autor, trata exatamente da destruição de conhecimentos e invisibilidade de culturas que não são assimiladas pelo Ocidente branco, ocasionando inúmeras perdas, através da negação de conhecimentos de diferentes experiências e saberes plurais e imprescindíveis para o diálogo, principalmente, com os inúmeros campos de possibilidade da cultura popular.

Não obstante, o artesanato que é efetivado no bojo do grupo de artesãos Feira na Vila pode ser compreendido como uma expressão genuína de uma cultura que carrega a marca local, pois, ao construir suas peças, o artesão expressa o seu fazer, o seu conhecimento vincado na experiência geracional, revelando a originalidade de sua cultura e do seu território.

3 CONHECENDO O CONTEXTO E ATUAÇÃO DO GRUPO DE ARTESÃOS FEIRA NA VILA

Este capítulo teve como objetivo compreender o contexto e a atuação do grupo de artesãos Feira na Vila, assim como, suas necessidades objetivas diante do diálogo estabelecido com a pesquisadora na atuação como educadora popular.

Com efeito, além da transcrição da realidade objetiva do grupo de artesãos Feira na Vila, conceituamos artesãos e contamos com as contribuições dos seguintes teóricos: Dussel (2016); Freire (2000; 2005; 2014), Gadotti (2012), Gohn (2009; 2014), Geertz (2008), Libâneo (2005); Quijano (2005), Santos (2009) dentre outros autores.

A história da pesquisadora e educadora popular junto aos atores artesãos tem como pilares a educação/formação, a cultura e a economia popular fundamentada nos princípios, valores e concepção de um projeto contra hegemônico, cujas ações sempre tiveram a perspectiva da organização política comunitária em torno dos direitos humanos e sociais, buscando a melhoria na qualidade de vida do cotidiano desses atores e suas famílias.

No tocante a esse novo contexto territorial da cidade de Petrolina, sertão pernambucano, onde a mestrandia passou a residir desde 2017, dois aspectos são fundamentais a serem considerados para a pesquisa. O primeiro diz respeito à repercussão na vida dos sertanejos petrolinenses sobre a cultura da seca transformada da ideologia de miserabilidade humana à potência de maior região exportadora do agronegócio da fruta do Brasil. Refletindo sobre esse aspecto, percebe-se a intervenção de uma política pública de caráter econômico elitista. Entretanto, como polo de desenvolvimento, a cidade passou a disponibilizar muitas atividades produtivas e de trabalho com um mercado de exportação atrativo à mão de obra especializada, inclusive internacional, mas para o nativo com poucas oportunidades de formação, a exploração e a exclusão são fatores sociais ainda significativos.

O segundo aspecto também decorrente da produção, acumulação de riquezas e exclusão das minorias, agravado pelas políticas neoliberais mercantilistas, diz respeito ao déficit de atenção governamental para o segmento artístico-cultural onde o coletivo de atores diversos, particularmente os artesãos ainda sofrem da exclusão de múltiplos apoios e recursos imprescindíveis à

valorização das suas produções. Isso representa uma perda e uma dificuldade socioeconômica muito grande para essa categoria e para toda comunidade local, uma vez que o artesanato traz em sua essência um conjunto de simbolismos e significados identitários, história, memória e tradição popular do sertanejo nordestino que representam a força guerreira do povo, através da sua luta pela sobrevivência.

Esse contexto narrado nos parágrafos anteriores faz parte da vida de artesãos oriundos das comunidades pobres da periferia de Petrolina, homens e mulheres, arrimos das suas famílias que com extrema dificuldade optaram em viver e sustentar seus dependentes através da sua arte artesanato, inicialmente de forma autônoma, e agora, participantes do Grupo Feira na Vila.

3.1 CONCEITUANDO ARTESÃO

Antes de mais nada, é necessário apresentarmos uma breve definição e distinção entre o ser “artista” e o ser “artesão” e, para isso, utilizamos as especificidades de seus trabalhos, do seu saber artístico e do seu saber-fazer. É comum a utilização das palavras - “artista” e artesão” - como se elas fossem sinônimas, no entanto, as diferenças existem e dizem respeito a inúmeros aspectos dentre eles, a valorização do fazer artístico realizado por cada um desses profissionais. Nesse sentido, Lima (2003, p. 4) nos apresenta que:

Na realidade, se observarmos com atenção, veremos que esta questão se refere à distinção de classes sociais. Essa oposição resulta da dicotomia elite e povo e remete à mesma matriz que atribui às camadas dirigentes, o saber, opondo-se-lhes o fazer, necessariamente associado às camadas subalternas. Assim, supõe-se que tudo aquilo que advém da ação das elites é resultante de um conhecimento superior, é fruto do pensar, é o fazer artístico, negando-se às camadas populares da sociedade a capacidade de pensar, a possibilidade de conceber e se expressar racionalmente. A estas só resta o mero fazer. O fazer artesanal.

Percebemos nessa citação, como os artesãos são estigmatizados sobre o seu fazer, sobretudo por este não nascer da academia ou da elite, mas, através da sua cultura local, regional, muitas vezes transmitidas de forma intergeracional. Contudo, é importante afirmar que nenhum ato que parte da prática ou do fazer, nega o saber, ou seja, o pensar, o agir sobre o feito, o construído.

Como conceitua o Programa do Artesanato Brasileiro (2012, p. 11), artesão

é o trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria-prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças.

Assim, podemos afirmar que os artesãos de tradição, inspirados nas suas ancestralidades, têm a sensibilidade, a legitimidade e a resistência embricados na sua arte. Como todo produto artesanal, esse seguimento, tem seu público específico e o nativo artesão de uma comunidade, mesmo tendo seu ritmo próprio e a sua natureza artística, para sobreviver precisa demonstrar as formas de valorização, divulgação e vendas do seu fazer manual.

Assim, esses artesãos, mestres das artes manuais lidam com diversas técnicas do artesanato: escultura, marcenaria, talha, bordado, crochê, fuxico, pintura, costura, curtume, pedraria, retalho, ceramista, reciclagem, customização. Na sua grande maioria desenvolveu com primor as técnicas de artesanato.

Uma das primeiras iniciativas que a mestranda teve ao chegar em Petrolina, foi procurar os artesãos para conhecer e verificar o interesse deles em começar um trabalho de organização e formação. Através dos encontros e reuniões com eles, detectou que a questão do domínio das técnicas artesanais apresentava um nível satisfatório. Por outro lado, diante da própria narrativa dos artesãos e do seu olhar de educadora popular, a pesquisadora percebeu em conjunto com eles, o quanto os produtos do artesanato local poderiam ser beneficiados com a releitura da sua estética artístico-cultural.

Certamente, isso conotou a necessidade do desenvolvimento de um trabalho de formação, com leituras, pesquisas de temas, estudos e planejamento de produtos, mercado, de ferramentas tecnológicas, redes sociais para a divulgação, socialização e vendas, assim como estruturação de espaços que potencializasse a divulgação e a valorização desse artesanato local.

Esse grupo de artesãos Feira na Vila começou a se organizar há um ano com a liderança e apoio do Sr. Guará que também é um membro do grupo, produzindo o seu café artesanal. A mestranda e educadora popular se integrou ao grupo, nesse mesmo período, apoiando o Sr. Guará na organização dos eventos, divulgação e

valorização desse coletivo de artesãos. Ela articula ainda cordelistas e arte-educadores como seus parceiros, viabilizando nas feiras de artesanato o espaço do sarau literário com recital e vendas de cordéis, leitura e contação de histórias com teatro de bonecos.

3.2 GRUPOS DE ARTESÃOS FEIRA NA VILA

Há um bom tempo, poucos artesãos do Grupo Feira na Vila utilizavam o Espaço Municipal de Artesanato denominado de Centro de Artes Mestre Quincas (figura 2), cujo nome faz uma homenagem ao primeiro artesão de Petrolina, o artista plástico já falecido, Joaquim Correia Lima. Esse espaço atualmente se encontra em reforma na sua estrutura física e apesar de nos anos iniciais de sua fundação, por volta da década de oitenta, ter sido um ponto de cultura e de turismo muito importante para a cidade, ao longo dos anos foi perdendo paulatinamente esse papel imprescindível à valorização do artesanato local.

Figura 2 - Oficina do Artesão Mestre Quincas (da esquerda para a direita: carranca, fachada do Centro artes Mestre Quincas).



Fonte: Fotos Retiradas do Blog Waldiney Passos/ Vapor do Vinho, Petrolina, 2020.

Com o fortalecimento do coletivo - Grupo Feira na Vila, que hoje já dispõe de uma página de divulgação e promoções no aplicativo do *Instagram* (figura 3), os artesãos participantes vêm realizando sistematicamente reuniões cuja pauta trata de importantes questões referentes à análise das condições, espaços, apoio, parceiras e possibilidades de vendas de seus produtos bem como, organização e

planejamento de Feiras de Artesanato (figura 4) que ocorrem semanalmente, nas praças da cidade de Petrolina.

Figura 3- Logomarca Grupo Feira na Vila.



Fonte: Perfil do *Instagram* @feirनावila2019, 2020.

Figura 4 - Grupo Feira na Vila.



Fonte: Fotos tiradas pela pesquisadora, 2020.

Há uma perspectiva desse grupo ter seu estatuto, ter seu registro como organização da sociedade civil. Porém, as dificuldades de comercialização com todos os fatores implicados e o cotidiano de produção do artesanato e montagem das feiras é tão intenso que não se teve condições ainda de discutir mais profundamente sobre a constituição dessa entidade de coletivo, assim a necessidade de uma educação/formação.

Nos diálogos entre os artesãos observou-se também posicionamentos distintos, referentes aos interesses de organização coletiva e/ou individual nas etapas de produção, divulgação e comercialização dos produtos artesanais.

3.2.1 Conceituando artesanato

O Programa de Artesanato Brasileiro (PAB) conceitua o artesanato como sendo:

[...] toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios (PAB, 2012, p. 12).

O artesanato diante de um modelo de sociedade industrializada de produção de massa enfrenta grandes dificuldades porque sua natureza artística e humanizadora transcende à relação consumista de compra, venda e acumulação de riqueza do capitalismo. A começar da própria identidade da pessoa como artesão. Para ser artesão é preciso que esta pessoa não tenha pretensão de acumulação de riquezas e nem de fazer concorrência no mercado tomando por base a produção de cunho meramente mercadológica.

O artefato manual exige da pessoa que ela seja um ser com dons e interesses artísticos que valorize a cultura, as tradições, que se disponibilize a trabalhar com temas que tenham sentidos, significados e estéticas valiosos para o público demandado. Isso exige leitura, pesquisa, experimentação, dedicação para o desenvolvimento de um produto sustentável, mas de uma beleza utilitária, mas o importante que olhe o artefato manual sintá-se tocado pela sua essência representativa.

Se não tiver esse perfil, esse interesse, o que vai continuar acontecendo é que o artesanato, que já não tem o apoio necessário das políticas públicas, não se tornará vendável e os artesãos permanecerão reclamando das vendas e adoecidos, porque não tendo a identidade artesã, conseqüente não produzirão belos artesanatos vendáveis. É notório o potencial de mercado do artesanato popular, uma vez que a elite de comerciantes com seu capital de giro desenvolve produtos belíssimos de artefatos, à custa da exploração da mão de obra do pobre artesão, vendendo nas suas lojas de aeroportos e *shopping centers* os produtos artesanais a preços especulativos e ficando com grandes lucros desse segmento econômico.

Diante dessa realidade contextual, o grupo de artesãos anseia pela oportunidade de vivenciar educação/formação com vistas potencializar novas perspectivas acerca do fazer artesanal nesse território com intenção de garantir a visibilidade e valorização de seus produtos que carregam cultura, vida, alma e representatividade.

4 DESCREVENDO O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo descrevemos todo percurso metodológico, tendo como contribuição os autores: Minayo (2011); Godoy (1995); Lüdke e André (1986); Haguette (2010), dentre outros, com vistas descortinarmos todo caminho da pesquisa, assim como a implementação dialogada da intervenção no processo de educação/formação dos artesãos.

O caminho metodológico ancorou-se na pesquisa qualitativa, a qual na perspectiva de Minayo (2011, p. 21) compreende “o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade”. Desta forma, possibilita ao pesquisador um contato maior com o ambiente da pesquisa, permitindo adentrar ao mundo dos sentimentos/emoções e significados, através do que dizem e pensam os sujeitos da pesquisa. Assim, a pesquisa qualitativa dá ênfase ao processo, ou seja, não busca somente o resultado. Desta forma, o caminho percorrido até ele e a análise são extremamente importantes.

Com efeito, a importância da pesquisa qualitativa nos estudos relacionados à educação em espaços não formais, constituiu-se como um dispositivo para a construção dos sujeitos enquanto seres sociais que são capazes de aprender e partilhar experiências ligadas tanto à vida pessoal como profissional. Sendo assim, esta abordagem nos permitiu compreender melhor o fenômeno da educação/formação implementado em um grupo de artesãos petrolineses, em toda sua complexidade.

Dessa forma, houve uma preocupação durante todo o processo da pesquisa com o percurso, tanto por parte da pesquisadora, como por parte dos artesãos, sujeitos da investigação, pois, tivemos como mote de conduta na pesquisa a compreensão dos sentidos construídos pelos artesãos sobre suas próprias práticas, assim como os reflexos das formações em suas trajetórias de vida, pois como nos afirma Minayo (2011), a pesquisa do tipo qualitativa lida com aspectos relacionados ao campo de significados, motivos, desejos, concepções, valores e atitudes, concordando com um espaço de profundas inter-relações, situações que não podem ser quantificadas. Nesse sentido, Godoy (1995) salienta que:

Muitos pesquisadores de orientação qualitativa fazem seu trabalho de campo através de observação e entrevista, empregando muito do seu tempo no local da pesquisa, em contato direto com os sujeitos. Registram suas notas, analisam seus dados e escrevem os resultados obtidos, incluindo descrições de trechos de conversas e diálogos (GODOY, 1995, p. 62).

Portanto, priorizamos o cuidado, como nos afirmam Lüdke e André (1986, p. 13) em “retratar a perspectiva dos participantes”, permitindo a pesquisadora captar os significados que as pessoas deram à sua vida, ao seu trabalho e as suas atuações no campo do artesanato. Essa compreensão norteou a conduta da pesquisadora durante a escuta da história oral, das entrevistas, das observações e registros efetivados das oficinas de intervenção.

4.1 CARACTERIZANDO A HISTÓRIA ORAL

Destarte, optamos pela História Oral por entendermos ser de extrema relevância que a história do tempo presente possa ser contada por pessoas que vivam e sejam protagonistas desse tempo, podendo debater e/ou testemunhar os fatos por tê-los presenciado, como nos diz Alberti (1996, p. 1) “a história oral diz respeito a toda uma postura que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”.

Assim, é possível perceber que a História Oral apresenta as suas particularidades, principalmente, no que diz respeito à escuta sensível dos sujeitos da pesquisa como, também, nas intervenções e posicionamentos, pois como nos afirma Haguette (2010),

[...] precisa-se considerar que a História Oral está preocupada com o que é relevante e significativo para a compreensão da sociedade e não na acumulação anárquica de supostas peças de evidências que não acrescentam nada aos dados já existentes [...] (HAGUETTE, 2010, p. 93).

Em face ao exposto e ainda coadunando com Haguette (2010) normalmente a escolha do tema da História Oral manifesta-se por meio de interesse dos pesquisadores em apresentar algum feito desconhecido e de relevância para a sociedade, assim como a escolha dos entrevistados deve obedecer a um padrão muitas vezes intencional no sentido de enriquecer a pesquisa.

Outra característica importante, diz respeito ao tipo de entrevista ou enfoque histórico adotado, que na História Oral pode ser a entrevista biográfica que inclui personalidades que desempenharam papéis relevantes ao longo de suas vidas, ou a entrevista temática que apresenta uma participação mais restrita, como o ofício de ser artesão, mesmo que esse ofício esteja presente durante um longo período de sua vida.

4.1.2 História oral temática

Diante desse cenário, escolhemos a história oral temática por conta da importância que ela representa frente à voz dos excluídos, dos oprimidos e isto relacionado no contexto dessa pesquisa, oportunizou a escuta das vozes dos artesãos, pois, como nos afirma Haguette (2010), é através da interação com o outro que torna-se possível entender como ele sente o mundo, as suas opiniões e os valores que ele carrega, o que pode ser considerado laborioso caso seja utilizado métodos de pesquisas tradicionais, principalmente se embasadas em documentos oficiais.

Além da história oral temática utilizamos como instrumentos de coletas de informações a entrevista semiestruturada e a observação, pois como destaca Lüdke e André (1986, p. 34) a entrevista semiestruturada “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. Assim, está possibilitou neste trabalho um contato direto entre a pesquisadora e os colaboradores da pesquisa, bem como uma melhor compreensão da realidade investigada, oportunizando o conhecimento da visão destes sujeitos do objeto de investigação.

Já a observação foi outra estratégia utilizada nessa pesquisa que, segundo Oliveira (2007) possibilitou a pesquisadora:

[...] interagir com o contexto pesquisado, ou seja, deve estabelecer uma relação direta com grupos ou pessoas, acompanhando-os em situações informais ou formais e interrogando-os sobre os atos e seus significados por meio de um constante diálogo (OLIVEIRA, 2007, p. 81).

Nesse sentido, é relevante dizer que a observação foi efetivada nas entrevistas e oficinas realizadas, permitindo acompanhar as participações,

assiduidade, interações, reações e movimentos dos artesãos em relação às agendas e contextos implicados nesses diversos eventos. Destaca-se a importância de também observar a relação entre os artesãos mais experientes com os menos experientes, o interesse e desdobramento desse coletivo nas formações vivenciadas pelo grupo.

Assim, a história oral, as entrevistas semiestruturadas e a observação nos proporcionaram importantes vias de acesso às subjetividades dos sujeitos pesquisados, pois as ações e os comportamentos cotidiano e suas interações objetivaram compreender visões de mundo e formas de pensar. As experiências sociais também atuaram como constituintes dos processos de educação/formação vivenciado durante as oficinas temáticas.

4.2 O *LOCUS* DA PESQUISA

Situada no submédio São Francisco como descrita na introdução desta pesquisa, o município de Petrolina é reconhecido como próspero, em pleno desenvolvimento, face ao polo do agronegócio exportador assim como pelas suas belezas naturais: o grandioso Rio São Francisco; a fauna e a flora do sertão nordestino brasileiro; as tradições, arte e cultura sertaneja; bem como pelo seu povo guerreiro, produtor e resiliente desse território pernambucano. Localizado em pleno Sertão Nordeste, o município de Petrolina é banhado pelo Velho Chico, cuja abundância em recursos hídricos sustenta a irrigação local e fornece a infraestrutura da hidroelétrica de Sobradinho, garantindo o processo local e acelerando o crescimento. É a cidade que apresenta a maior evolução da Região Nordeste, sendo considerada grande exportadora de frutas do Brasil.

Petrolina apresenta belíssimos núcleos urbanos e paisagísticos, os quais constituem a riqueza do seu patrimônio artístico, histórico e cultural e a preservação da sua memória. O Museu do Sertão (figura 5) relata toda a história local e conta as façanhas dos heróis da região sertaneja: seus modos de vida, costumes e tradições, oriundos da cultura do couro, da madeira e da argila, assim como da típica fauna e flora da caatinga, que é o único bioma genuinamente brasileiro.

Figura 5 - Fachada do Museu do Sertão.

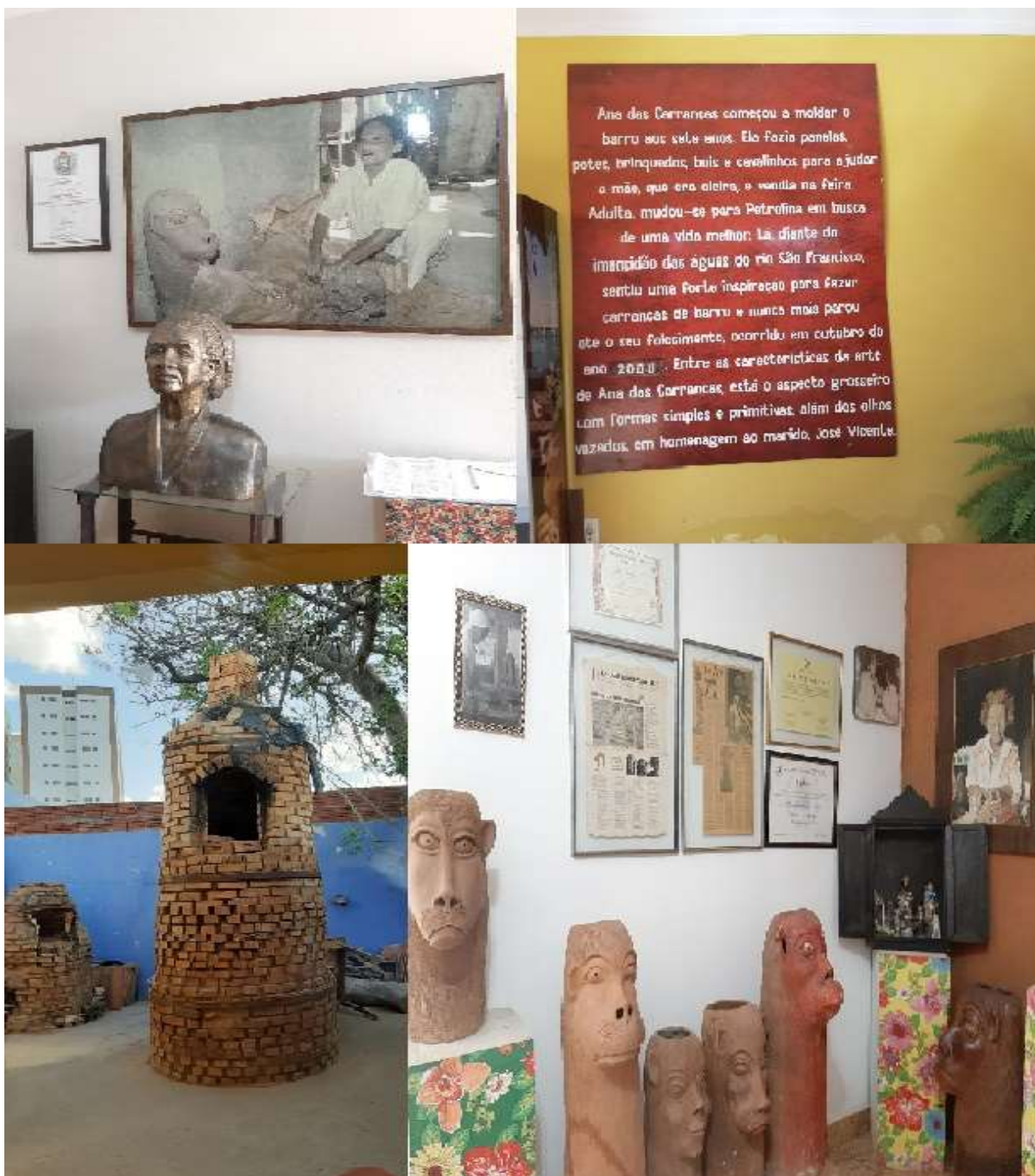


Fonte: Fotos tiradas pela pesquisadora, 2020.

Diante desse cenário, é notório destacar como uma das manifestações da arte deste povo de Petrolina a oficina do Artesão Mestre Quincas, que consiste em um espaço organizado por associações e reúne escultores em madeira. Carrancas, santos e animais são alguns exemplares de peças artísticas desse espaço, o qual tem sua área disponibilizada também para as artesãs bordadeiras, tricoteiras, crocheteiras, costureiras, que produzem artefatos ambientais, acessórios e vestuários com temas da tradição local, através da sua arte manual.

Muitos desses artefatos representam as lendas do Velho Chico que, em suas histórias buscam a defesa da riqueza da biodiversidade da região. Nesse sentido, destaca-se também o Centro de Artes Ana das Carrancas, figura 6, que preserva e divulga esse símbolo dos ribeirinhos e pescadores do São Francisco, com sua expressiva arte cerâmica.

Figura 6 - Centro de Artes Ana das Carrancas (da esquerda para a direita primeira linha: busto de Ana, história da arte de Ana; da esquerda para a direita segunda linha: forno de cerâmica, carrancas).



Fonte: Fotos tiradas pela pesquisadora, 2020.

Conforme explicitado nas fotografias, Ana da Carranca, figura emblemática, iniciou sua arte aos sete anos, inspiradas no ofício da sua mãe, a olaria. Quando adulta, na cidade de Petrolina, inspirou-se em produzir carrancas, especialidade que manteve até sua morte mantendo a singularidade do seu trabalho.

Vale ressaltar que a cidade de Petrolina tem um povo, como já registramos, guerreiro, trabalhador e hospitaleiro com muita potencialidade em suas técnicas profissionais e múltiplas habilidades artesanais. Entretanto, pelo déficit de programas de formação e fomento aos produtos artesanais percebe-se limitações estéticas nas temáticas e no design dos respectivos produtos. Observa-se também que falta valorização, divulgação e reconhecimento, inclusive pelas redes sociais locais e pelas políticas públicas.

Diante dessa realidade, através da iniciativa de lideranças voluntárias e pelo sentimento de solidariedade e coletividade, o grupo de artesãos Feira na Vila vem consolidando resistentemente várias frentes de valorização do artesanato, promovendo feiras típicas, saraus literários com a gastronomia e apresentação de artistas local. São iniciativas que estão descobrindo as riquezas das redes sociais na perspectiva de legitimar e identificar o artesanato como uma expressão da cultura local. A convivência entre os artesãos vem fortalecendo o interesse pelas atividades artesanais e como segmento socioeconômico, oportunizando a geração de renda e a melhoria da qualidade de vida.

Inicialmente, o *locus* da pesquisa escolhido, foi em um espaço aberto localizado em praças públicas da cidade de Petrolina, de forma itinerante, onde o grupo de artesãos Feira na Vila se reunia uma vez por mês e participava de ações que visualizavam a valorização do artesanato como manifestação cultural, vinculado à cultura popular sertaneja e nordestina.

Contudo, no mês de maio/2020 quando nos preparamos para efetivação das entrevistas, observação e oficinas, fomos acometidos pela pandemia da Covid-19, condição essa que motivou a incorporação de novas alternativas para desenvolvimento da pesquisa, tendo em voga o isolamento social, sobretudo, na cidade de Petrolina que teve que se adaptar à realidade de reclusão em suas residências. Nesse sentido, efetivamos nossas entrevistas, oficinas e observações com a mediação tecnológica através da ferramenta do Zoom. Por conta disso, ocorreram dificuldades de refazer a agenda, que havia sido planejada anteriormente, de forma presencial.

4.3 ARTESÃOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para iniciação do trabalho, o líder do grupo de artesãos Feira na Vila do município de Petrolina foi informado sobre os objetivos da pesquisa, assim como a iniciação de intervenção e colheita de informações, as quais só aconteceram após aprovação do projeto pelo comitê de ética, o qual foi aprovado sob o número CEP - Autorização nº 3.937.949.

Após autorização do líder do grupo de artesãos Feira na Vila, os membros do grupo foram informados sobre a importância da investigação, assim como do seu objetivo principal. Assim, 6 artesãos manifestaram interesse em participar da pesquisa, que diante do momento pandêmico tivemos que atender diferentes necessidades e percalços como: intermitência de acesso à internet e em alguns casos ausência dela, mas, atingimos o contato com cada artesão conforme o quando a seguir:

Quadro 2 - Caracterização dos artesãos da pesquisa.

| Nome | Idade |
|-------------------|--------------|
| Flor de Mandacaru | 55 anos |
| Maria Bonita | 53 anos |
| Sertaneja | 52 anos |
| Maria Arteira | 79 anos |
| Vagalume | 48 anos |
| Guará | 55 anos |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Conforme explicitado no quadro anterior, os 6 artesãos que aceitaram participar desta pesquisa de forma voluntária estavam enquadrados nos critérios de inclusão a seguir: a) ter faixa etária acima de 30 anos; b) ser residente da cidade de Petrolina-PE; c) Participar do grupo Feira na Vila; e d) ter carga horária mínima de 20 horas com o artesanato. Em tempo, é importante destacar que os colaboradores desta investigação interventiva tiveram a autonomia de escolherem seus nomes fictícios, com vistas a garantir sigilo, assim como assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias, ficando uma via na posse do artesão e a outra na posse da pesquisadora.

Sabemos que toda pesquisa demanda riscos, sobretudo, aquelas que lidam diretamente com seres humanos e com as suas subjetividades. Nesse sentido, para minimizar e/ou evitar qualquer interferência negativa à saúde do grupo de artesãos Feira na Vila de Petrolina-PE, foram tomadas as seguintes atitudes: garantir sala virtual reservada durante as entrevistas e a liberdade de não responder a questões que lhe remetesse a qualquer sensação de constrangimento; garantir que a pesquisadora mantivesse os procedimentos sobre a coleta das informações, assim como estivesse atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto apresentados pelos artesãos.

No entanto, a pouca familiaridade de todos os colaboradores da pesquisa, inclusive da mestranda com as plataformas virtuais, procedimentos e instrumentos tecnológicos, dificuldade de acesso à internet, falta de equipamentos ou equipamentos obsoletos, demandaram a busca por assessoria na área de tecnologia.

Apesar de todo o apoio de grande valor a esse trabalho referente às questões tecnológicas, nem todos os artesãos, puderam responder a entrevista pela Plataforma Zoom. Desta forma, nas entrevistas utilizamos, também, a gravação presencial, tomando todas as medidas sanitárias orientadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), tais como, o uso de máscaras e o distanciamento físico.

Vale ressaltar, que diante desse contexto de pandemia, essa assessoria da tecnologia da informação, que já era importante, tornou-se mais imprescindível e, portanto, permanece atuando no apoio à pesquisa, no tocante a todo o processo virtual referente à coleta e registro de dados.

4.4 PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÃO DAS OFICINAS DIALÓGICAS

Diante desse panorama, e mesmo com muitas dificuldades, existiu um aspecto positivo, que diz respeito às aprendizagens desenvolvidas por todos os participantes com relação à formação e ao letramento digital. Assim, além das entrevistas e história oral (individuais), efetivamos as intervenções com base no resultado do questionário diagnóstico (APÊNDICE B) oriundo do projeto de intervenção (APÊNDICE F), o qual indicou a efetivação de 4 oficinas (virtuais), apresentadas de forma detalhada nos quadros e nas imagens abaixo, ressaltamos

que as fotos contidas foram devidamente autorizadas pelos participantes da pesquisa.

A **oficina 1: “Pensando na saúde mental em meio a pandemia”** foi efetivada pela psicóloga Janara Teixeira, mestranda do MPIES, juntamente com a pesquisadora, com vistas a acolher os artesãos em tempo de pandemia. Esta oficina contextualizou um momento histórico pandêmico que estamos vivendo destacando situações de stress, ansiedade, medos diante das perdas, dentre outros elementos tangenciados nas reflexões sobre a necessidade da implementação de cuidados voltados para a saúde mental dos participantes, com vistas a diminuir o sofrimento psíquico vivenciado diante do isolamento social e do afastamento das atividades presenciais.

Figura 7 - Cartaz de divulgação da Oficina 1.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Figura 8 - Oficina virtual 1.



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora, 2020.

Quadro 3 – Oficina “Pensando na saúde mental em meio à pandemia”.

| ELEMENTOS DIDÁTICOS | PROCEDIMENTOS |
|---------------------|---|
| TEMA | Oficina: Pensando na saúde mental em meio à pandemia. |
| OBJETIVOS | <ul style="list-style-type: none"> - Permitir que os artesãos participantes possam expor suas angústias oriundas da pandemia mundial da Covid-19; - Propor estratégias de enfrentamentos diante das perdas, estresse, ansiedade e medo que podem estar impactando a vida emocional desses artesãos; - Preconizar cuidados voltados para a saúde mental dos participantes a fim de prevenir ou diminuir sofrimento psíquico e o aparecimento de manifestações psicopatológicas. |
| CONTEÚDO | Saúde mental/bem-estar/vida produtiva/manejo do estresse/rotina diária. |
| METODOLOGIA | A oficina foi idealizada para um único encontro através de reunião com o grupo, por meio do aplicativo Zoom (gratuito), com orientações para a saúde emocional na prática. A atividade foi desenvolvida baseada em orientações e protocolos em saúde mental, sendo aplicado ao tema conceitos relevantes sobre a segurança emocional para as participantes. |
| RECURSOS | Aplicativo Web Conferência Zoom. |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

A **oficina 2: “Mãos Solidárias Que Fazem e Doam Máscaras”** aconteceu sobre a responsabilidade da pesquisadora, com vistas a compartilhar técnicas,

produzir e distribuir máscaras protetoras em instituições socioeducativas do terceiro setor e comunidades carentes, diante do período pandêmico da Covid-19. Essa oficina possibilitou atitudes altruístas de responsabilidade, solidariedade social e proteção às populações de baixa renda e moradores de ruas, além de deixar marcada a importância da educação social em espaço não formal mostrando a força da horizontalidade dos saberes, pois, na efetivação dessa oficina ficou evidenciado a troca espontânea e o compartilhamento de si e do outro.

Figura 9 – Cartaz de divulgação da Oficina 2.



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora, 2020.

Figura 10 - Oficina virtual 2.



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora do processo de construção e entrega das máscaras, 2020.

Figura 11 - Expressão artística e identitária da oficina.



Fonte: foto tirada pela pesquisadora, 2020.

Esse mosaico foi efetivado como registro da marca identitária de cada artesã diante do artesanato que fazem no seu cotidiano. Dessa oficina de educação/formação de feitura e doação de máscaras é importante destacar que esse ato de solidariedade gerou esse mosaico tão lindo e representativo da marca artesanal do saber/pensar de cada artesã diante do momento pandêmico que estamos vivenciando, assim como recebeu o reconhecimento social da ação efetivada. Fato que motivou as artesãs autorizarem o uso da imagem neste trabalho. (Apêndice D).

Quadro 4 – Oficina “Mãos Solidárias Que Fazem e Doam Máscaras”.

| ELEMENTOS DIDÁTICOS | PROCEDIMENTOS |
|----------------------------|--|
| TEMA | Mãos que fazem e doam máscaras solidárias. |
| OBJETIVOS | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentar técnicas artesanais diversas, no processo de confecção de máscaras protetoras contra a pandemia da Covid-19; - Produzir máscaras protetoras contra a Covid-19, disponibilizando da mão de obra das artesãs e colaborando com a doação desses equipamentos de proteção individual (EPI) a comunidades de vulnerabilidade socioeconômica; - Distribuir máscaras protetoras com instituições socioeducativas do terceiro setor, desenvolvendo atitudes altruístas de responsabilidade, solidariedade social e proteção às populações de baixa renda e moradores de ruas. |
| CONTEÚDO | <ul style="list-style-type: none"> - Processo artesanal de corte, costura e finalização de máscaras contra a Covid-19; - Explanação de técnicas de bordado (ponto correntinha, mozinho francês e ponto reto); pintura e desenho (uso da caneta para tecido); crochê (correntinha e ponto duplo), utilização de retalhos (modelagem e emendas dos retalhos) e fuxico (modelagem e alinhava dos círculos); - Educação Social. |
| METODOLOGIA | <ul style="list-style-type: none"> - Oficinas virtuais, por meio do aplicativo Zoom (gratuito); - Demonstração e detalhamento técnico do processo de confecção de máscaras: modelagem, corte, costura e acabamento; - Demonstração e orientação das técnicas utilizadas do bordado, do fuxico, do crochê, da costura em retalho, da pintura e do desenho com caneta para tecido. |
| RECURSOS | <ul style="list-style-type: none"> - Aplicativo Web Conferência Zoom; - Tecidos: linho e tricoline 100% algodão; - Agulha, linha, tesoura, caneta para tecido, máquina de costura, elástico, miçangas, cola para tecido. |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

A **Oficina 3: “Retalhos de Chita em Juta”** foi efetivada pela artesã mais experiente, com 79 anos de idade e 60 anos de artesanato – Isaura Alencar. Teve

como foco ratificar o movimento de troca entre os artesãos, sobretudo das experiências construídas ao longo da vida com/no artesanato, exercitando a perda do medo de mostrar o que se faz diante do que sabem, pois, esse compartilhamento pode gerar um saber novo para as novas artesãs que estão chegando ao grupo ou para a ressignificação dos saberes delas. Vale ressaltar que essa oficina demonstrou um cuidado com o reaproveitamento de material, como os retalhos de chita, os quais, através do trabalho desenvolvido ganharam vida nova na tessitura e construção do mosaico articulado com a juta. Ademais, reiterou o cuidado com o meio ambiente, pois o que seria jogado fora vira arte genuína desse grupo que pensa e age com responsabilidade social.

Figura 12 – Cartaz de divulgação da oficina 3.



Oficina:
Retalhos de
Chita em Juta

VIA ZOOM

DIA 21/09 ÀS 17:00

Responsável:
Artesã Isaura
Alencar

epods Instituição política pública de desenvolvimento social MPIES Município de Ilheus  República Federativa do Brasil **UNEB** Universidade Estadual do Nordeste

Fonte: Foto tirada pela pesquisadora, 2020.

Figura 13 - Oficina virtual 3.



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora, 2020.

Quadro 5 – Oficina “Retalhos de Chita em Juta”.

| ELEMENTOS DIDÁTICOS | PROCEDIMENTOS |
|---------------------|---|
| TEMA | Oficina: Retalhos de chita em juta. |
| OBJETIVOS | <ul style="list-style-type: none"> - Explicar as técnicas de corte, aproveitamento de retalhos, alinhavo e costura da chita sobre a juta; - Apresentar o passo a passo da distribuição dos espaços em quadrinhos para o desfilamento da juta; - Explicar e demonstrar o bordado que emoldura os quadros de retalhos de chitas; - Apresentar as inúmeras possibilidades de uso da técnica. |
| CONTEÚDO | Processo e métrica para desfiar a juta; corte e alinhavo de retalhos de chita em forma de quadrados, estética para uso das cores de linhas; confecção dos pontos de bordado que emolduram os quadros da chita. |
| METODOLOGIA | A oficina foi idealizada para um único encontro, com explanação oral e prática, por meio de aplicativo Zoom (gratuito). |
| RECURSOS | Aplicativo Web Conferência Zoom; juta; retalhos de chitas, tesouras, agulhas, linhas. |

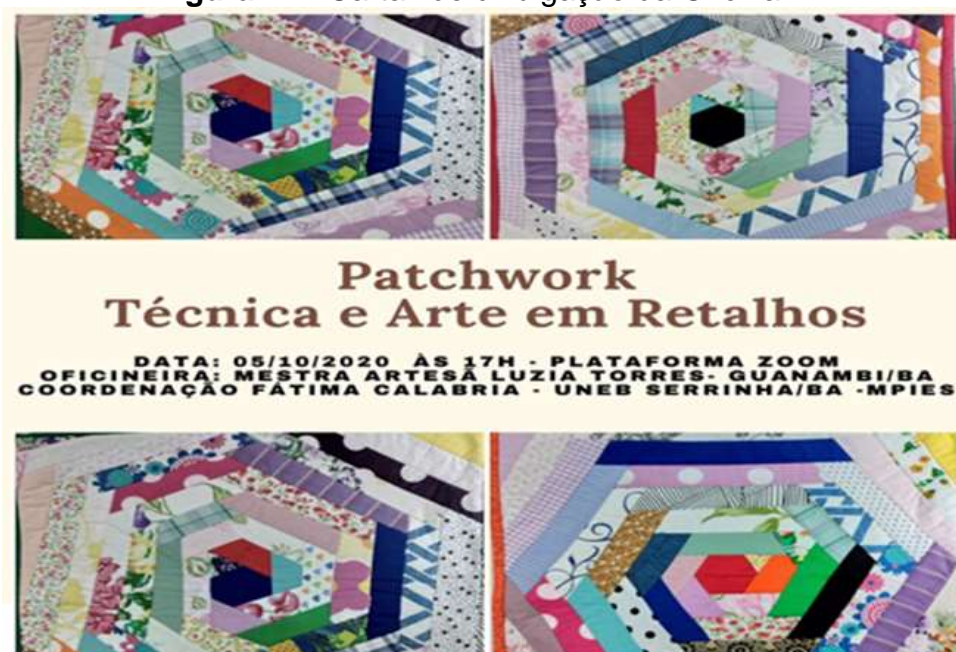
Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

E, por fim, a **Oficina 4: “Patchwork: Técnica e Arte em Retalhos”** foi realizada pela mestra artesã Luzia Torres da cidade de Guanambi - Bahia, a qual tem o reconhecimento regional e nacional pela qualidade do seu trabalho com o artesanato. A oficina apresentou como temática central a técnica e arte em retalhos, conhecida como *Patchwork*.

Outrossim, a artesã compartilhou com o grupo o passo a passo dessa oficina detalhando a utilização dos restos de tecido possibilitando a confecção de artefatos com qualidade técnica e vendáveis. Vale ressaltar que essa oficina representou para os artesãos a possibilidade de compartilhar com alguém que tem sucesso junto ao artesanato outras formas de utilização de técnicas conhecidas que podem ser ressignificadas pelos membros do grupo Feira na Vila, sem com isso perder a sua identidade local, regional e cultural.

É importante deixar ainda que nessa oficina, em específico, por conta da intermitência do sinal da internet daicineira, ela foi gravada, disponibilizada em vídeo e mediada pela pesquisadora durante a exposição.

Figura 14 - Cartaz de divulgação da Oficina 4.



Fonte: foto tirada pela pesquisadora, 2020.

Figura 15 - Oficina virtual 4.



Fonte: foto tirada pela pesquisadora, 2020.

Quadro 6 – Oficina “Patchwork: Técnica e Arte em Retalhos”.

| ELEMENTOS DIDÁTICOS | PROCEDIMENTOS |
|---------------------|--|
| TEMA | Oficina: <i>Patchwork</i> : Técnica e Arte em Retalhos. |
| OBJETIVOS | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentar o passo a passo da costura artesanal da técnica e arte em retalhos, conhecida como <i>patchwork</i>, especificamente a costura seminole. - Oportunizar a economia e a utilização de restos de tecidos, possibilitando a confecção de artefatos ambientais com qualidade e estética vendáveis. - Desenvolver a criatividade das artesãs em suas pesquisas e construções estéticas. |
| CONTEÚDO | Apresentação e explicação do uso dos materiais e instrumentos para o <i>patchwork</i> , da modalidade seminole; utilização da técnica em diversos tecidos, panos e toalhas; corte das tiras de tecidos e estéticas de cores lisas, claras, escuras e florais; metragem e marcação com lápis específico, dos cortes de ralhos; etapas, do processo de colocação e costura dos retalhos; técnica do uso do ferro nos acabamentos; valorização, custo e preço do artesanato de <i>patchwork</i> . |
| METODOLOGIA | Apresentações de peças artesanais com a técnica estudada; explanação oral e prática dos procedimentos e etapas do processo; como passar o ferro nos tecidos, evitando o sombreamento dos retalhos; dicas para facilitar a operacionalização e a perfeição do <i>patchwork</i> . |

| | |
|-----------------|---|
| RECURSOS | Aplicativo Web Conferência Zoom. Materiais Básicos: Cortados rotativo (Rotary Cutter 45mm); Caneta Fantasmilha; Tesoura afiada para tecido; Máquina de Costura; Alfinetes; Linha 100% algodão; tecidos de algodão liso e estampados; Régua de acrílico ;30x15 Ferro de passar; Lápis 6B; desmanchado. |
|-----------------|---|

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Com relação às 4 oficinas realizadas, estas foram planejadas originalmente para serem vivenciadas presencialmente, porém, por conta da situação excepcional na qual estamos vivendo, foram necessárias algumas alterações, que perpassaram desde as adaptações exigidas pelas plataformas virtuais, viabilidade e acesso aos sinais de internet, até com relação aos seus conteúdos, que foram ressignificados e passaram a atender as exigências dos novos contextos de aprendizagem. Tem-se então como exemplo, a incorporação do planejamento da oficina 2 “Mãos solidárias que fazem e doam máscaras” que permitiu a confecção de máscaras artesanais contra a Covid-19 e que posteriormente foram distribuídas às populações de baixa renda.

Ainda dando continuidade ao replanejamento das oficinas, outros temas como a reutilização de retalhos em costuras e técnicas artesanais, foram incluídos e apresentados, atendendo não somente a formação/educação dos artesãos, mas se constituindo uma resposta ao pleito dessa categoria, que como tantas outras da classe trabalhadora sofreram com a diminuição das vendas de seus produtos.

A fim de familiarizar os colaboradores da pesquisa com as plataformas virtuais, foram feitos ensaios e orientações de como participar virtualmente das oficinas pela plataforma Zoom. A realização de algumas oficinas aconteceu de forma razoavelmente plena, pois dependendo do sinal e do equipamento, alguns artesãos não tiveram condições de participar em determinados dias.

Quando a falha do sinal de internet era da área doicineiro (no caso da oficina do *Patchwork*), se marcou várias vezes, tentando garantir a realização da oficina. E quando não foi possível a oficina ao vivo, oicineiro fez a gravação no seu local de trabalho, encaminhando para o professor da assessoria tecnológica, que além de agendar, exibiu a oficina numa nova reunião na plataforma Zoom. Porém, mesmo assim, nem todos os artesãos tinham acesso, naquele novo dia agendado. Para garantir que nenhum deles perdesse o direito de assistir/dialogar/compartilhar/avaliar a oficina, foi criada uma *PlayList* com o conteúdo da oficina gravada na plataforma do *Youtube* e, posteriormente, foi encaminhado o *link* para

todos os colaboradores da pesquisa e com isso, eles puderam assistir/dialogar/compartilhar/avaliar e enviar suas avaliações e comentários.

Assim, é relevante sinalizar que o esforço foi grande e compensado pelo processo de educação/formação dos artesãos e pela valorização daqueles que, ao serem mobilizados para um momento de oficina não realizado, por motivos técnicos, participaram, através de um redirecionamento da temática, promovido naquela hora pela mestranda, que transformava aqueles valiosos minutos no Zoom em rodas de conversas e socialização de saberes das diversas artes manuais, que cada artesão no momento apresentava como sua trajetória no artesanato local.

4.5 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Os dados das entrevistas, das observações e da intervenção através das oficinas foram tratados a partir da análise de conteúdo temática, com base na concepção de Bardin (2000). A análise de conteúdo se constitui em uma das mais utilizadas técnicas na pesquisa qualitativa. Bardin (2000) explicita que a análise de conteúdo

é um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 2000, p. 42).

Quanto às entrevistas semiestruturadas, estas foram realizadas de forma individual por meio de um roteiro de perguntas (Anexo B) com intenção de conhecer o processo de educação/formação vivenciado pelo grupo de artesãos Feira na Vila do município de Petrolina. Segundo Gil (1999, p. 117), a entrevista é “a técnica em que o entrevistador se apresenta frente ao investigado e lhe formulam perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. Assim como a história oral explicitada de forma espontânea por cada artesão foi feita de forma individualizada, gravadas, transcritas e posteriormente enviadas para os respectivos artesãos com vistas a aprovar os textos transcritos.

Todo conteúdo coletado por esse estudo foi analisado a partir da proposta de Bardin (2000), através de três procedimentos iniciais, sendo o primeiro o de pré-análise que “devem ser determinadas operações: de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação

para o registro dos dados” (BARDIN, 2000, p. 100). O segundo, a exploração do material correspondente às etapas de codificação e categorização do material, utilizando a unidade de registro temática e por fim, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação que pode ser feita por meio da inferência. Para Bardin (2000, p. 133), a inferência poderá “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor”.

O caminho utilizado para a categorização utilizado por Bardin (2000) foi primordial, pois ofereceu subsídios para a utilização dos elementos de classificação, reorganização e agrupamento de acordo com as categorias que surgirem através dos discursos que emergirem da história oral e das entrevistas. A partir do que foi surgindo ao longo das falas, elencamos as categorias mais significativas como uma maneira de facilitar as análises e interpretações dos dados.

Nessa perspectiva elencaram-se três categorias de análise para fundamentar o resultado desta pesquisa, essas categoriais foram divididas em: conhecendo o processo de educação e formação dos artesãos do grupo Feira na Vila; artesanato: fonte de renda/vida/resistência e superação; e o artesanato e a horizontalização do conhecimento, as quais foram organizadas com base na análise de conteúdo de Bardin (2000).

5 HISTÓRIAS ORAIS QUE REGISTRAM ENFRENTAMENTO DO GRUPO DE ARTESÃOS ATRAVÉS DO ARTESANATO

Este capítulo apresentou¹ as histórias narradas por seis artesãos que se prontificaram a participar de forma voluntária desse processo de implementação de uma educação/formação tendo como mote o artesanato, que aqui foi revelado como ofício que ultrapassa o fazer, pois se mostra como vida, arte, terapia, prazer, parceria, fonte de renda e amor.

Importante destacar que cada artesão escolheu o nome fictício que representasse de forma efetiva sua relação com artesanato, e através de suas lindas e consistentes histórias de vidas foram reveladas a força do artesanato na expressão de arte, de resistência através de trabalho, assim como dos enfrentamentos para manter vivo essa arte que se faz com as mãos e mantém acesa a tradição familiar, a educação social, as buscas, os desejos, os anseios, e as resistências diante do inesperado, assim como, a solidariedade através da arte consigo e com o outro.

5.1 HISTÓRIA DE FLOR DE MANDACARU

Meu nome é Flor de Mandacaru e tenho 55 anos de idade. Sou solteira e estudei até o ensino médio. Nasci em Ouricuri-PE e minha história no artesanato começou cedo [...]: Eu contava os dias para que chegassem as férias para que eu pudesse ir pra lá. E a gente começou ir pra escola com uns seis anos de idade.

O artesanato se tornou algo de primordial importância na minha vida. É uma das coisas que eu acho de mais importante, apesar de exercer outras profissões. Mas eu nunca deixei o artesanato fora da minha vida [...]. Me faz bem, me faz ajudar outras pessoas, porque me lembra as minhas origens e a cada dia me estimula a querer conhecer mais. Na minha família, além da minha avó que foi a primeira, eu tenho primos que são desenhistas, que são artistas plásticos, que desenhavam

¹ As histórias/narrativas das entrevistas foram transcritas pela pesquisadora de modo a respeitar tradições e a forma de comunicação coloquial da cultura local. Utilizou-se, então, bom senso para manter as marcas de oralidades assim como adequar-se à língua portuguesa padrão neste trabalho acadêmico. Portanto, mantêm-se contrações de palavras com aspas simples, texto em primeira pessoa, pontuações da fala, próclises, etc. Assim fez-se nos itens 5.1, 5.2; 5.3; 5.4; 5.5 e 5.6.

caricatura, desenhos diferentes. Tenho primas que trabalham com a técnica do espelho e papel alumínio. Ainda hoje elas fazem isso, bordam tudo e tem duas tias que trabalham com renda de bilro e renascença. Elas são do Piauí. Duas que moram no Piauí, em Monsenhor Hipólito. Tem uma que mora em Caruaru. Os meus primos, um é daqui de Petrolina, o outro é de Araripina Pernambuco e uma, a que trabalha com coisas de retalhos, é daqui. A minha família é de Araripina, Ouricuri e Piauí da parte de mãe.

Para trabalhar com o artesanato eu me inspiro no local onde estou vivendo, mas sempre coloco alguma coisa que lembre a minha avó. Antes da pandemia eu estava trabalhando muito a questão local da fruticultura. Sempre que criasse uma boneca, homenagear uma fruta da região. Mais a fruticultura local e com a pandemia mudou. Atualmente, eu estou fazendo máscaras e tenho feito alguns arranjos para casa. Sempre estou fazendo cursos para aprender e aperfeiçoar. Cursos de flores de tecido, flores a partir de sementes e desidratação de folhas de retalho de tecido, de linha, de madeira, tudo, qualquer retalho. Fiz um curso de bordado sem arte, que é o bordado do momento, que você cria técnicas do momento com material que você tem.

Eu não vivo só do artesanato, trabalho com culinária também. A parte de confeitaria que não deixa de ser artesanato. Mas antes, há seis anos eu trabalhava na área de saúde, mas sempre trabalhei no artesanato. E na época eu estava trabalhando mais com a boneca, que é tradição da família. É um trabalho completo, exige atenção desde a escolha do tecido e do modelo, para quem vai ser. Eu gosto muito de trabalhar com as bonecas, que é uma das coisas que eu mais amo fazer. Gosto de trabalhar por encomenda porque eu imagino o que aquela arte vai despertar na pessoa.

Então, geralmente quando é encomenda de boneca pra presente, vejo como são as características da pessoa, como a pessoa é, meiga, o que ela gosta, o que não gosta, pra eu imprimir naquele trabalho algo que vai chamar a atenção dela, isso é o mais importante. Apesar de ser um trabalho maravilhoso tem pouca valorização. Na nossa região existem as famosas panelinhas e isso muitas vezes também por culpa do próprio artesão que é medroso e tem medo de arriscar. Acha que se fizer algo no coletivo alguém vai estar tirando dele quando na verdade você vai aprender [...]. Eu participo da Feira na Vila, não é bem um grupo de artesanato. São pessoas que se juntam para vender na Vila. Porque lá tem muita coisa que não

é artesanato, mas eu gosto. Só acho que tem que ter uma cabeça mais aberta para se participar do grupo. O meu direito vai até onde o outro começa ser e muita gente não se lembra disso. Eu estou na feira desde o início e nunca vi um momento de formação dedicado ao aperfeiçoamento do grupo.

Em Petrolina existe uma associação de artesãos, ao lado da Oficina do Mestre Quicas, mas não funciona, só existe no papel. Quem pode pagar cinco, seis mil pra ir expor sua arte em Recife ou Caruaru, tem todo aparato da associação. Agora, se você é artesã de fuxico, de boneca de vinte e cinco reais, de tapete de dez reais, não se preocupe seu nome 'tá' na lista, mas você não é chamado 'pra' nada. Dizem que é aberto para qualquer pessoa. Você vai lá leva seus documentos e expõe seu trabalho. É aberto pra você expor seu trabalho. Porém, como em outros locais existe associação você tem que ter reuniões mensais, pelo menos que eu saiba é isso. Raramente você deixa uma peça que fica lá, você chega e procura sua peça ela não está exposta. Eles justificam dizendo que foi tirada para limpeza, mas a peça do artesão grande está lá. Hoje a maior dificuldade que tenho como artesã é a questão do aumento do negociar.

A associação poderia ajudar no aumento da produção. Formar grupos para criar uma coleção e realizar a exposição no final. Para ajudar na comercialização é preciso ter um espaço ou alguém pra fazer essa parte. Porque as pessoas precisam ter o compromisso com a coleção. Paralelamente, ela tem as outras coisas dela, como lá em Embu das Artes em São Paulo, onde eu passei um tempo com a minha irmã. Eu trabalhava assim, a gente tinha o nosso box. Aqui não tem um lugar específico assim. Aqui em Petrolina, há 10 anos, a gente tinha a FeirArte que era na Orla. Toda quarta-feira fechava a Orla do lado esquerdo, de cinco da tarde às dez da noite porque na quarta feira era o dia que tinha turista indo embora, tinha turista chegando e era excelente, era muito bom. O turismo ajuda bastante o artesanato. Pena que as autoridades locais não ajudam muito. Eles deveriam fazer um local voltado a isso. A gente tinha feito a feira do Bambuzinho, que era um ponto turístico para o pessoal que vem do interior na segunda feira. Mas acabou, era uma vez por mês. Tem a do Bodódromo, mas os próprios comerciantes não querem. Tem um projeto que é particular das meninas lá, elas têm uma loja e estão bem graças a Deus. É difícil estar em grupo que nem todo mundo tem a mesma visão, fica tudo muito individual. Até mesmo a formação se torna individual. A maior riqueza de um grupo de artesãos é a união. No grupo que eu participo não existe isso. O que existe

é aquela desconfiança, que eu acho imaturidade. Se uma pessoa está trabalhando com algo e está todo mundo indo lá, mas eu vou fazer o meu, a pessoa pode vir olhar o meu e copiar. Isso é uma fraqueza, uma insegurança.

O artesanato em Petrolina eu acredito que ele vai crescer no dia em que todo mundo pensar que o sol nasceu pra todos. Ele é um só, mas ele agrupa todo mundo e nós somos só uma. Mas se a gente juntar duas ou três ou quatro, a gente consegue num dia fazer uma colcha que eu levo três dias pra fazer. E se for de fuxico eu levo vinte, e se for três ou quatro vou levar pelo menos cinco dias. É pra se ajudar e não para essa incompetência para ver quem é maior quem é melhor. O múltiplo, o junto é pra que se fulano só sabe usar o braço esquerdo eu vou lhe emprestar o direito 'pra' gente fazer junto.

5.2 HISTÓRIA DE MARIA BONITA

Sou a artesã Maria Bonita e tenho entre 53 anos de idade. Sou uma mulher solteira e estudei até o ensino médio. Nasci em Juazeiro-BA [...]. Comecei a aprender ponto cruz, depois disso comprei uma máquina, aí comecei a fazer bainha. Fiz os pontinhos usava tudo. Sei que depois acabou, aprendi a fazer o ponto cruz e comecei a bordar e fazer pano de prato pra vender e eu não fazia um, ou dois, eu fazia um monte de barra de pano de prato. Comprava os bichinhos de fazer. Chegou uma vez de ter cem panos de prato feitos e daí em diante eu comecei a fazer mais coisas a aprender boneca.

Em 1986, ou 1981 por aí, eu comecei a fazer curso de boneca em Petrolina e outras pessoas sempre me pagavam. Muita boneca bonita e eu comecei a fazer boneca tipo estilo daquele bebê da estrela, tudo boneca chique e espanhola. Comecei a vender, fazer abajur de palhaço de boneca, abajur de boneca pronto, aí fui expandindo. Então hoje eu realmente, vivo assim a minha fonte de renda é o artesanato. Há alguns anos, eu não me lembro bem a data, que eu sou meia ruim de guardar as datas, mas eu fiz alguns cursos. Eu entrei pra fazer um curso de lapidação de pedras e eu me encantei porque meu pai é garimpeiro, mas eu não lapidei ametista nem nada não. Comecei com qualquer tipo de pedra e aí eu fazia os botõezinhos redondos pra botar nas presilhas.

Nesse curso eu aprendi a trabalhar com couro, fazia as flores de couro. Vendi porque fazia de grande escala, aí acabei fazendo um curso na escola de

couro de Petrolina. Sou formada artesã do couro, passei nas três etapas. Fiz o curso básico, médio e acabei fazendo o curso de artesã do couro, até bolsa a gente aprendeu, mas o meu foco é mais a questão de fazer presilhas, tiaras, bolsinhas e eu faço algumas bolsas, mas é que não do tempo, eu tenho outras atividades. Também eu sou uma bonequeira, eu trabalho com bonecas, é que eu gosto muito de tecidos e fuxico. A questão regional é feltro, eu trabalho muito com feltro, peças. Faço muitas bonecas para enfeite de festas e ornamentação de quarto de criança e o bordado é na minha vida presente desde antes de tudo isso. Trabalhei muito com ponto cruz. O artesanato representa para mim uma terapia na minha vida. O artesanato ocupa o maior espaço, eu digo hoje a essas meninas, meu Deus do céu, eu não casei, não arranjei um namorado, mas eu prefiro ficar com meus artesanatos e minhas bonecas. Na minha família tem minha mãe que borda divinamente bem. Só que minha mãe 'tá' com um problemzinho de saúde, ela lembra de tudo, mas ela simplesmente se entregou e não quer fazer mais nada. Tem fronhas bordadas, toalhas bordadas, o enxoval de quando eu nasci, ela bordou tudinho com tinha minha avó. Tinha uma pensão e eles ficavam na pensão. Tinha uma espanhola e essa espanhola junto com ela bordou todo o enxoval que era as minhas roupinhas. Eu sou apaixonada pelo bordado, então ela bordava muito bem.

Minha avó fazia crochê. Minha avó aprendeu a fazer crochê com sessenta e poucos anos de idade e fez muita coisa e minha mãe fazia crochê, costurava, agora borda, faz macramê também. Mas hoje não aguenta fazer mais nada, às vezes eu fico chateada porque era pra ela tá me ajudando e ela não quer fazer mais nada. Tem mais ou menos uns 35 anos que eu trabalho com artesanato. Mas profissionalmente, como minha renda, foi de uns dez anos para cá. Eu sou professora de formação, mas nunca nem trabalhei. Fiquei umas duas vezes na sala de aula porque tinha meus pais. Meu pai era garimpeiro, a gente ficava em casa cuidava de tudo, da questão do dinheiro e eu sempre trabalhei por minha conta e fui deixando. Não queria muito 'tá' olhando, tomando conta de filho dos outros, aí fui deixando, mas sempre trabalhei na área financeira. Fui trabalhar na faculdade, essas coisas todas. Eu fiz curso de pintura, bordado. Nunca tinha feito curso porque aprendi em casa, mas esses dias eu 'tô' assistindo uma minissérie de bordado francês, que foi lançado aí no *Instagram* e eu estou pegando algumas coisinhas. Eu fiz curso de pintura em caixa de MDF. De bordado eu fiz um curso, mas tem muitos anos. Alguns pontinhos assim, mas não tenho certificado deles, mas eu fiz o curso

de couro, tenho o curso de bonecas pelo SEST - SENAT. Tenho outros cursos pelo SEST - SENAT, fazer de taboaria, muitos cursos eu tenho.

O artesanato tem mudado a minha vida. Mudou o meu modo de ver as coisas. Olhe só, porque hoje as pessoas se desesperam muito com a questão do desemprego, mas eu não vejo nenhuma dificuldade e sempre eu digo aqui pra minha irmã, que as pessoas só passam dificuldade porque querem, porque eu em meio a qualquer dificuldade, eu tenho meu artesanato. Eu nunca espero por encomendas, mas se eu tiver no aperto mesmo eu digo “espera!” (sic), vou arranjar um dinheiro e comprar uns sacos. Vou bordar, vou fazer uma aplicação. E eu pego meus panos de pratos e saio na rua e já chego com meu dinheiro. Então ele mudou a minha vida, deu tranquilidade pra eu saber que não vou passar necessidade. Se eu tenho uma coisa que eu sei fazer é o artesanato. Dá pra você sobreviver, então para mim não existe essa dificuldade, ele mudou meu pensamento, aquele desespero de estar batendo nas portas atrás de um e de outro por emprego acabou, isso aconteceu porque eu sei que sou capaz de fazer qualquer coisa, eu passei no curso [...]. Digo assim, porque eu gosto de fazer as coisas, eu gosto de fazer bem feita eu sou muito exigente comigo mesma, porque minha mãe sempre pega muito no meu pé. Porque se eu fazia uma costura e não tava legal ela me fazia desmanchar e ela disse: “olha, não faça trabalho de segunda, se não tá bom você desmancha e faça uma coisa melhor”. Então, tem pessoas que às vezes eu vejo que trabalha, ‘tá’ bem que faz tanta coisa, mas não tem um acabamento perfeito e às vezes eu sou um pouco ousada de chegar e de dizer, compartilhar com aquela pessoa. Dizer o que pode melhorar. E digo como eu faço e o produto que eu uso. Antes eu escondia, não ensinava nada ninguém, não dava nada, quem quisesse que se virasse. Eu sempre paguei pra ter minhas coisas, mas hoje é diferente eu ensino mais. Dizem que eu sou besta, mas eu ensino a fazer melhor pra ver se faz melhor, nunca vai fazer. Eu preciso melhor muitas coisas também.

A questão da minha organização e ter um foco, saber que aquilo ali é meu serviço, é a minha empresa. Já que eu vivo disso, então eu quero melhorar a questão de ter meu salário certo, de saber o que eu ganho daquilo que eu vou sobreviver daquilo. Então eu preciso melhorar porque às vezes ainda é meio ‘baratinado’ essas coisas. Eu já participei de alguns grupos de artesãos e acho bom. Mas existe aquela coisa frustrante porque muitas pessoas são egoístas, competitivas. Passam por cima dos outros, copiam muito as coisas, não tem a

criatividade, aquela autenticidade. Eu, na questão do bordado, eu parei mais de bordar por questão de problema nas vistas, ainda bordo algumas coisinhas miúdas, mas eu já bordei muito. Eu vejo alguns bordados por aí que as pessoas bordam, elas não se aprimoram, principalmente nas associações. Hoje os turistas, eles chegam num local e procuram um caminho de mesa bordado a mão, eles não acham porque muitas pessoas não fazem o bordado e compram o bordado de fora pra colocar ali dentro, o que não é coisa que eles façam. Eu sou contra isso, eu acho que em um lugar que você vai vender seu produto, num grupo de artesão, você tem que colocar o que você vende, nada industrializado, já 'tá' dizendo: artesanato. Você tem que criar. Eu sou apaixonada pelos bordados dos russos e russas, eles bordam à mão. Eu vi um bordado que a moça fez o rosto de uma mulher de costas e fez um cabelo. Ela bordou um cabelo fio por fio, eu fiquei impressionada com aquilo. A nossa região é muito rica, faz muita coisa, mas as pessoas esqueceram e foram deixando de lado. Então, nos grupos de artesanato eu me choquei com isso e aí eu fui pra algumas associações e eu saí porque não gostei. Via muita coisa que eu não gostava.

Atualmente, eu pedi afastamento da Casa do Artesão porque minha mãe adoeceu. Eu estava indo 'pra' feira na feirinha da Vila. Fomos lá no Centro de Convenções, mas depois minha mãe adoeceu e a gente sem transporte foi ruim. Eu falei com seu Mário e pedi a ele pra me afastar. O grupo lá não vendia muita coisa não. Não vendia porque todas as bancas têm as mesmas coisas. Não sei do que eles gostam, eu gosto de fazer trabalho, fazer meus pontos de fuxicos, pontos com o crochê feito tudo à mão. Nos grupos que já participei ninguém ofereceu cursos de aperfeiçoamento. Eu faço parte da Associação de Artesão da Casa do Artesão de Juazeiro - ACAJ, e também participo ainda porque posto algumas coisas lá, no CESOL.

Mas, tudo tem um ramo, puxa pra um ramo o CESOL como é uma economia solidária, eles puxam muito 'pro' lado das coisas feitas, biscoito, queijo, mel. Então, o artesanato em si, o bordado, alguma coisa vai ficando em último lugar. O que eu vendia bastante lá no CESOL eram as bonecas, o pessoal gosta muito de boneca, mas com essa pandemia ficou difícil porque lá na lojinha não está funcionando e aí eu ia trabalhar numa coisa mais regional, que é a questão de um Lampião e Maria Bonita. O que eu faço lá sempre vendo, minhas bonecas e alguma coisa com bordado e vou fazendo esses 'negocinhos'. Nunca tive uma instituição que me

ajudasse na produção e na comercialização do artesanato. Em ACAJ tem uns projetos de Salvador que o SEBRAE faz. Quando participava do ACAJ eu via lá. Não estou mais nessa associação, passei uns dois ou três anos lá. Eu trabalhava e ajudava também na questão administrativa e financeira. Lá tem muitas oportunidades, mas é negócio meio embolado que não funciona.

Em Petrolina eu participei das aulas da Escola de Couro, uma escola maravilhosa. Os cursos que vieram para lá foram ótimos, todos pelo SEST - SENAT, mas infelizmente a escola está desativada e se um dia eu desse de cara com o prefeito eu ia falar com ele. Não pode desativar uma escola daquela, com maquinário potente daquele. O couro é uma coisa aqui da nossa região que tem esse costume. Quando você chega naquele curtume você fica encantada. Eu não posso andar lá porque a gente vê alguma coisa de couro e aí eu gosto muito, mas não tem como pra vender assim, tem os técnicos de venda, mas não tem um grupo. Em ACAJ tinha um lugar específico para vender os produtos, existia um plantão. Pagava uma mensalidade na associação, mas aqui eu não tenho nada, lugar nenhum. Eu não tenho mais onde botar minhas coisas, só se eu colocar ali no CESOL. Mesmo assim é muito pouco porque eles dependem do governo. Dependem para fazer feiras, dependem deles... tem umas licitações para ir em Salvador. Mas é uma coisa que não funciona, não chega até a gente, só vai pra outros grupos. As outras pessoas que têm associações, porque lá eles dão assistência aos grupos. Eu estou lá como individual, mas tem os grupos, tem o grupo de candomblé uma casa que o povo faz bordado e tudo. Às vezes esse pessoal já tem mais chance de levar pra Salvador pra botar pra vender no shopping. No Barra Shopping tem uma loja exclusiva do CESOL que leva os produtos e lá vende tudo e pega encomenda dos empresários. Mas aqui, a casa do artesão tem isso, mas nunca chegou nada pra gente, chega pra algumas pessoas de lá só, e outras não.

Aqui em Petrolina eu participei da FEINCARTES, uns quatro anos atrás. Eu fiz uma seleção, levei meu produto, consegui dividi o estande lá. Levei peça de couro, levei panos bordados, levei aplicados, eu consegui vender na FEINCARTES. Foram dez dias de feira que participei, passei por uma seleção. O artesanato em Juazeiro e Petrolina depende exclusivamente dos turistas. A gente trabalha para os turistas. Eu fazia muitos panos de prato e fuxico com crochê e eu vendia para os

turistas. Não era para o povo daqui da nossa região, são poucos, mas para pessoas de fora [...].

Eu não vejo tanta valorização das autoridades para o artesanato. Eu acho que eles deveriam valorizar mais, incentivar mais. Quando eles querem alguma coisa 'pra' eles se promoverem, fazem uma coisinha pra o artesanato, mas o resto é tudo esquecido, eu não vejo isso tudo não. As autoridades deveriam incentivar mais. Deveria investir mais no turismo, ter um centro de artesanato aqui na cidade com boxe, coisas regionais, coisas artesanais, comprados no Ceará pra vender aqui. O pessoal compra as coisas em Caruaru para vir vender aqui. Eu acho assim, que tinha que ter uma fiscalização e fazer um grupo forte, o que é que você produz que tem pessoas capazes de produzir peças e vender aqui mais e fazer um centro de artesanato. As pessoas que chegassem de fora poderiam comprar. Deveriam incentivar, capacitar, fazer cursos. Em Petrolina eu tive a oportunidade de participar desses cursos porque o prefeito, o Júlio, ele investiu muito nisso, esse de agora também investiu em alguns cursos. Muitos cursos eu fiz na fundação Nilo Coelho, curso grátis, todos gratuitos. Eu fiz esse curso de couro que se fosse 'pra' pagar pagava mais de três mil reais, mas foi de graça com certificado pelo SEST - SENAT e tudo. E foi um curso bom, mas que poderia melhorar ainda. Dentro de um grupo de artesãos a pessoa, independente da formação dele, precisa se esforçar e se profissionalizar, se aperfeiçoar cada vez mais. Porque isso não é dom não, mas você aprende a fazer e fazer melhor. Não é fazer qualquer coisa porque aí infelizmente a gente vê muito artesanato de pessoas que se dizem artesãos, muita coisa mal feita e eu acho que as pessoas têm que se aperfeiçoar mais ainda. Eu tenho interesse em fazer parte de um grupo de artesãos, mas se as pessoas realmente quiserem trabalhar. Porque se você vai para uma associação e ficar lá só pra vender aquela coisinha, se eu trabalho com bordado. Você pode fazer jogo americano, pegar uma encomenda, mas pessoas que tem um compromisso e assumir aquela encomenda, de entregar na data com coisa bem feita, tudo direitinho, eu tenho vontade. Mas que não fique só em reuniões, eu tenho pavor de tanta reunião, eu gosto de ver produção. Nesse momento de pandemia fizemos uma oficina com Janara, gostei muito. Foi um momento muito bom, porque ela falou da questão do medo, da ansiedade, eu falei dos desafios e da ansiedade que a gente fica e ela foi mostrando que a gente não podia se entregar a essa coisa da

ansiedade, do medo. A gente com medo deixa de fazer muitas coisas, deixa de ser feliz por causa de medo.

5.3 HISTÓRIA DE VAGALUME

Sou Vagalume e tenho entre 48 anos de idade. Eu sou solteira e no meu percurso educacional possuo o ensino superior completo. Nasci em Salgueiro-PE. Meu envolvimento com o artesanato começou desde muito nova [...]. Geralmente, as pessoas que vem de origem rural tem isso, um lado artesão de mexer com alguma coisa.

Desde cedo eu via as minhas tias fazendo essas coisas, mas nunca tinha me despertado. Há uns 7 anos eu tive uma depressão, e umas das coisas que foi me orientado foi trabalhos manuais. Aí pronto, eu voltei a tentar fazer alguma coisa. Então, quando a gente 'tá' nesse processo de reconhecimento do que é que você gosta, que você diz: "meu Deus eu sei fazer tudo e o que é que eu sei fazer de bom, né?" Aí eu fazia. Comecei a fazer crochê, pintura, trabalho com madeira, palha. Eu me identifiquei com a máquina, comecei a fazer pequenas coisas de máquina e a oferecer minhas coisas para as pessoas, porque eu não tinha o que fazer com tanta coisa que eu fazia para mim. Comecei a presentear, dar alguém e fui. Eu sou professora de formação, terceiro grau, sou formada em história. Ingressei nesse caminho de pós, mestrado, essas coisas, mas foi na arte, fazendo minhas coisas para presentear que eu me identifiquei, que eu gosto, que eu faço, que eu me supero.

Porque para mim o artesanato é terapêutico. Eu tenho minhas aulas, tenho tudo, mas quando eu entro no meu espaço eu me esqueço de tudo, não vejo nem a hora passar. Na minha família algumas pessoas também fazem artesanato, mas não vivem disso. Para me ajudar a construir as artes eu observo bastante. Hoje a gente tem as mídias digitais, então eu vejo o que é tendência, o que as pessoas gostam, e aí eu vou fazendo. Geralmente eu faço primeiro para mim, depois para os outros. Eu tenho *Instagram*, tenho *Pinterest*, pra ver alguma coisa que eu quero fazer, e aí aos poucos eu vou me desafiando. Eu vejo isso de ponto cruz, aí eu vou lá e faço no ponto cruz. Para melhorar minha prática já fiz alguns cursos online, nunca fiz um curso presencial. Também, já dei cursos quando faço trabalhos com latas. Às vezes

ofereço cursos para os meus alunos como forma de terapia mesmo. Depois que comecei a trabalhar com o artesanato minha vida ficou mais leve.

O artesanato se torna importante para mim a partir do reconhecimento, da capacidade de produzir, essa tranquilidade de você entrar em um espaço e pegar vários materiais e transformar em uma peça bonita. Como agora, por exemplo, eu comecei a fazer máscaras esses dias, não para vender máscaras, mas para doar, doei ao pessoal do lixo. Na verdade, eu queria fazer só umas 20 máscaras 'pros' amigos, pra família e tudo. Acabei fazendo, e vendendo, fui doando. Nós também produzimos as máscaras no grupo e minha sugestão é uma cesta, um barzinho com todas as orientações de como usar e deixaria no postinho de saúde. Seria melhor, porque cada pessoa que fosse ali se não tivesse uma máscara poderia usar, poderia ser em algum lugar que seja público, aberto e que tenha ação.

O trabalho artesanal é muito bom, mas eu vejo que poderia melhorar, como um espaço e uma reciclagem, porque nós estamos na era digital onde estamos nos perdendo muito. Eu não sei como seria, mas eu imagino um lugar que deixássemos o produto exposto e se alguém precisasse ou se alguém se interessasse, ia lá entrava em contato, tipo uma galeria de exposição eu acho que seria mais isso. Em um lugar público de grande circulação de pessoas. Eu participo hoje do Grupo de Artesãos. Gosto muito e me interajo muito bem com todo mundo. É muito bom, porque você olha e conhece o produto de todos e você fica mais aberta e mais próxima de quem compra o seu produto. Acho que Petrolina precisa de um lugar desse, de um espaço para ser feito isso, para todo mundo. Que tenha Cultura e artesanato da cidade, porque quando não se reconhece o que faz se perde. No grupo não existe um momento de informações dedicadas ao aperfeiçoamento. É um grupo de pessoas que se reúnem para vender, só são organizados para isso. Existem as associações de artesãos, mas eu não participo de nenhuma. Já quis muito, mas é complicado começar, não consegui ainda não. Participo de outros grupos de feiras, eu participo do Desapega Poderosa, participo da Feira Rio, Feira na Vila e outros movimentos de praça.

Dentre as dificuldades em ser artesã, uma das maiores é a divulgação do trabalho, do produto. Porque quando não tem uma feira para participar, como essas que a gente participa, fica complicado para uma pessoa que está em casa, então a feira ajuda tal grupo, o grupo da força para que as pessoas venham para a praça. Por mais que exista a divulgação em vários meios, deveria existir nas mídias um

espaço onde a feira fosse fixa e que os artesãos tivessem a oportunidade de expor seus trabalhos lá, essa é a primeira opção.

E a segunda opção é que se não tivesse um espaço fixo, mas que pudesse ter um espaço para divulgar, colocar os nossos produtos lá e ficar por uma semana ou 15 dias, eu imagino algo assim [...]. Eu já participei de eventos que possibilitaram a venda aos turistas, como o Semiárido Show, da Embrapa. As autoridades locais têm se empenhado no artesanato empreendedor, que é um movimento da prefeitura, tem ajudado muita gente. Eles disponibilizam a praça, mandam limpar, banheiros químicos, com a organização, isso já é uma ajuda enorme. Claro, que sempre pode fazer mais.

A disponibilização de espaço público fixo é uma coisa interessante, mas colocar nos espaços virtuais que a prefeitura tem para a divulgação também é interessante. Na página virtual que eles têm na internet poderiam colocar e dia e local onde está acontecendo a feira. Estar em um grupo de artesãos é muito bom, mas temos dificuldades também, nas vivências. A maior dificuldade é a questão das experiências mesmo, o nível de instrução, de entendimento. Às vezes a pessoa não é uma pessoa que está acompanhando, aí ela não entende o que tem que ser feito, precisa de outra pessoa para acessar. Uma pessoa pergunta se você tem *e-mail*, se tem *Instagram*, e ela não tem, não sabe nem como é. E hoje não pode ser assim. Por isso, de uma forma geral, acho que o que cada artesão deseja é aprender como gerenciar, muitos não sabem gerenciar um negócio e como lidar com essas plataformas digitais. Compra, venda, cartão, o uso de maquineta, divulgar o produto, uma embalagem de qualidade, modos ao atender, oferece ao cliente água diferencial. Tudo isso é ensinado, você pode fazer o seu produto vender muito mais, melhorar a qualidade do atendimento e apresentação do produto. Eu acredito que muitos têm um produto lindo, é bem feito, mas não vende porque não sabe, às vezes, agregar valor ou o poder que seu produto tem.

Os grupos não possuem encontros fixos, o que pode dificultar essa relação também. Nós fazemos assim, uma votação para saber que dia vai ter feira e onde vamos fazer. Todo mundo vota e vai para o dia e local. Fazemos também uma contribuição para o carro de som divulgar, cada um coloca seu produto e vai embora, não existe uma capacitação. Poderia organizar coisas temáticas, como por exemplo, o dia das mães, assim ficaria mais organizado e teria um resultado bem melhor. É um grupo muito diverso e isso é uma riqueza, mas ainda faltam unidade e identidade

do grupo. Eu também faço parte de outros grupos como o do Beira Rio, que é um bairro São Gonçalo longe daqui, do posto do meu bairro, que estou aqui na Vila Eduardo. E também, do bazar da praça, que é um grupo mais elitizado. Às vezes eles organizam eventos maiores, como o bazar da praça, duas vezes por ano, Isadora Cavalcanti que organiza e outras vezes ela chama alguns outros artesões, 15 ou 12, e vai para uma residência, e faz uma coisa mais elitizada. Existe a Oficina do Artesão, mas eu não tive interesse em participar porque quando eu imaginei em colocar lá os produtos, existe uma burocracia, quando me falaram como era aí eu também desisti. Porque me falaram que não existe um apoio lá, a maioria do grupo da Vila saiu de lá. Então, eu disse por que eu ir? Eu moro aqui há poucas quadras da Oficina do Artesão, Mestre Quincas aqui, minha casa a vizinha. É um espaço bonito, está sendo reformado, maravilhoso, ali poderia muito bem ser um ponto de encontro do Turismo, de divulgação que pudesse ter os turistas chegando para visitar, até as barraquinhas ele fora, ou ali nas redondezas, é um espaço lindo para ter divulgação.

O artesanato hoje é muito mais do que fonte de renda, o artesanato é uma fonte de terapia. Hoje ele é um espaço de encontro social das pessoas, ele é a memória que se fica na conservação e uma cultura. Na conservação de uma identidade nordestina, gaúcha, de qualquer região, ele é uma identidade e não se pode perder uma identidade.

5.4 HISTÓRIA DE SERTANEJA

Sertaneja é o meu nome. Tenho 52 anos de idade e sou solteira. No meu percurso escolar estudei até o ensino médio e nasci em Sento-Sé/BA. Tudo começou há 23 anos quando eu estava grávida do meu filho. Eu só tenho um filho, ele tem 23 anos já. E eu naquela necessidade engravidei. Fiquei em casa e aí minha irmã me incentivou a aprender a bordar e comecei a bordar ponto cruz. Fiz e logo aprendi, fiquei olhando pelas revistas, pelos gráficos e bordei muita coisa. Bordei o enxoval dele, mas antes disso eu tinha feito muita coisa pra menina, quando eu tinha tirado dois ultrassons. Eu fui fazer a última, uns nove dias antes dele nascer, foi quando o médico disse: “eu lhe disse que o sexo é qual?”. “O senhor me disse que ia ser menina, era menina”. Quando ele me fez essa pergunta me veio logo na cabeça, “eita é dois”, são duas. Eu pensei que eram gêmeos, aí eu fiquei assim

assustada. Eu disse: “meu Deus do céu será que é dois? Ele respondeu que não, não é menina”.

O médico continuou dizendo, eu disse que era menina? É, realmente estava atravessado. Não dava nem pra ver tudo, indicava que era uma menina, mas aí uns nove dias depois mudou, foi um menino. E eu fiz o enxoval dele todinho. Tinha muita coisa pronta de menina, mas aí como eu já tinha bordado ponto cruz com umas cores assim amarelo, verde água, rosinha, eu aproveitei muita coisa. Então, eu fiquei nessa fase aí. Depois, arranjei emprego, mas continuei. Aprendi a bordar o vagonite e fiquei gostando do vagonite. Hoje não tenho muita paciência para bordar ponto cruz, tenho muita dificuldade de enxergar. Desde nove anos de idade que eu uso óculos, eu sou míope, e o ponto cruz força muito minha vista, não enxergo direito, gosto mais do vagonite. Depois disso comecei a ajudar minha irmã, fazendo umas tiaras de couro, fazendo e cortando umas rosinhas, cortando, ajudando, depois disso fiquei desempregada. Fiquei desempregada outra fase na minha vida, adoeci no emprego, fiquei tão deprimida. Fiquei assim sem querer fazer mais nada e isso foi consequência de uma cirurgia que eu fiz, que eu tinha feito em 2003. Essa cirurgia foi muito importante, se eu não tivesse feito ela eu não estaria aqui falando. Eu tive que fazer, tirar vários órgãos do meu corpo, e então essa retirada dos órgãos surgiram muitos problemas em minha vida. Mas, eu vou lutando com eles, eu estou sabendo que é consequência dessa cirurgia precoce. Então, com sete anos depois dessa cirurgia eu comecei a tomar remédio pra fazer reposição hormonal, eu vivia desmaiando, quando caminhava um pouquinho e subia escada me cansava. Descobri que estava com depressão hormonal feminina. O médico me pediu uma bateria de exames, 17 exames de sangue para descobrir o que eu tinha. Ele virou pra mim e disse: “você tá com medo de estar com câncer?”. Eu disse não, se tiver tenho Deus pra lhe conduzir a receitar os remédios. Aí ele disse: “não, você tá com depressão hormonal. Seus hormônios estão em confusão aqui”. Depois eu saí do emprego, não quis nem ficar segurada pelo INSS. Não queria nada, nada, nada, não queria nem contato com ninguém. Eu fiquei nessa fase, comecei a tomar um remédio, melhorei. Eu segui com o incentivo da minha irmã. Surgiu um curso de couro lá em Petrolina na escola de couro e fui fazer o curso. O que eu aprendi lá foi só 7 peças, e hoje eu não sei quantas peças eu já faço por invenção própria.

O artesanato é importante na minha vida porque gosto de fazer, gosto de trabalhar com isso. Foi uma decisão minha, eu decidi fazer o artesanato. Antes eu

só ajudava, ajudava minha irmã. Além da minha irmã, na família também tem minha avó e minha mãe que trabalham com artesanato. Também, tenho uma outra irmã que trabalha com caixas decorativas na *Decoupage*. Todo mundo tem um pouquinho de artesanato.

Tem um tio meu que é artista plástico, pinta cada quadro lindo [...]. Tem algumas coisas que me inspiram para construir as peças. Eu vejo uma árvore, uma casa, uma flor, tudo isso me inspira. Eu invento e acerto muita coisa. Além do curso de couro que fiz em Petrolina, inclusive a escola está fechada hoje, fiz um também um curso de uma técnica no espelho, mas não coloquei muito em prática. Você raspava o espelho, depois ali você criava uma paisagem. Eu não levei muito para frente, mas já vem há muitos anos no artesanato. Trabalho com o couro porque ele me inspira a fazer muitas peças. Eu pego o couro, o MDF e aplico no couro. Eu pego um *biscuit* e aplico no couro e vou inventando. Vou fazendo chaveiros, portas chaves, imãs de geladeira vou fazendo as bolsas, carteiras e porta moedas, porta celular, é muita coisa que eu faço, não tenho ideia, nunca parei pra ver quantas peças eu já criei. Quando eu tomei o curso na escola de couro em Petrolina eu aprendi sete peças, mas dessas sete peças, eu já fiz muitas. Já criei muitas peças mesmo. Eu digo que tenho que parar, chega de tanta coisa, é tanta coisa que eu já criei, não posso criar mais nada não, é muita coisa que eu criei.

Quando eu pego no artesanato não quero mais parar. Então, me deixa mais calma, mais tranquila. Isso é o mais importante para mim. Ter essa tranquilidade. Eu me observo muito. Eu penso muito. Eu vejo como é que estou hoje e como eu era antes. Eu era muito agitada, então me dá muita tranquilidade. Eu corria muito e hoje eu vejo assim, pra que correr? Não, eu não tenho pra que correr [...]. Quando eu terminei meu curso de couro eu fiz umas bolsinhas, uns porta-moedas, eu não tenho ideia de quantos porta-moedas eu fiz. Eu saía com trinta ou quarenta porta-moedas, pra rua, com uma sacola de boutique, aquela sacolinha de loja. Enchia com os porta-moedas e passava naquelas repartições de prefeitura, lojas de bombonière, entrava e oferecia todo mundo.

Quando eu 'tava' na fila do banco, eu oferecia meu produto, todo mundo achava bonito, uma bolsinha de couro forrada com pele de bode, todo mundo achava bonito e admirava com a costura artesanal e eu vendia. Mas às vezes tinha dia que eu já estava voltando pra casa, e conversando com Deus dizia: Meu Deus hoje eu não vendi nenhum porta moeda. Quando já tava chegando perto de casa

vendia trezentos e poucos reais, quatrocentos, isso é bom. Então eu nunca desisti do artesanato e principalmente do couro porque o couro é uma matéria prima que você lucra muito, aproveita, é muito proveitoso. Para melhorar o trabalho do artesão é necessária mais organização. Também, cursos de aperfeiçoamento, mais técnicas diferentes. Eu já participei de muitas feiras. Participo também de duas associações. Em Juazeiro da ACAJ, quer dizer, a Casa do Artesão de Juazeiro e em Petrolina eu participo da APAC, que é Associação Petrolinense de Arte e Cultura. Estou temporariamente no grupo Feira de Artesãos de Petrolina. A última feira que participei na Feira de Artesão foi lá do centro de convenções. Mas já participei de outras feiras: a FEINCARTES, o bazar da praça. Participar desses grupos é muito bom, porque cria aquele vínculo de amizade ali com as colegas. Às vezes fica também aquela coisa competitiva, porque o pessoal copia muito as ideias da gente. Eu mesmo criei muitas peças e hoje eu vejo minhas peças criadas por aí em algumas lojas. Então, é bom e não é. Nesse mundo aí o artesanato está muito copiado aqui na nossa região. As feiras não trazem muita renda, para mim não trouxe muito rendimento. Agora, a gente divulga o produto. Eu já participei de muitos bazares da praça e outras feiras também, mas é mais pra divulgação.

Os grupos e as associações não oferecem cursos de capacitação. O SEBRAE, às vezes oferece alguns cursos de qualificação de atendimento. As ações de empreendimento e venda nos ajudam muito. Ajuda porque quando, por exemplo, o nosso produto está exposto na loja, às vezes o cliente quer uma quantidade grande, então ali nesse caso eles avisam a gente e a gente faz a quantidade que o cliente quer. Mas, deveria ter mais propaganda. A minha maior dificuldade em viver da atividade artesã é a matéria prima. Eu trabalho com MDF e tenho só duas gráficas pra cortar meu material, então às vezes eu fico esperando quinze até um mês pra eu adquirir meu material. E a dificuldade é essa, é material mesmo, material pra trabalhar. Eu gostaria de divulgar mais nas redes sociais. Eu gostaria de aprender mais a divulgar nas redes sociais. Como vender nas redes sociais, eu sei muito pouco, então eu gostaria de ter mais tempo pra fazer um curso pra eu aprimorar mais as vendas pelas redes sociais, só vender, por exemplo, ter uma loja virtual.

O turismo é algo que dá muito retorno. Eu faço pequenos chaveiros, imãs de geladeira e vendo para os turistas. Minhas peças são mais direcionadas ao turismo. É tanto que eu fiquei, quando começou essa crise aí, eu fiquei meu Deus e agora

vou fazer o que? Eu só trabalho com turismo e agora cadê o povo? Então, graças a Deus surgiu essas máscaras que ajudou bastante a gente. Quer dizer, a gente fica naquela preocupação de tá levando, fazendo o produto para o povo se proteger. Então, a gente tem uma renda extra. As autoridades locais deveriam investir mais divulgação do artesanato. É, dar aquele apoio total que a gente não tem aqui mesmo. Não tem apoio de prefeitura em Juazeiro. Eu gostei muito da oficina de Janara, porque nos deu um incentivo, eu ouvi pouca coisa porque estava cortando muito o áudio, mas gostei bastante.

5.5 HISTÓRIA DE MARIA ARTEIRA

Eu me chamo Maria Arteira e tenho mais de 79 anos de idade. Sou viúva e na minha trajetória formativa estudei até os anos iniciais. Minha história com o artesanato começou no Piauí, terra natal, quando eu tinha 10 anos de idade, minha cunhada que fazia crochê, bordados (ponto cruz, vários pontos à mão). Ela morava vizinha a minha casa, e me ensinou... O artesanato além de trazer uma renda é uma forma de distração e trabalho, o que faço com muito prazer. Na minha família muitos fazem artesanato, cunhada, minhas irmãs e sobrinhas. Alguns trabalharam e outros ainda trabalham. Quando cheguei em Petrolina aos 24 anos dei continuidade. Já sabia bordado em máquina, costurar roupas, tecer redes, etc... Desde a década de 70, minha inspiração maior foi na Escola Doméstica que funcionava no centro de Petrolina, vizinho a praça próxima da Igreja Matriz [...]. Como mulher aprendi a lidar com as atividades domésticas e, também, como trabalhar para ter sua renda. Eram 10 professoras nessa escola, acredito que eram artesãs e professoras de formação. Estudei lá durante 01 ano. A escola foi muito importante para mim, pena que estudei no último ano de sua existência. Quem indicou a escola doméstica foi uma pessoa para quem eu trabalhava, costurando cortinas, toalhas e roupas, para que eu aperfeiçoasse meu trabalho. Esse foi um ótimo incentivo! Não tenho contato com nenhuma colega do período que estudei nessa escola Assim, me tornei professora dos cursos de corte e costura, bordado a mão, tapeçaria pela prefeitura. Também ensinei bordado para as minhas filhas, outros familiares e amigas. O artesanato é para mim distração e saúde, acredito que ele é muito bom para mente e o corpo.

O artesanato é uma terapia, trabalho com prazer, porém é pouco valorizado, infelizmente não se pode viver do artesanato hoje na região. Faço costura, produzo algo a partir do tecido. E o fato de fazer o trabalho sem ‘aperreios’... Estou satisfeita com o meu ofício!

5.6 HISTÓRIA DE GUARÁ

Me chamo Guará, tenho 55 anos e a minha história com o artesanato se iniciou com o Clube do Fusca dos Fusqueiros do território do Submédio São Francisco, onde a gente fazia exposição dos nossos carros. Mas, só a exposição dos carros ‘pra’ gente ‘tava’ começando a ficar muito vago, então começamos a pensar nas dificuldades que as pessoas tinham e ainda alguns têm de gerar uma renda. Então, se pensou em unir um grupo que vendesse artesanato, que produzisse o artesanato junto com o evento, o Clube do Fusca.

A gente levava os carrinhos para expor e as pessoas aproveitavam para comprar, então essa foi a primeira ideia, no primeiro momento. Nessa caminhada, a Feira do artesanato está com a gente há um ano, completou no dia 27 de abril quando foi promovida a primeira feira em um bairro aqui da região. Já o Clube do Fusca, iniciamos em maio de 2007, e graças a Deus tem amigas senhoras e mulheres profissionais do artesanato que vem nos apoiando. Também, graças a Deus tem o apoio do município através da prefeitura, que vem criando uma expectativa boa para que os artesãos possam dar continuidade aos seus trabalhos, e buscar uma renda para suas famílias.

A caminhada não é fácil e eu aprendi que a gente não tem nada sem sacrifícios. Eles existem, no meu entendimento, para que as coisas possam sair perfeitas, para que possamos ficar satisfeitos. Então, temos que esquentar a cabeça um pouquinho muitas vezes para poder resolver os problemas. Mas, eu tenho que dizer o seguinte, eu costumo dizer para as pessoas que eu não acostumei a viver sozinho, tenho medo de viver sozinho. O lado bom disso tudo foi que criei inúmeros amigos na Feira de Artesanato. Minhas amigas, graças a Deus, a gente tem uma legião de amigos trabalhadores e trabalhadoras que nos apoiam, e é um momento que eu posso dizer que é feliz, porque estamos expondo os nossos trabalhos. Eu tenho um café artesanal, já vem com aquele “dindin gourmet” e já vem outra com

uma torta, um bolo, uma confecção. Digamos, o Cícero vem com aqueles artefatos de madeiras e o Adalberto abajures artesanais. Quer dizer, então a gente consegue ao mesmo tempo trabalhar, se divertir, interagir e se manter ativo. Queremos nos manter ativos, não queremos que o mercado nos veja como uma sombra na vida de ninguém.

Todos precisam trabalhar e nos manter ativos. Estou satisfeito, não tenho o que reclamar, de maneira nenhuma. Em todas as feiras, e fazemos itinerante, os grupos estão sempre unidos e sempre dá certo, graças a Deus primeiramente [...] Também, atrapalhou um pouquinho porque a gente teve que parar.

Aqueles que ainda tinham uma renda fixa ainda estão escapando. Mas aqueles que ainda dependem de uma venda, de vender, de fabricar um artesanato e tentar, não foi impossível. Foi difícil a venda porque o cliente se afastou. E para se conseguir a matéria prima não foi fácil, porque não estava fácil conseguir a matéria prima para executar o serviço e posteriormente vender. Então, a pandemia trouxe um momento de reflexão, mas também trouxe um momento ruim, porque a gente teve que parar.

O país parou, o mundo na verdade parou. Eu não sei se estou correto com a minha colocação, mas eu imagino o seguinte, eu estive vendo os noticiários e todos escritos, falados, televisados, e eu fazia o seguinte, eu fazia uma leitura isso é uma leitura minha e dizia assim: “a pandemia para muitos que perderam familiares e parentes, seus entes queridos foi realmente péssimo e em relação à natureza se deixou de poluir tanto, e a natureza agradece porque os rios tiveram um volume de água maior, as florestas tiveram o número de árvores que veio nascer muito maior. O clima e o oceano aqueceram, as chuvas aconteceram. Foi bom, porém ‘pra’ gente que perdeu familiares, amigos, pessoas queridas, realmente a gente sofreu. Então, essa pandemia nos atrapalhou um pouquinho, mas com a graça de Deus ‘tá’ passando já, ‘tá’ acontecendo. Está chegando aí a vacina, os tratamentos médicos, já estão melhorando, ganharam mais conhecimentos, aprimoraram os conhecimentos.

Temos essa esperança, primeiramente, no nosso bom Deus que isso vai passar. É um momento ruim, difícil, mas vai passar e a gente vai sobreviver e vamos agradecer e olhar para trás que passou. Na minha função como líder é muito importante ver que uma grande maioria das pessoas tinha uma dificuldade de sair de casa e expor seus trabalhos, faziam, mas ficavam mais em casa, e a gente

conseguiu tirar essas pessoas de dentro de casa e colocar na praça para que eles mostrassem o que sabem fazer. Isso pra mim é muito importante, é o que eu digo: gerar renda. Para mim é importante ver a família, ver o pai de família que muitas vezes está se sacrificado. Teve uma pessoa que chegou pra mim num dia de sábado, um dia de feira, e disse assim: “seu Guará, foi tão bom o senhor ter me convidado para essa feira, porque eu tava de cabeça quente lá em casa sem trabalhar, meu esposo sem trabalhar. E surgiu essa feira, trouxe os artesanatos e vendi tudo, graças a Deus”. Eu dou graças a Deus, isso nos motiva deixa a gente feliz e nos motiva a dar continuidade a essa feira, incentivar, brigar e muitas vezes tem alguma queda de braço com algum secretário de prefeitura, com alguns diretores, alguns gerentes de município que querem enterrar o momento. Mas, a gente vai com um certo traquejo e consegue dobrar, mostrando para eles que somos pai de família, precisamos manter nossas famílias e para isso temos que trabalhar.

O que aprendemos a fazer que é justamente o artesanato e tem que vender [...]. É claro que é necessário o apoio ao grupo de artesão. Existe a casa do artesão que o prefeito municipal fez uma reforma. Não sei se já inaugurou, porque estou em Alagoas e não estou bem informado. Mas, a casa do artesão não tem espaço suficiente para agregar todos os artesãos que tem na cidade. A prova disso é que depois da Feira do Artesanato já se criou até a feira do empreendedorismo, isso é uma cópia. Bom, se alguém não gostar me perdoe, mas é a realidade. Porque a Feira do Artesanato precisa de um espaço fixo, porque nós precisamos que o município libere ‘pra’ gente um espaço nosso. Espaço, digamos assim, infinitivo para que as pessoas, por exemplo: do bairro tal, da praça tal, da rua tal, que é o espaço da Feira do Artesanato para que as pessoas do bairro e as pessoas de cidade possam dizer assim: “sábado vai ter Feira do Artesanato”. Tem uma música ao vivo, tem um artesanato bom, tem uma comida regional boa, e é lá naquele bairro, naquela rua. Então, nós da feira vivemos buscando, esse espaço. É evidente que fizemos uma feira itinerante. Já tivemos em vários locais da cidade. Também, estivemos ali na praça do centro. Fizemos uma feira itinerante e justamente despertou em alguns que fizesse essa feira do empreendedor. Muito bem empreender na praça, mas não é feira do empreendedor.

Eu fico feliz que houve essa cópia, então a ideia Feira do Artesanato é uma ideia boa que já está sendo copiada, porque a gente só copia coisa boa, o que é ruim a gente descarta, Mas, precisamos, para a Feira do Artesanato de grande

importância hoje, primeiro a definição de que nós que fazemos parte da Feira do Artesanato, juntar todo mundo e dizer o nosso espaço definido vai ser esse. Vamos buscar apoio do poder público municipal, através da secretaria de cultura de turismo e dizer: “você têm que apoiar a gente”. Como eu fiz com o clube do fusca, hoje tem o dia do fusca municipal aprovado em lei.

Nós somos o primeiro grupo do Brasil a ter dia municipal do fusca. Então, todo dia 15 de maio a prefeitura está no calendário e no inventário turístico da cidade o dia municipal do fusca. Por que não ter um dia da Feira do Artesanato fixo? É preciso buscar esse espaço. A prefeitura dá o seu apoio quando ela manda a equipe de iluminação colocar refletor. A equipe vai lá e faz uma limpeza na praça, quer dizer, a prefeitura já dá um apoio apesar de que a gente queria um apoio maior, porque se trata de pessoas que trabalham, que geram renda para suas famílias e para o município. É um atrativo para o município ter gente circulando.

Naquele momento que você sai de casa que você pega seu carro, está consumindo combustível, o posto está gerando renda, o carro está gastando o pneu, está gerando renda. Você está chegando na praça, está fazendo sua compra, está gerando renda. O artesão vai comprar matéria prima, está gerando renda. Então, porque não o município facilitar esse caminho para que a gente possa continuar com o projeto Feira do Artesanato? Esse atendimento é importante. Além disso, para ser um bom artesão é preciso ter o conhecimento teórico e prático, quando a gente tem os dois as coisas fluem melhor. Admiro a pesquisadora pela busca dela ao conhecimento, também pela vontade de transmitir isso. Ela vai da cidade para Serrinha, através da UNEB, para ganhar conhecimento e isso é muito importante. Penso que se tivéssemos 50% desse pouco, para que através da UNEB possamos transferir mais conhecimento para esse povo seria ótimo, pois trabalhar junto é muito melhor. Por isso, devemos continuar juntos com o apoio da pesquisadora e sua dedicação nesse processo. Como disse, eu não gosto de viver sozinho, por isso preciso da pesquisadora, do grupo e do grupo todo. Eu só tenho a agradecer.

6 INTERLOCUÇÃO ENTRE O GRUPO DE ARTESÃOS COM AS POSSIBILIDADES DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO ATRAVÉS DO ARTESANATO

Este capítulo teve como objetivo compreender as possibilidades de educação/formação encontradas pelo grupo de artesãos tendo como base o artesanato, e analisar os principais enfrentamentos dos artesãos, tendo como âncora o processo de formação/atuação no artesanato local.

Ademais, efetivamos análises das categorias que emergiram após leituras sistemáticas e minuciosas das entrevistas, história oral e das avaliações das oficinas realizadas no grupo de artesãos Feira na Vila. Com efeito, destacaram-se três categorias: conhecendo o processo de educação e formação dos artesãos do grupo Feira na Vila; artesanato: fonte de renda/vida/resistência e superação; e o artesanato e a horizontalização do conhecimento, os quais foram organizadas com base na análise de conteúdo em Bardin (2000).

6.1 CONHECENDO O PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DOS ARTESÃOS DO GRUPO FEIRA NA VILA

O processo de educação e formação dos artesãos do Grupo Feira na Vila possui características singulares, pois, assim como cada povo tem sua cultura específica, podemos dizer que cada artesão dentro de seu grupo tem a sua identidade. A capacidade de produzir é intrínseca ao ser humano, no entanto, o artesanato está à frente do seu tempo e independe de formação escolar, é uma prática que perpassa a vocação e invade questões identitárias, sociais, psicológicas e geracionais. Pensando nesses aspectos e observando o quadro abaixo é possível identificar a veracidade dessas particularidades.

Quadro 7- Perfil do grupo de artesãos pesquisados.

| Nome | Idade | Estado civil | Escolaridade | Tempo com o Artesanato | Significado do artesanato em sua vida |
|-------------------|---------|--------------|--------------|------------------------|---------------------------------------|
| Flor de Mandacaru | 55 anos | Solteira | Ensino Médio | 35 anos | O artesanato foi minha cura. |
| Maria Bonita | 53 anos | Solteira | Ensino Médio | 34 anos | Terapia na minha vida. |

| | | | | | |
|---------------|---------|----------|-------------------|---------|---|
| Sertaneja | 52 anos | Solteira | Ensino Médio | 23 anos | Gosto de fazer, gosto de trabalhar com isso. |
| Maria Arteira | 79 anos | Viúva | Anos Iniciais | 60 anos | É distração e saúde, acredito que ele é muito bom para mente e o corpo. |
| Vagalume | 48 anos | Solteira | Superior Completo | 11 anos | O artesanato é terapêutico. |
| Guará | 55 | Casado | Ensino Médio | 10 anos | Oportunidade de fazer amigos. |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Pelo quadro explicitado, constatamos que o grupo que concordou em participar da pesquisa é majoritariamente composto por mulheres, dos 6 participantes, apenas um é do sexo masculino (líder do grupo). A maioria dos integrantes da pesquisa possui apenas o Ensino Médio completo, grupo este que está entre 50 e 60 anos de idade e ocupa, em sua maioria, entre vinte e trinta anos de experiência com o artesanato, situação divergente apenas no caso do artesão Guará que possui apenas dez anos de prática. Somente uma integrante possui Ensino Superior, sendo a mais jovem do grupo, com 48 anos de idade e com onze anos de experiência. Já a artesã Maria Arteira, com 79 anos, frequentou a escola apenas até os Anos Iniciais, no entanto, é a mais experiente do grupo, com sessenta anos de conhecimento artesanal e, mesmo com a idade avançada, ainda ensina a arte, principalmente as pessoas de sua família. Essa informação nos permite constatar que sempre é tempo de ensinar e de aprender e o fato da maioria ter apenas a Educação Básica não é empecilho para aprenderem e se desafiarem cada vez mais no seu saber-fazer artesanal e mesmo, na sua capacidade de ensinamento intergeracional.

Outro aspecto que pode ser observado diz respeito ao significado do artesanato para os participantes desse estudo, significado esse que se encontra centrado, principalmente, no poder terapêutico, comprovado cientificamente, presente nessa técnica e refletidos na capacidade de relaxamento e sensação de autoconfiança e empoderamento proporcionados por ela.

Diante disso, a individualidade de cada povo, expressada através do seu fazer artístico, apresenta a marca que ao mesmo tempo os identifica e os diferencia. Nesse ínterim, Rocha (2010, p. 1) ressalta que “fazer bordados, cestos e potes é atividade universal, mas não são universais as maneiras do fazer, nem o material

com que se faz e nem as formas ou os padrões utilizados para fazê-los”. O fazer, o ensinar, as técnicas, os materiais utilizados e o estilo de cada um, imprimem uma representatividade autoral e original das peças, nos permitindo perceber o quanto a educação envolve compartilhamento e intervenção e quando tratamos de ensino e aprendizagem em espaços não formais é de suma importância incluir a experiência social presente nos representantes desses grupos e que envolve a cultura e a apropriação subjetiva dos sujeitos. Nessa perspectiva, a partilha e a transmissão do saber-fazer perpassam as gerações, como pode ser visto nas falas das artesãs Flor de Mandacaru e Maria Bonita (2020):

Eu acho que eu tinha de 4 pra 5 anos, quando já começava a entender de gente. Ia pra casa da minha avó, que era uma artesã da região, e ela não deixava que a gente brincasse com os brinquedos industriais que a gente levava. Então, ela ensinava a fazer boneco com pedaço de madeira, com espiga de milho, com aquelas plantas, aquelas sementes que tinha mais semelhança com boneca e fazia as saias com palha de milho, cabelo de algodão. Então isso pra mim foi o início, ela foi minha incentivadora no artesanato (ENTREVISTADA FLOR DE MANDACARU, 2020).

[...] eu sempre tive tendência para o lado do artesanato, porque minha avó era costureira. Nós morávamos na cidade e tinha a casa no garimpo. Nas férias a gente ia pra lá e eu sempre fazia boneca. Pegava o pano de saco e fazia uma boneca, fazia o cabelo. Eu gostava daquilo, eu sempre fazia alguma coisa de artesanato. Quando eu tinha 14 anos por aí eu comecei a fazer curso de boneca em Petrolina e outras pessoas sempre me pagavam (ENTREVISTADA MARIA BONITA, 2020).

Nota-se através das falas das entrevistadas que o artesanato foi uma atividade aprendida pelos membros de suas famílias desde muito cedo. O aprendizado ocorreu desde a infância, assim como, a valorização do trabalho feito à mão em detrimento de produtos industriais, aprendendo desde criança a importância do artesanato que é repassado de geração para geração. Em tempo, constatou-se a supremacia do gênero feminino nessa transmissão de saberes intergeracionais, quando as avós, mães e tias, transmitiam essas aprendizagens artesanais impregnadas de saberes e cultura identitária para as novas gerações de mulheres da família. A criatividade e a imaginação são outros pontos observados, utilizando materiais naturais que as crianças tinham contato em sua infância e se utilizando da imitação para criarem brinquedos semelhantes aos reais. Outra percepção observada principalmente na fala de Maria Bonita é que esse incentivo da infância

despertou o interesse em aprender e aperfeiçoar sua técnica quando ela decide fazer um curso de confecção de bonecas na cidade de Petrolina.

Ainda seguindo o repasse da tradição artesanal, a entrevistada Vagalume (2020) diz “desde muito cedo, parentes trabalhavam com costura, com pintura, trabalhava com coco, com palha, essas coisas, isso foi um incentivo para mim”. Através dessa fala compreendemos que desde a tenra idade esses aprendizes ao tomarem gosto pelo fazer artesanal mantém viva a tradição identitária preservando-a por gerações e aperfeiçoando-se, pois, como descrevem Soares e Fischer (2010, p. 5): “[...] O repasse de saberes segue um rito de parentesco, sendo transmitido no seio familiar como forma de garantir a sua permanência e controle da prática repassada [...]”.

No âmbito da busca por aperfeiçoamento e de complemento de sua formação intergeracional podemos observar na fala da entrevistada Maria Arteira (2020) o quanto ela pode diversificar a sua arte, ela afirma: “como aluna aprendi muitas artes: bordado, corte e costura, pintura, macramê, vagonite, boneca, tapeçaria, noções de primeiros socorros, enfermagem, agricultura, dentre outros”. Nesse mesmo ponto relacionado à formação, Sertaneja (2020) nos fala: “[...] estou nesse ramo já tem 23 anos, mas para me aperfeiçoar mesmo, tomando curso, tem uns 10 anos mais ou menos”. Através dessas falas observamos o quanto a busca por aperfeiçoamento é importante e valoriza ainda mais os saberes já existentes, como toda arte, quanto mais existe estudo, prática, mais perfeita fica a performance, e mais consolidado o conhecimento adquirido.

Essa satisfação foi observada também após a realização das oficinas (APÊNDICE D) organizadas pela pesquisadora e convidadas, oficina de “Retalhos de Chita em Juta” (artesã mais experiente, Maria Arteira) e oficina de “Patchwork: Técnica e Arte em Retalhos” (mestre Luzia), quando de sua avaliação a artesã Maria Bonita (2020) afirma que “o trabalho na juta com a bainha aberta e a economia de retalhos foram dicas importantes, é sempre muito valoroso aprender coisas novas”. Coadunando com o mesmo sentimento de Maria Bonita, a artesã Vagalume (2020) afirma:

Eu gostei muito! A técnica do seminole eu fiz poucas vezes, quem sabe agora não me arrisco mais. Incrível como o artesanato envolve arte, criatividade, matemática, sensibilidade e muito mais. Foi muito boa a possibilidade de disponibilizar na internet (ENTREVISTADA VAGALUME, 2020).

Com essas avaliações testemunhamos o valor dado pelas artesãs ao processo de formação e a importância do contato com novos conhecimentos, além da capacidade de se reinventarem, pois, como dito anteriormente, devido à pandemia da Covid-19 as oficinas aconteceram de forma virtual, o que em nenhum momento foi empecilho para que elas se desafiassem e se permitissem adentrar um pouco no mundo virtual, inclusive incentivando a disponibilização dos vídeos pela internet, compartilhando com outras pessoas que não puderam participar da oficina.

Destarte, para as artesãs entrevistadas, o artesanato está intimamente ligado ao incentivo e inspiração familiar e esses processos de educação e formação foram de grande oportunidade de aprendizado e de preservação da tradição familiar, onde aprenderam através da prática diária, observando as pessoas próximas a realizarem essa tarefa, criando assim uma identidade própria pertencente a cada família e posteriormente se aperfeiçoando e compartilhando as novas aprendizagens com as pessoas mais próximas e com os colegas do grupo artesanal Feira na Vila, ao qual fazem parte atualmente.

6.2 ARTESANATO: FONTE DE RENDA/VIDA/RESISTÊNCIA E SUPERAÇÃO

Nessa categoria, o artesanato é uma atividade que pode ser analisada em várias dimensões desde o processo de educação, formação, como sinônimo de resistência, superação, compartilhamento de conhecimentos, até o aspecto da geração e melhoria de renda e de vida. Aqui nos atentamos a essas especificidades que apesar de muitas não podem ser observadas de forma isolada, pois o artesanato pode ser uma fonte de renda, mas também, é expressão, é preservação de cultura, é uma forma de socialização, é um estilo de vida herdado ou escolhido, mas, acima de tudo é modelo de valorização de pessoas e comunidades. Como afirma Bourdieu (2011) acerca de sua percepção sobre a arte e produção, elas consistem em um sistema simbólico que, enquanto instrumento de poder é vinculado à ordem vigente e produzem percepções diversas associadas às especificidades do indivíduo e do grupo.

Por isso, quando pensamos no artesanato como fonte de renda e de vida, é praticamente impossível não pensar em todos esses aspectos mencionados, porque essa técnica juntamente com as suas especificidades são também uma

possibilidade de inovação e readaptação, capaz de acompanhar mudanças econômicas, sociais e culturais. Sobre essa característica de se readaptar o artesão Guará (2020) nos diz que:

Nesse momento de pandemia, temos feito uma feira virtual. Eu brinquei com a turma “vamos fazer uma feira virtual”. Eu compro um artesanato, alguém me compra um pacote de café e a gente faz a feira virtual. Na verdade, essa pandemia, no meu entendimento, ela serviu para um momento de reflexão das pessoas em relação à necessidade da gente se adaptar, se reinventar para conseguir sobreviver e devagarzinho ir vendendo as nossas peças (ENTREVISTADO GUARÁ, 2020).

A fala do entrevistado nos permite refletir que no mundo globalizado no qual vivemos somos obrigados a acompanhar as mudanças sociais, econômicas e culturais e encarar essas mudanças como uma oportunidade de crescer. Por isso, ele sinaliza que a pandemia, apesar de todos os aspectos negativos, está sendo também um momento de reflexão e até mesmo de oportunidade de experimentar coisas novas, como por exemplo, venderem os seus produtos de maneira virtual, mas claro, sem perder a essência tão particular do fazer artesanal, pois, é o ato de criar que torna o artesanato um diferencial, porque em cada produto está contida a diferença inerente à criação.

Assim, Guará (2020) nos afirma ainda,

[...] teve uma pessoa que chegou pra mim num dia de feira, e disse assim: seu Guará foi tão bom o senhor ter me convidado para essa feira, porque eu tava de cabeça quente lá em casa sem trabalhar, meu esposo sem trabalhar. E surgiu essa feira, trouxe os artesanatos e vendi tudo, graças a Deus (ENTREVISTADO GUARÁ, 2020).

A partir dessa fala é perceptível o quanto a feira de artesanato foi importante para esses artesãos citados por Guará, através dessa iniciativa simples, mas, inovadora, eles conseguiram vender as peças que tinham, aliviar os problemas emocionais e, também, financeiros.

Coadunando com o sentimento do artesão Guará, a entrevistada Maria Bonita (2020), avalia a “Oficina: Pensando na saúde mental em meio à pandemia”, organizada pela pesquisadora em parceria com a psicóloga Janara Teixeira, observando exatamente o aspecto da renovação e a capacidade terapêutica proporcionada pelo artesanato:

Gostei muito, a oficina foi ótima, pois tratou sobre o medo, a ansiedade e os desafios mediante esse momento de pandemia. A psicóloga mostrou que não podemos nos entregar, e que temos que continuar com nossa atividade porque o trabalho manual já é uma terapia. E ela tá certa, não tem nada melhor do que a gente terminar uma peça, por mais trabalhosa que seja, e dizer assim, foi eu que fiz... e quando alguém elogia, o coração chega transborda de felicidade, eu mesma não posso parar, quando estou criando uma peça, esqueço do mundo (ENTREVISTADA MARIA BONITA, 2020).

Observamos na fala da entrevistada um elogio eminente para a oficina realizada pela psicóloga Janara Teixeira. Os elogios da artesã Maria Bonita acerca da oficina efetivada pela psicóloga foram unânimes para o grupo de artesãos que participaram desse momento de educação/formação em tempo de pandemia da Covid-19. Assim como, coaduna com a percepção da referida psicóloga acerca da vivência compartilhada com o grupo de artesãos quando ela afirma que “durante a oficina foi possível perceber a “sintonia” e “parceria” entre as participantes. De maneira muito solícita me acolheram e também me sentir parte do grupo”. (PSICÓLOGA JANARA TEIXEIRA, 2020).

Vale destacar que ainda observamos na fala de Maria Bonita que existe prazer no que ela faz, o fazer manual proporciona uma sensação de completude, de motivação e quando ela diz que “esquece do mundo”, é como se ela estivesse em um estado meditativo, que proporciona o alívio de stress e da ansiedade. Há de fato uma consonância entre cérebro, mente e cultura, em que cada um dos termos é necessário ao outro (MORIN, 2004). A artesã Sertaneja (2020) reitera essa perspectiva quando diz que “além da renda, o artesanato mudou a minha vida em muitas coisas. Eu era uma pessoa muito estressada, agitada. O artesanato virou um vício bom pra mim, me acalma. Tem dias que preciso parar porque trabalhei demais”.

Corroborando com o sentimento que a artesã Sertaneja nos apresentou, Flor de Mandacaru (2020) cita como o artesanato foi importante para a sua cura:

Quando eu tive paralisia facial eu fiz fisioterapia, um monte de coisa e eu não conseguia nem falar direito, nem ouvir direito e muito menos enxergar com o olho direito. Aí surgiu a oportunidade de dar aulas pra umas senhoras da terceira idade numa comunidade aqui de Petrolina e desse jeito eu fui e foi a melhor fisioterapia que eu já fiz. Três meses depois estava tudo normal. Então o artesanato foi minha cura (ENTREVISTADA FLOR DE MANDACARU, 2020).

A entrevistada Flor de Mandacaru é enfática quando fala sobre o potencial de cura que o artesanato teve em sua vida. Apesar de todo acompanhamento médico, o tratamento não estava surtindo os efeitos esperados, no entanto, a motivação das aulas e a vontade de querer continuar fizeram-na aceitar o desafio de ministrar aulas de artesanato para senhoras da terceira idade, mesmo diante das condições de saúde que se encontrava, e como ela diz “foi a melhor fisioterapia que eu já fiz”. Existem estudos científicos que comprovam que grupos de artesanato ajudam na reabilitação de pessoas com inúmeros problemas de saúde, inclusive com problemas ligados a saúde mental. Os trabalhos são voltados para “potencializar as capacidades dos sujeitos, na busca proporciona mudanças de comportamentos e atitudes que devem estar direcionadas ao desenvolvimento da autonomia e no enfrentamento das condições geradoras de sofrimentos evitáveis e desnecessários” (SCARDOELLI, 2009, p. 65).

No que tange ao prazer do fazer proporcionado pelo artesanato, a prática em si é uma opção de ampliar a renda ou viver apenas dela, de se conhecer, de desenvolver novas habilidades e de aumentar a autoestima, características essas defendida pelos profissionais da saúde como importantes fontes de terapia. Observando pelo ângulo da renda para sobrevivência e da opção de trabalho autônomo, o artesanato possibilita, além de todos os aspectos já mencionados, também a independência não apenas financeira, mais a de fazer o seu próprio horário de trabalho. Isso pode ser claramente percebido pelas falas de Sertaneja (2020) e de Flor de Mandacaru (2020):

[...] eu comecei a me aperfeiçoar mais e hoje está sendo minha renda, minha sobrevivência. Muita gente diz que não sobrevive do artesanato, mas eu não vejo assim. É minha renda, o artesanato agora nesse momento a gente não tá tendo muito lucro porque não tem como sair para vender, mas é só uma fase que tá difícil para todo mundo [...] eu decidi não trabalhar mais em empresas privadas. Eu resolvi trabalhar pra mim mesmo, confeccionar (ENTREVISTADA SERTANEJA, 2020).

Já tem mais de trinta anos que eu possuo uma renda extra com o artesanato, ajuda muito. E já faz 10 anos que 99% da minha renda vem do artesanato. Eu não acreditava que o artesanato pudesse proporcionar uma renda pra alguém, pra você viver 100%. E já teve época de eu não fazer nada de culinária, nada de bolos artísticos e tá ali só no artesanato (ENTREVISTADA FLOR DE MANDACARU, 2020).

No processo artesanal o artesão é dono do saber e da técnica de produção, não é apenas parte do processo, porque só ele pode iniciar e finalizar o processo de feitura de determinada peça, é a melhor pessoa para comprar e reconhecer a qualidade dos materiais e, no final, ainda é quem comercializa o seu produto gerando o tão esperado lucro. A própria forma de organização do trabalho artesanal permite autonomia total ao longo de todo o processo, além de ser uma possibilidade de ampliar o desenvolvimento local, diferente do que acontece, por exemplo, na produção fabril ou em outras empresas privadas, que demandam de serviços terceirizados, podendo encarecer o produto e ainda atrasar a produção e a entrega.

Notamos que o artesanato, além de todas as possibilidades que proporciona a quem faz, também pode contribuir para o desenvolvimento local, para o turismo, convertendo-se em uma arte capaz de gerar renda de sobrevivência ou renda complementar para as famílias ou grupos que giram em torno dessa atividade. Nesse sentido, Bezerra (2013, p.118) afirma que o artesanato é “[...] um símbolo de representação social e cultural da comunidade”, e para tornar evidente a importância dessas representações, a artesã Vagalume (2020) registra que “o turismo é o grande influenciador do artesanato local”. As pessoas que estão visitando querem levar uma lembrança de Petrolina, eles querem levar algo para alguém, então, a venda do artesanato fornece isso.

De acordo com essa vertente, Bezerra (2013, p. 125) ressalta que o artesanato “[...] trata-se de um universo imaginário singular, reflexo de um cenário social único, construído culturalmente por longas décadas como representação de um povo, de uma sociedade diferente, mas original”. E partindo desse pressuposto, o artesanato tem um potencial rico que precisa ser divulgado, conhecido e reconhecido enquanto fazer artístico e cultural, ampliando as possibilidades de desenvolvimento turístico. Essa vertente pode ser percebida através das falas da artesã Maria Bonita (2020) e do artesão Guará (2020):

Então, o turismo tem uma grande influência. Tem pessoas que vive exclusivamente de esperar o turista pra vir e comprar o seu material. Tem gente que vende dois mil, três mil por mês, só de peça miudinha porque os turistas vêm. Esses meses de junho e janeiro o pessoal fica bombando de vendas. Eu não vejo tanta valorização das autoridades para o artesanato. Eu acho que eles deveriam valorizar mais, incentivar mais (ENTREVISTADA MARIA BONITA, 2020).

[...] a Cidade do Território do Submédio São Francisco hoje, além de ser um polo da fruta e cultura irrigada, hoje ela desponta também na área do turismo e artesanato. Vamos atrair esse turista para que no turismo, a arte da cidade possa ser conhecida (ENTREVISTADO GUARÁ, 2020).

Nota-se que as duas falas tratam da interdependência e interação entre o turismo e o artesanato como uma forma de valorização do trabalho, crescimento e desenvolvimento local, além da necessidade de estímulo das autoridades locais com investimentos nesse setor, como uma maneira de movimentar todo o setor turístico, a rede de hotelaria, restaurantes e a comercialização dos produtos regionais, oportunizando as famílias que vivem dessa arte, tão significativa e com potencial de integrar tantos benefícios, a chance de se expandir economicamente.

Por fim, através das falas dos artesãos entrevistadas, percebemos que os desafios da vida do/com o artesanato são acima de tudo prazerosos, porque possibilitam um constante aprendizado, é muito mais do que uma educação institucionalizada, intelectual, é uma educação integral em consonância com o campo afetivo, estético, sustentável, financeiro e emocional, afinal o ato de educar é um ato militante constituído do/com o saber popular, onde o conhecimento está a serviço do fortalecimento e da autonomia do poder e cultura popular.

6.3 O ARTESANATO E A HORIZONTALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Nessa categoria é explicitado que a Educação Popular tem como premissa máxima, educar para o desenvolvimento pleno, sintonizando as pessoas e os grupos aos quais fazem parte numa práxis de ressignificação, educando-as para outros mundos possíveis, pois como nos diz Gadotti (2009, p. 31), “educar para superar a lógica desumanizadora do capital que tem no individualismo e no lucro seus fundamentos, é educar para transformar radicalmente o modelo econômico e político atual, para que haja justiça social e ambiental”.

Portanto, a educação deve perpassar o modelo de sociedade capitalista e primar por uma educação contra hegemônica, seguindo uma perspectiva de conceber as relações de produção e distribuição de riquezas de forma compartilhada, com direito a ter direitos, caminhando para uma educação crítica e

cidadã que possibilite a vez, a voz e o voto pela dignidade socioeconômica, político-cultural, sustentável, inclusiva, com equidade, democracia e humanidade.

Nesse sentido, enfatizamos que a educação deve estar a serviço de todos e não destinada a apenas uma classe social, pois como ressalta Paiva (2015):

Educação Social como uma prática da Pedagogia Social que está além da informação, porque acredita no ser humano como ser incompleto e que está sempre sendo, um ser inacabado em constante desenvolvimento, por isso não limitamos a Educação Social às classes sociais ou à criança, tão pouco aos chamados “excluídos” pela sociedade. A Educação Social é para todos, e está presente durante toda vida neste ser sensível, perceptível, capaz de transcender em seu meio social que se chama humano-e-ensinar, a educação social fala do desenvolvimento humano do ser (PAIVA, 2015, p. 41).

Em sua expertise e de maneira muito sensível, a autora considera que a Educação Social é a educação voltada para todos, uma educação com um único propósito, desenvolver no ser humano a capacidade de se desafiar, mas, tendo como base os pressupostos teóricos e práticos da transformação social, da autonomia, da emancipação e da consciência do seu lugar e do lugar do outro no mundo (SILVA, 2016). Ainda nesta perspectiva, Paiva (2015, p. 43) complementa “é como se a Educação Social seguisse por uma trilha alternativa enquanto a Educação escolar por um caminho asfaltado, não menos complexo”.

Coadunando com essa ideia, Silva (2016) nos afirma que as práticas que compõem a Pedagogia Social se fazem ao longo da vida, estão presente em todos os espaços e que todos nós somos potenciais educadores. Silva (2016) reitera ainda que

nenhum espaço seja público ou privado, e nenhum grupo social, qualquer que seja sua capacidade econômica ou nível de escolaridade pode prescindir da Pedagogia Social, especialmente nestes tempos de intensas transformações nas relações em todas as instâncias e estruturas sociais (SILVA, 2016, p. 189).

Isso posto, é claramente perceptível que as práticas artesãs como práxis educativas estão presente nas culturas populares tradicionais e por isso, são consideradas pedagogia social, pois integram diferentes grupos e comunidades através do compartilhamento de saberes intergeracionais. A esse respeito, a artesã

Flor de Mandacaru (2020) tece o seguinte comentário: “por isso eu gosto de participar do grupo de artesanato, assim pode acontecer a troca. É o trabalhar junto, é o andar junto, é o progredir junto”.

Através desse comentário observamos o quanto a horizontalização do conhecimento é uma prática importante, nesse processo, todos ensinam e aprendem juntos, estabelecendo uma relação de troca, de compartilhamento e de diálogo. Maria Bonita (2020) concorda dizendo “o que eu considero de mais importante no meu trabalho é o compartilhar. Eu compartilho com muitas pessoas que fazem o mesmo que eu [...]”. Percebemos que esse sentimento é comum a todas as pessoas envolvidas na pesquisa, a artesã Sertaneja (2020) demonstra satisfação e prazer em ajudar e isso pode ser percebido na avaliação feita por ela durante a oficina “Mãos solidárias que fazem e doam máscaras”, ela ressalta que

a princípio eu só cortava, desvirava, passava a ferro e minha parceira costurava, eu fui observando e ela também me ajudou. Eu me sinto muito feliz agora, por conseguir fazer todo o processo de cortar, costurar e finalizar, pois antes eu não tinha muita experiência com a costura. Me sinto muito grata também porque estou contribuindo para que muitas pessoas fiquem protegidas” (AVALIAÇÃO DE SERTANEJA, 2020).

A pesquisadora, durante o seu processo de observação e, também, de avaliação percebeu como foram significativos os momentos de formação proporcionados pelas oficinas. De todos os objetivos propostos ela elenca que o principal foi proporcionar a valorização dos artesãos e de suas artes, além de possibilitar o reconhecimento da importância de momentos de produção de artesanato solidário, o qual oportunizou a vivência de sentimentos valiosos, de apoio, alteridade e altruísmo. Resignificando o sofrimento do isolamento físico vivenciado pela situação de pandemia, em um momento de cuidar e de pensar no coletivo.

Outro aspecto perceptível ao longo das oficinas diz respeito ao papel relevante, tanto para aicineira, como para as artesãs, essa oportunidade de formação, possibilitou uma percepção de que o artesanato já traz em si um valor humano e especial, mas não se basta apenas pelo valor afetivo. Como qualquer produto no mercado consumidor, ele precisa ter qualidade, representação cultural, e

do ponto de vista econômico, ter custo e preço sustentável. Nessa direção, a artesã Maria Arteira (2020) afirma que após as oficinas percebeu a importância em

divulgar o meu trabalho, compartilhar experiências com os colegas artesãos e comercializar meus produtos é importante. Através do grupo de artesãos posso retirar de casa os produtos e participar das feiras com eles, uma oportunidade de mostrar o trabalho para um maior número de pessoas (ENTREVISTADA MARIA ARTEIRA, 2020).

A fala da entrevistada demonstra satisfação com as oficinas e enfatiza que a escolha das temáticas contribuiu para o processo de formação e vida através do artesanato, pois a pesquisadora por conhecer e conviver com o grupo, preparou as oficinas de forma que os artesãos pudessem compartilhar técnicas, mas também, aprender técnicas novas, situação pensada como mais uma alternativa para aumentar a renda dessas pessoas diante da situação de pandemia que vivemos e que interferiu e muito na venda das peças por conta da redução drástica do turismo, situação necessária para tentar reduzir os números de casos de contaminação. Assim, esse estudo implantou um processo de formação através de oficinas, tendo como base a história oral dos artesãos que discutiu questões relacionadas à renda, ao trabalho, à saúde e ao reconhecimento de seus saberes e fazeres através do artesanato. Além disso, como afirma Santos (2020, p. 29):

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI.

Quando Santos nos revela esse olhar reitera o quanto temos a necessidade de adaptarmos às novas condições que a vida nos apresenta diante de momentos de crise como este da pandemia do covid19, na dimensão global e local, solicitando dos sujeitos legitimamente situados em seus contextos sociais conviver com outras possibilidades de aprendizagem (sic) para a sobrevivência, como as alternativas das oficinas virtuais vivenciadas nesta pesquisa.

7 CONCLUSÃO

A investigação aqui apresentada foi movida pela relação de compartilhamento da necessidade de organização de um grupo de artesãos intitulado Feira na Vila de uma comunidade do Submédio São Francisco, sobre a qual a pesquisadora como educadora social defendeu a autonomia desses colaboradores durante todo o processo da intervenção, em face à seguinte questão de pesquisa: Como ocorrem os enfrentamentos do grupo de artesãos de Petrolina-PE diante das perspectivas de educação/formação implementada através do artesanato? Com efeito, o objetivo geral do estudo consistiu em analisar as possibilidades de enfrentamento do grupo de artesãos de Petrolina-PE diante das perspectivas de educação/formação através do artesanato.

Importante destacar de imediato os objetivos específicos, para se ter uma visão processual da pesquisa/intervenção, e nesse sentido também foi intenção do trabalho acadêmico, estabelecer uma relação dialógica entre educação/formação através do artesanato; compreender as possibilidades de educação/formação encontradas pelo grupo de artesãos, tendo como base o artesanato; e finalmente analisar os principais enfrentamentos dos artesãos, tendo como âncora o processo de formação/atuação no artesanato local e implementar um processo de formação através de oficinas, tendo como base a história oral dos artesãos.

Os capítulos teóricos deste trabalho constituíram-se em importantes diálogos para desvendar a trajetória do grupo de artesãos Feira na Vila, com referenciais teóricos consistentes ancorados nas contribuições de: Dussel (2016); Freire (2000; 2005; 2014), Gadotti (2012), Gohn (2009; 2014), Geertz (2008), Haguette (2010), Libâneo (2005); Quijano (2005), Santos (2009), Cascudo (1983), Bardin (2000), dentre outros autores, os quais descortinaram conceitos como artesãos, educação formal e não formal, pedagogia social, cultura atrelados a importantes narrativas das histórias orais dos colaboradores desta investigação interventiva.

Neste sentido a escolha do caminho metodológico, da história oral temática, assim como da entrevista semiestruturada, das observações e da formação através de oficinas temáticas, foi possível perceber as possibilidades de enfrentamento que a educação/formação pode incidir na vida e no artesanato desenvolvido por esse grupo de artesãos.

Posto isto, destacamos o quanto foi relevante dialogar com os artesãos através do acolhimento da oficina “Pensando na saúde mental em meio à pandemia” que contextualizou o momento estressante que estamos vivendo em tempos da Covid-19, pois, sentimos que os artesãos estavam muito tristes e isolados e após a realização desse momento coletivo, diagnóstico e colaborativo desencadeou o enfrentamento do medo instaurado através de ações proativas, solidárias e de cunho artesanal realizado através da oficina intitulada “Mãos solidárias que fazem e doam máscaras”.

Ressaltamos, ainda, a satisfação que cada artesão sentiu durante a entrega das máscaras a moradores de rua e instituições do terceiro setor, pois mesmo no isolamento social o artesanato voltou a circular com o sentido que extrapolou as casas e as máquinas de costura de cada artesão, pois revelou a possibilidade do cuidado consigo e com outro, sobretudo com o outro que muitas vezes são invisibilizados pelos poderes públicos, a exemplo dos moradores de rua. Isso pode ser sentido quando no processo de distribuição, para além do recebimento da máscara, alguns foram informados sobre o que de fato estava assolando o nosso contexto social.

Nesse instante, sentimos o impacto da educação social presente nesse grupo, pois a horizontalidade dos saberes e dos fazeres ecoaram na construção de um mosaico ilustrativo desse momento de construção/formação, o qual simbolicamente, representou a presença de cada um deles no contexto da sua comunidade aprendendo, construindo e compartilhando.

Vale ressaltar, que essa oficina também desencadeou um momento produtivo para os próprios artesãos, pois a ação solidária também se constituiu depois em uma forma de manter a própria sobrevivência, produzindo máscaras como uma forma de divulgação do trabalho feito por artesãos.

Dando continuidade a esses momentos de educação/formação, ressaltamos uma marca muito forte dessas mulheres que compõem o grupo, onde no contexto de seis artesãos, cinco são mulheres, sendo que, destas, quatro são solteiras e mantenedoras dos seus lares, uma é viúva e apenas o líder do grupo é casado. Com efeito, o artesanato revela a força da mulher nesse processo, dessa mulher nordestina, mãe solteira, trabalhadora, batalhadora, desbravadora de possibilidades de sobrevivência através do artesanato.

No entanto, é oportuno contextualizar o quanto essas mulheres, solteiras e viúvas, trabalhadoras, autônomas, donas de uma personalidade forte e resistente, mantêm o amor em aprender sempre com o outro, socializando os seus saberes e compartilhando experiências. Condição essa que ficou evidenciada na oficina efetivada sobre “Retalhos de chita em juta”, a qual foi realizada com a contribuição da artesã mais experiente do grupo e que demonstrou a continuidade da tradição e do compartilhamento de saberes construídos e transferidos de forma intergeracional.

Interessante que nesses momentos de compartilhamentos nessa oficina, emergiram também narrativas de medos concernentes à trajetória de duas artesãs as quais foram vítimas quando participaram de alguns grupos, da apropriação indevida, ou seja, sem autorização, dos modelos de suas obras artesanais, que foram replicadas sem nenhum respeito à indicação das autorias.

Nesse sentido, foi muito oportuno ter acesso a esses medos, assim como a socialização destes no grupo, pois o compartilhamento da experiência da artesã mais idosa do grupo, com as demais mostrou o quanto podemos ressignificar aquilo que fazemos a partir da interação e do reconhecimento das construções trazidas pela experiência.

Assim, a quarta e última oficina intitulada “*Patchwork*: Técnica e Arte em Retalhos” culminou com reflexões acerca do aprimoramento da qualidade que técnicas diferenciadas podem ter diante do reaproveitamento de retalhos. Nesse momento, os artesãos vislumbraram outras possibilidades sobre os seus fazeres, a partir de troca com uma artesã, também da região nordeste, mas que tem algo a ser propagado, o seu artesanato é reconhecido nos grandes centros, em face à identidade da cultura que ele reverbera, assim como, pelo cuidado com a técnica com a qual constrói suas peças.

Diante do exposto, o produto da educação/formação implementado através das oficinas dialógicas, possibilitou a cada artesão do grupo, olhar para si e para o outro reconhecendo que juntos são mais fortes e capazes de enfrentar, para além do isolamento social outras possibilidades de sobrevivência dentre as quais destacamos: a efetivação de feiras virtuais, a divulgação das peças através do *Instagram*, as interações uns com ou outros através de plataformas virtuais, de ligações, do grupo de *WhatsApp* sem com isso, perder a perspectiva do estar junto mesmo com o distanciamento necessário para a garantia da sobrevivência.

Com efeito, confirmamos que a questão e os objetivos da pesquisa foram atingidos em face aos feedbacks que cada oficina de cunho educativo/formativo revelou. Assim como, este processo destacou a força da educação popular como processo intrínseco à história, à arte, à cultura, ao cotidiano das pessoas e às expectativas e possibilidades que se busca por melhoria da qualidade de vida, por direitos sociais, inclusão e diversidade nas políticas públicas.

Essas diversas dimensões fundamentadas por múltiplas concepções de mundo, pelas lutas de classe, pelos contextos individuais, familiares e de cada comunidade nos distintos territórios, em momentos e situações socioeconômicas, educacionais, geopolíticas e históricas.

O presente estudo acadêmico, que se iniciou em 2019, tinha um cenário diferente do vivido e do contexto atual e nesse tempo a pesquisa/intervenção, diante da pandemia, sofreu alterações metodológicas, e certamente o distanciamento social, determinado pelos protocolos sanitários frente à Covid-19 trouxe significativas alterações e mudanças biopsíquicas e socioeconômicas para todas as pessoas, em qualquer lugar do mundo.

Face à essa complexidade de questões, e a necessidade de buscar enfrentamentos diante da vida, uma coisa que independe de qualquer argumentação consiste na atitude e a capacidade de respeito, de alteridade que se faz necessário em qualquer atividade humana que se pretenda dialógica, quando se quer buscar uma ação solidária e partilhada por anseios coletivos.

Foi nesse sentido, que essa pesquisa/intervenção, propôs e pôde efetivar com os artesãos sertanejos, numa comunidade do Submédio São Francisco uma ação que se constituiu e que vem se materializando cotidianamente como uma atividade social de educação, arte/artesanato e cultura popular, dentro de um viés de sustentabilidade econômica local.

Essa construção dialogada aconteceu, porque foi algo significativo, fazendo parte da vida dessas pessoas e, portanto, sendo de interesse de todos aqueles que estavam envolvidos. A mestranda manteve-se realizando de forma empírica atividades como produtora cultural do artesanato de tradição e ao longo da sua trajetória profissional como professora da rede pública de jovens, adultos e idosos é adepta da pedagogia freiriana de natureza problematizadora, emancipatória, historicizada e transformadora da realidade.

Em conversa com Jota Meneses, jornalista, professor de história e mestre em educação, seu colega na escola da comunidade, onde atua, a mestranda tem exatamente o mesmo sentido que ele sobre o que é ser sertanejo e viver no sertão. Como pessoa da classe pobre trabalhadora, mesmo identificando que esse território é o maior exportador da fruticultura irrigada do Brasil.

Na visão poética, entretanto árida e real, decorrente das mazelas da “cultura da seca”, a labuta deixa as mãos do sertanejo calejado, mas com a volta da asa branca é sinal de esperança, de colheita e a vida volta a ser vivida, pelo menos por um tempo, em sua plenitude.

Essa cena está marcada na alma dos artesãos sertanejos e embora, eles não tenham com profundidade a compreensão do que representa cada objeto artesanal, que eles fazem arteiramente com as suas mãos, há um sentido de sofrimento e de esperança impregnada na alma e no imaginário coletivo, que é perpassado de geração em geração.

Dialogando com esses artesãos que produzem esse segmento do artesanato popular, a mestranda através também, das suas observações durante as oficinas e da história oral temática desses colaboradores pôde verificar o interesse deles em um processo de educação/formação para que ele ressignifiquem cada vez mais essa dimensão e o sentido de todo esse contexto sertanejo, comunicado através do simbolismo artístico do artesanato. Inclusive porque o segmento turístico para o qual eles idealizam e de fato comercializam grande parte da sua produção, demanda essa capacidade de valorização e de divulgação do artesanato, vindo da própria expressão verbal do artesão.

Nesse sentido, a pesquisadora pôde perceber que essa formação tem muitas possibilidades de desdobramentos importantes, principalmente no descortinar as subjetividades artísticas de tradição, elevando a autoestima do artesão através do seu reconhecimento e do valor da sua identidade como artista popular que salvaguarda as tradições, a memória e a cultura da sua ancestralidade.

As narrativas constantes em grande parte das histórias orais dos artesãos apresentaram uma oscilação entre desenvolverem a atividade artesanal de forma individual e/ou coletiva. O que se observou é muito decorrente da filosofia capitalista, do modelo de sociedade adotado no ocidente, e que não incentiva as práticas solidárias em comunidade, em coletividade. Mas, com o Grupo Feira na Vila, a partir do processo inicial de organização das feiras, nas praças da cidade, houve um

exercício participação conjunta, ressignificado com o advento da pandemia em março de 2020, atualmente as redes sociais do grupo, vem postando o artesanato produzido individualmente e no tocante a essas tecnologias remotas certamente além de melhor uso, exigirá um comportamento mais solidário, agregando um valor social e sustentável do artesanato.

Isso não será uma grande dificuldade de obter no conjunto dos artesãos, pois como observamos na sua história oral temática e nas oficinas, a maioria dos colaboradores se apresentaram muito solícitos para socializar a sua arte com os demais e como ficou caracterizado em sendo um saber/fazer intergeracional, há uma perspectiva de se pensar inclusive como proposta de projeto de curricularização na rede pública de ensino da educação básica.

Por outro lado, os diálogos entre a mestrandia e os artesãos continuam permanentes e vem rendendo alguns ensaios de arte/artesanato, como alguns artefatos para ambientação de interiores. A pesquisadora vem planejando e trocando ideias com esses artistas populares na perspectiva de estruturar um espaço, a princípio denominado “A Casa do Artesanato Popular”, onde será realizada oficinas, rodas de conversa, divulgação e comercialização do artesanato local, tudo de forma diversa, inclusiva e comunitária.

Ademais, foi relevante receber da comunidade do submédio São Francisco o reconhecimento de ações efetivadas na oficina “Mãos solidárias que fazem e doam máscaras”, assim como o comprometimento do grupo Feira na Vila pela continuidade dessas ações de educação/formação com periodicidade anual diante da intervenção educativa social efetivada.

O artesanato popular sem sombra de dúvida pode, pela sua natureza de resiliência, de resistência contra hegemônica ao modelo capitalista, tanto no tocante às relações de produção como também no tocante à concentração de riqueza traz no seu bojo toda uma iniciativa de ecologia de saberes/fazer e de sustentabilidade social e local.

Nesse sentido, fica registrado a continuidade ao conjunto de atividades de educação/formação através da arte, cultura e economia popular, agregando artesãos interessados nesse coletivo, de pesquisa, estudo, vivências, desenvolvimento de objetos do artesanato de tradição e busca por parcerias, para a realização de atividades nesse momento, ainda remotas, e na sequência, híbrida e presencial.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Carla Melissa. **Histórias de vida e de costura: os saberes e sabores da mulher artífice**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_e4e1675a441c119d48c575ed62d3e553. Acesso em: 08 nov. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BEZERRA, N. A. P. As representações de meio ambiente no imaginário dos artesãos de Capim Dourado do município de Mateiros – TO. *In*: CORCINIO JÚNIOR, G. F.; SILVA, V. C. P. da. **Natureza e representações imaginárias**. Curitiba: Appris, 2013.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRASIL, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Programa de Artesanato Brasileiro**, explicita Base Conceitual do Artesanato Brasileiro, 2012. Disponível em: <https://manosdeartesanato.files.wordpress.com/2013/06/base-conceptual-del-artesano-brasileiro.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- CASCUDO, Câmara. **Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral**. 2ªed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31. Número 1. janeiro/abril 2016.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- GADOTTI, M. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v. 18, n. 1, dez., 2012. p. 10-32. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>. Acesso em: 22 nov. 2019.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e o educador social. **Revista de Ciências da Educação**, Americana, n. 19, p. 121-140, 2. sem. 2008.

GOHN, M. DA G. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. Meta: Avaliação. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan./abr. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/w10/Downloads/1-52-3-PB.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

GOHN, M. DA G. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *In*: **Investigar em Educação**. Campinas, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/w10/Downloads/4-17-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

GUALBERTO, João; LUSTOZA, Tassio; SOUZA, Arthur. **Vale do Submédio São Francisco. A Lavoura**, [S. l.], n. Edição Nº 703/2014, p. 1, 3 mar. 2015. Disponível em: <https://indicacaogeografica.com.br/>. Acesso em: 25 out. 2020.

HAGUETTE. T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

KÉSIA, Adda; PEREIRA, Idinária Faustino; OLIVEIRA, Raiana Marjorie Amaral de; SILVA, Roseane Idalino da. A pesquisa-ação nas publicações da Revista Brasileira de Educação (2016-2018). **Revista Brasileira de Educação**, Itajubá- MG, v. 8, ed. 10, 25 jul. 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i10.720>. Disponível em: <http://www.anped.org.br/site/rbe/rbe>. Acesso em: 20 fev. 2020. Acesso em: 22 nov. 2019.

LIBÂNIO, José Carlos. O campo de conhecimento pedagógico e a identidade profissional do pedagogo. *In*: **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2005. p. 25-41.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 1986.

MARQUES, Alcione; CHALUB, Leila. As mulheres do barro: Um registro etnomatemático das mulheres artesãs de Arraias (Tocantins). **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, 9 (2), 2016. Disponível em: <http://sired.udenar.edu.co/556/>. Acesso em: 08 nov. 2019.

MENDONÇA, Inajara Serpa de. **Associação dos artesãos profissionais de Ipojuca: um projeto de revitalização**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pós-graduação em Indústrias Criativas, Recife, 2018. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCAP_9bc697af9e413f1d56f114712a4226b9. Acesso em: 08 nov. 2019.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011. 104 p. ISBN 978-85-326-4212-7. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=PtUbBAAAQBAJ&lpg=PA21&ots=5O5l8II_RN&dq=o%20universo%20da%20produ%C3%A7%C3%A3o%20humana%20que%20pode%20ser%20resumido%20no%20mundo%20Minayo&hl=pt-BR&pg=PA4#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 20 fev. 2020.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004

OLIVEIRA, Maria Marly de. Pesquisa qualitativa. *In:_____*. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAIVA, Jacyara da Silva de. **Caminhos do Educador Social no Brasil**. Jundiaí. Paco editorial, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In SANTOS, B. S. & MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Livraria Almedina, 2009, p. 30-65.

SCARDOELLI, Márcia Glaciela da Cruz. **Potencial terapêutico do grupo de artesanato no cuidado a mulheres na atenção básica**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Estadual de Maringá - Departamento de Enfermagem. Maringá, 115 p. 2009.

SILVA, Francisco Ranieri Moreira da. **Configurações interorganizacionais no artesanato**: o arranjo interorganizacional da atividade artesanal em Juazeiro do Norte no Cariri cearense. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Núcleo de Pós-Graduação em Administração (NPGA), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24055>. Acesso em: 07 nov. 2019.

SILVA, Pedro Gama da. *et al.* Semiárido brasileiro: fatores naturais e humanos, *In: Sá, I. B.; Silva, P. C. G.* **Semiárido Brasileiro**: pesquisa, desenvolvimento e inovação. 1 ed. Embrapa, Petrolina. p. 17- 48. 2010.

SILVA, Roberto. Os fundamentos freirianos da pedagogia social em construção no Brasil. **Revista Interuniversitária**, n. 27, p. 179-198. 2016.

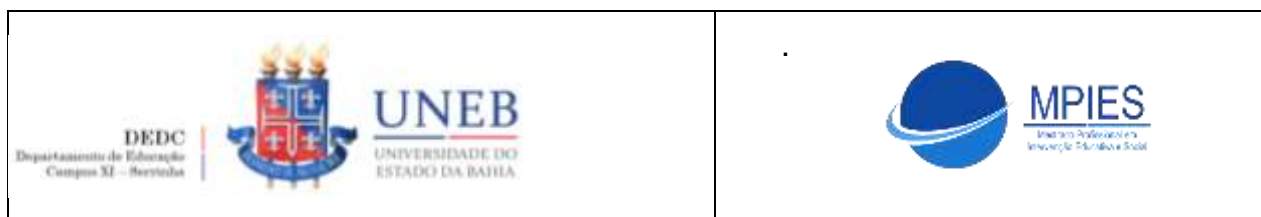
SOARES, R.; FISCHER, T. Aqui aprendeu da mãe que aprendeu mãe: memórias e significados do artesanato no território Sisal/BA. *EnANPAD*, 34, 2010. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

ROCHA, Sebastião. **Artesão**: sujeito e objeto de seu trabalho. 2010. Disponível em: http://www.scribd.com/word/full/2974453?access_key=key-an47z40hvbij1sqfhq8. Acesso em: 30 out. 2020.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. A contribuição de Victor Valla ao pensamento da educação popular. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, 2009.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. Educação Popular e Movimentos Sociais Contemporâneos: Algumas notas para reflexão. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 24, 2 jun. 2015.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS, CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

| | | | |
|-----------------------|-----------------------------|-------------------|--|
| Nome do Participante: | | Sexo: F () M () | |
| Data de Nascimento: | Documento de Identidade nº: | | |
| Endereço: | Nº: | Complemento: | |
| Bairro: | Cidade: | CEP: | |
| E-mail: | | Celular: | |

II - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA

O (a) senhor (a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa: **EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: O ARTESANATO NA VIDA DE ARTESÃOS NUMA COMUNIDADE DO SUBMÈDIO DO SÃO FRANCISCO** de responsabilidade da pesquisadora Maria Lúcia de Fátima Melo Alves Calabria, discente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que tem como objetivo analisar as possibilidades de enftretamento do grupo de artesãos de Petrolina-PE, diante das perspectivas de educação/formação através do artesanato.

Esta pesquisa apresenta como benefícios a oportunidade dos participantes integrarem os conhecimentos científicos, competências técnicas e atitudes, face aos problemas atuais, destacando a Educação/formação em espaços não formação, com vistas a contribuir na vida de artesãos.

Caso aceite, o(a) senhor(a) responderá os questionários da aluna Maria Lúcia de Fátima M. A. Calabria, do curso de **Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social** (MPIES). Devido à coleta de informações o(a) senhor(a) poderá se sentir constrangido(a) ou desconfortável. Existe um “RISCO MÍNIMO” que é a possibilidade de que o participante se sinta constrangido em falar sobre a temática com a (o) investigadora (o), mas esta (este) estará presente neste momento para lembrar que na pesquisa todas as opiniões são respeitadas. Caso haja qualquer mobilização a nível psicológico em algum participante da pesquisa, garante-se que este será encaminhado para avaliação e acompanhamento psicológico,

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o(a) senhor(a) não será identificado(a). Caso queira o(a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa. Os dados e instrumentos utilizados ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias: uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. A pesquisadora tratará sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Quando terminar a pesquisa, os resultados serão mostrados ao(à) senhor(a).

Quaisquer dúvidas que o(a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e o(a) senhor(a), caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia.

O(a) senhor(a) receberá uma cópia deste termo, onde constam os contatos dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

III - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Contato para dúvidas: Professora Dra. Ivonete Barreto de Amorim, celular (71) 99982-7970. **E-mail:** ivoneteeducadora623@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UNEB. Endereço: Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador - BA. **CEP:** 41.150-000. **Telefone:** (71) 3117-2445. **E-mail:** cepuneb@uneb.br.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP. Endereço: SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde - Brasília - DF. **CEP:** 70750-521.

IV - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pela pesquisadora sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **“EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: O ARTESANATO NA VIDA DE ARTESÃOS NUMA COMUNIDADE DO SUBMÊDIO DO SÃO FRANCISCO”**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar, sob livre e espontânea vontade, como voluntário. Consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos, desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

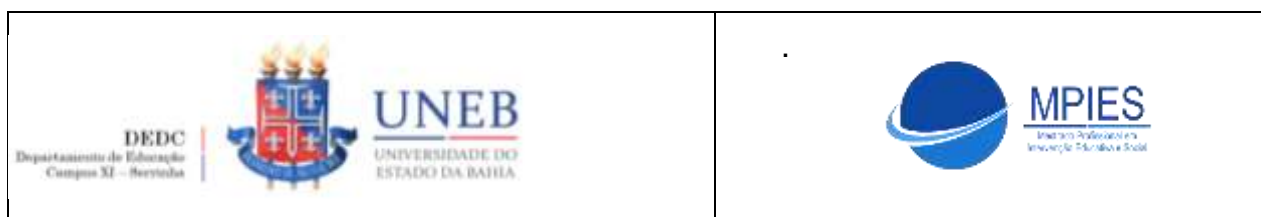
Serrinha, ____ de _____ de 2020

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador discente
(Orientando)

Assinatura do professor responsável
(Orientador)

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO



Por que você começou a trabalhar com o artesanato?

Qual a dificuldade vivenciada na sua atividade com o artesanato?

Quais as vantagens e desvantagens em desenvolver as atividades em grupo?

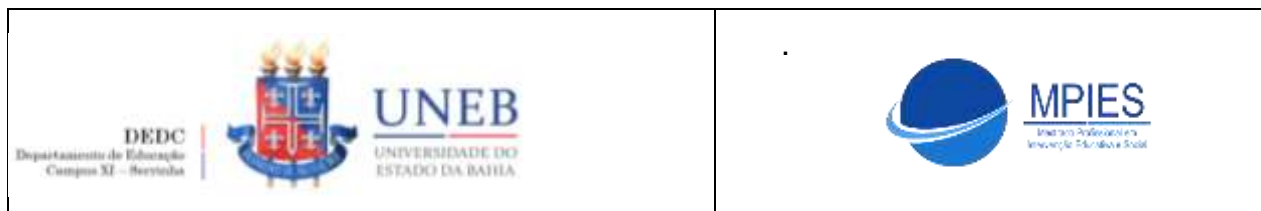
Como você tem enfrentado as suas dificuldades com o artesanato?

O que você tem aprendido e/ou ensinado com o artesanato?

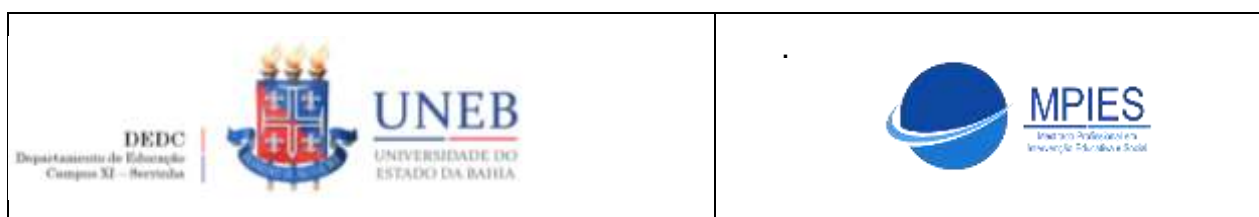
O que você acredita que falta no grupo que você participa para que ajude no enfrentamento das dificuldades, no seu ciclo de cultura popular?

Qual a literatura que você mais gosta de escutar/ler?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA E DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E PROFISSIONAIS

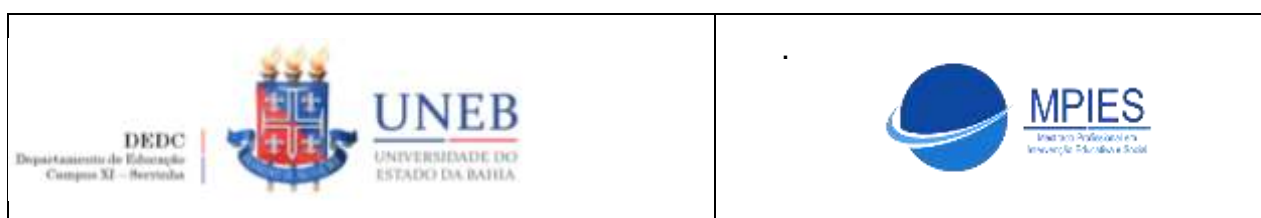


1. Como foi que tudo começou? Fale um pouco sobre a sua relação com o artesanato e esse grupo de artesãos...
2. Qual a importância que o artesanato tem na sua vida?
4. Quando começou o seu contato com o artesanato? Há quanto tempo trabalha com artesanato? Você tem alguma fonte de inspiração? Caso sim, explique sobre esse processo...
6. Você fez algum curso que ajudou a aprender técnicas para trabalhar? Se sim, quais?
7. O que mudou em sua vida depois do trabalho com o artesanato?
8. O que você considera mais importante no seu trabalho?
9. Se fosse possível mudar ou melhorar algo ligado ao seu ofício o que seria?



| DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E PROFISSIONAIS | | | | |
|--|--------------------------------------|---------------------------------------|---|---------------------------------|
| Nome: | | Nome fictício: | | |
| 2. Gênero | | | | |
| <input type="checkbox"/> Feminino | | <input type="checkbox"/> Masculino | | |
| 3. Idade: | | | | |
| | | | | |
| 3. Estado Civil: | | | | |
| <input type="checkbox"/> Solteiro | <input type="checkbox"/> Casado | <input type="checkbox"/> Divorciado | <input type="checkbox"/> Viúvo | <input type="checkbox"/> Outros |
| 5. Formação Escolar | | | | |
| <input type="checkbox"/> Anos Iniciais | <input type="checkbox"/> Anos Finais | <input type="checkbox"/> Ensino Médio | <input type="checkbox"/> Sem escolaridade | |
| 6. Tempo de trabalho com Artesanato: | | | | |
| | | | | |
| 7. Carga horária de trabalho com artesanato | | | | |
| <input type="checkbox"/> 20h | | <input type="checkbox"/> 40h | | <input type="checkbox"/> Outras |

APÊNDICE D – OBSERVAÇÃO



ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

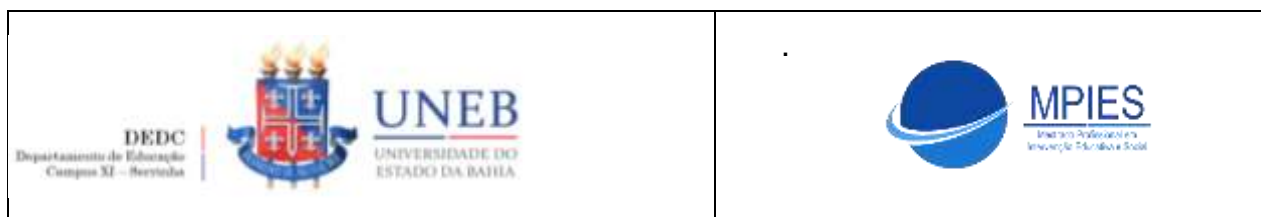
Observar e registrar a participação e assiduidade dos artesãos nas reuniões mensais;

Observar e registrar a relação entre os artesãos mais experientes com os menos experientes;

Observar e registrar o interesse dos artesãos nas formações/oficinas vivenciadas pelo grupo;

Registrar as impressões e atitudes dos artesãos diante das atividades e formações/oficinas propostas.

APÊNDICE E – TERMO DE USO DE IMAGEM



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, (nome completo da pessoa filmada/fotografada), (nacionalidade), (estado civil), portador(a) do RG n.º _____, inscrito(a) no CPF sob o n.º _____, residente na Rua _____ n.º _____, (cidade) – (estado). AUTORIZO o uso de minha imagem em fotos, vídeos e em plataformas de vídeoconferência, com ou sem captação de som, na filmagem de Maria Lúcia de Fátima Melo Alves Calabria, com o fim específico de participar da pesquisa intitulada “EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: O ARTESANATO NA VIDA DE ARTESÃOS DE PETROLINA/PE”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação stricto sensu, Mestrado Profissional em Intervenção Educativa Social (**MPIES**) - DEDC - XI da **UNEB** em Serrinha, sem qualquer ônus e em caráter definitivo. A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na filmagens e/ou fotografias acima mencionada é concedida a título gratuito, abrangendo inclusive a licença a terceiros, de forma direta ou indireta, e a inserção em materiais para toda e qualquer finalidade, seja para uso comercial, de publicidade, jornalístico, editorial, didático e outros que existam ou venham a existir no futuro, para veiculação/distribuição em território nacional e internacional, por prazo indeterminado. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Local (cidade e data): _____

Assinatura

APÊNDICE F – PROJETO DE INTERVENÇÃO

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTERVENÇÃO
EDUCATIVA E SOCIAL – MPIES**



MARIA LÚCIA DE FÁTIMA MELO ALVES CALABRIA

**EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: O ARTESANATO NA
VIDA DE ARTESÃOS DE PETROLINA-PE**

Serrinha- BA
2020

MARIA LÚCIA DE FÁTIMA MELO ALVES CALABRIA

**EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: O ARTESANATO NA
VIDA DE ARTESÃOS DE PETROLINA-PE**

Projeto de Intervenção Pedagógica apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa Novos Contextos de Aprendizagem, como requisito parcial para Qualificação no Mestrado.

Orientadora: Professora Dra. Ivonete Barreto de Amorim

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--------------------------------|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 118 |
| 2 | OBJETIVOS..... | 119 |
| 2.1 | OBJETIVO GERAL..... | 119 |
| 2.2 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 120 |
| 3 | METODOLOGIA..... | 120 |
| 4 | OFICINAS TEMÁTICAS..... | 121 |
| 4.1 | PRIMEIRA OFICINA TEMÁTICA..... | 121 |
| 4.2 | SEGUNDA OFICINA TEMÁTICA..... | 122 |
| 4.3 | TERCEIRA OFICINA TEMÁTICA..... | 123 |
| 4.4 | QUARTA OFICINA TEMÁTICA..... | 126 |
| | REFERÊNCIAS..... | 128 |

1 INTRODUÇÃO

O projeto de intervenção ora apresentado, de caráter educativo/formativo é objeto de estudo do projeto de pesquisa intitulado **“EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: O ARTESANATO NA VIDA DE ARTESÃOS NUMA COMUNIDADE DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO”** o qual tem como objetivo analisar as possibilidades de enfrentamento do grupo de artesãos de Petrolina-PE diante das perspectivas de educação/formação através do artesanato.

O estudo explicita no seu bojo uma incursão no âmbito da cultura popular tendo como foco o artesanato de um grupo de artesãos Feira na Vila, o qual vem se organizando na busca ao problematizar suas dificuldades e encontrar alternativas a partir de uma educação/formação de enfrentamentos acerca da relação com o artesanato sem perder de vista as suas histórias e identidades. Com efeito, este movimento dialógico terá como premissa a legitimação da autonomia e identidade do grupo.

Vale ressaltar que esta perspectiva de educação/formação ocorrerá em um espaço não formal, com efeito, é importante registrar como nos indica Gohn (2014) compreende a educação não formal como:

[...] um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. [...] O aprendizado gerado e compartilhado na educação não-formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas (GOHN, 2014, p. 40).

Diante disso, o grupo de artesão possui em média vinte integrantes que tem dialogado com a pesquisadora acerca da necessidade de vivenciarem um processo de educação/formação através de oficinas nesse espaço não formal, sem perder de vista a horizontalidade da construção dos saberes e dizeres de cada um do grupo, com vistas potencializar novas aprendizagens através do artesanato.

Diante dessa compreensão do grupo de artesãos, as oficinas desenhadas terão como premissa uma perspectiva diagnóstica da necessidade de mantermos autonomia, diálogo e horizontalidade do conhecimento e, sobretudo,

educação/formação atendendo aos anseios desse coletivo, pois, um projeto de intervenção tem como ponto importante intervir com o outro e não para o outro.

Para entender a necessidade deste grupo, inicialmente efetivaremos um questionário diagnóstico, com as seguintes questões: por que você começou a trabalhar com o artesanato, qual a dificuldade vivenciada na sua atividade com o artesanato, quais as vantagens e desvantagens em desenvolver as atividades em grupo, como você tem enfrentado as suas dificuldades com o artesanato, o que você tem aprendido e/ou ensinado com o artesanato, o que você acredita que falta no grupo que você participa para que ajude no enfrentamento das dificuldades, no seu ciclo de cultura popular qual a literatura que você mais gosta de escutar/ler.

Inicialmente projetamos a realização de seis oficinas temáticas, porém devido à pandemia da Covid-19 e as questões objetivas e de vida de cada artesão, achamos mais prudente programarmos com o grupo quatro oficinas temáticas.

Assim, com base nas respostas explicitadas pelos artesãos este projeto de intervenção será estruturado compreendendo o artesanato como um espaço propício para que haja uma educação/formação, tendo como referencial o horizonte indicado por estes artesãos que sentem e vivem os prazeres e as dificuldades do cotidiano na comunidade do submédio São Francisco.

Espera-se que com este processo de educação/formação que será implementado a partir dos olhares dos artesãos novos conhecimentos, saberes e dizeres deste povo historicamente situados contribuam com a divulgação de uma cultura popular que tem uma linguagem própria, singular, consistente e importante para a população nordestina e brasileira.

Neste sentido, esse processo de formação tangenciará um olhar sobre o artesanato/artesãos que traz no seu âmago toda a simbologia de resistência, de enfrentamento, contra hegemônico e de valorização social.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Oportunizar um processo de educação/formação através de oficinas temáticas tendo como ponto norteador a realidade dos artesãos de uma comunidade

do submédio São Francisco, ressaltando suas necessidades e perspectivas formativas de forma dialogada.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as possibilidades de estratégias de enfrentamentos diante dos dizeres e querer dos artesãos acerca da implementação de um processo de educação/formação dialógica;
- Preconizar nas oficinas, temáticas suscitadas pelo questionário diagnóstico com vistas valorizar autonomia dos artesãos;
- Refletir sobre o processo da intervenção/formação/educação, buscando estratégias e enfrentamentos que poderão ressignificar a vida e o artesanato produzido por esse grupo.

3 METODOLOGIA

Para a realização das oficinas temáticas, que têm como princípio as histórias de vida, identidades e enfrentamentos do grupo de artesãos de uma comunidade do Submédio São Francisco, faz-se necessário a disponibilização, participação e envolvimento destes sujeitos, bem como de uma diversidade de técnicas de artesanato com autores locais e nordestinos. Assim, a premissa que norteará o processo de formação será vincada na realidade e no contexto social destes artesãos, possibilitando práticas acessíveis, mediante a disponibilização dos materiais necessários para o desenvolvimento oportuno de todas as atividades.

Nesta perspectiva, é necessário o acesso aos recursos diversos que permitirão adentrar nas pesquisas com as temáticas relacionadas ao sertão, as tradições, a cultura sertaneja e aos interesses dos artesãos.

Diante desse panorama atual da Covid-19 e seguindo as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), as oficinas serão efetivadas de forma virtual, utilizando a plataforma Zoom, vídeos gravados que serão apresentados ao vivo e/ou enviados pelo *WhatsApp*, visando oferecer condições objetivas para que todos os artesãos participantes da pesquisa façam parte de todas as etapas das formações.

Nesse sentido, serão organizadas quatro oficinas temáticas que surgiram das necessidades apontadas pelo grupo no questionário diagnóstico. Salientamos que mesmo havendo um planejamento, a realização das oficinas não acontecerá de forma estática, mas, flexível, respeitando as necessidades que possam surgir no decorrer de sua aplicação, assim como, as especificidades dos participantes.

4 OFICINAS TEMÁTICAS

4.1 PRIMEIRA OFICINA TEMÁTICA

A **oficina 1: “Pensando na saúde mental em meio à pandemia”** será efetivada pela psicóloga Janara Teixeira, mestranda do MPIES, juntamente com a pesquisadora, com vistas a acolher os artesãos em tempo de pandemia. Esta oficina contextualizará um momento histórico pandêmico que estamos vivendo destacando situações de stress, ansiedade, medos diante das perdas, dentre outros elementos tangenciados nas reflexões sobre a necessidade da implementação de cuidados voltados para a saúde mental dos participantes, com vistas a diminuir o sofrimento psíquico vivenciado diante do isolamento social e do afastamento das atividades presenciais.

Quadro 2 – Oficina “Pensando na saúde mental em meio à pandemia”.

| ELEMENTOS DIDÁTICOS | PROCEDIMENTOS |
|---------------------|---|
| TEMA | Oficina: Pensando na saúde mental em meio à pandemia. |
| OBJETIVOS | <ul style="list-style-type: none"> - Permitir que os artesãos participantes possam expor suas angústias oriundas da pandemia mundial da Covid-19; - Propor estratégias de enfrentamentos diante das perdas, estresse, ansiedade e medo que podem estar impactando a vida emocional desses artesãos; - Preconizar cuidados voltados para a saúde mental dos participantes a fim de prevenir ou diminuir sofrimento psíquico e o aparecimento de manifestações psicopatológicas. |
| CONTEÚDO | Saúde mental/bem-estar/vida produtiva/manejo do estresse/rotina diária |
| METODOLOGIA | A oficina foi idealizada para um único encontro através de reunião com o grupo, por meio do aplicativo Zoom (gratuito), com orientações para a saúde emocional na prática. A atividade foi |

| | |
|-----------------|--|
| | desenvolvida baseada em orientações e protocolos em saúde mental, sendo aplicado ao tema conceitos relevantes sobre a segurança emocional para as participantes. |
| RECURSOS | Aplicativo Web Conferência Zoom. |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Figura 1 - Cartaz de divulgação da Oficina 1.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

4.2 SEGUNDA OFICINA TEMÁTICA

A **oficina 2: “Mãos Solidárias que Fazem e Doam Máscaras”** acontecerá sobre a responsabilidade da pesquisadora, com vistas a compartilhar técnicas, produzir e distribuir máscaras protetoras em instituições socioeducativas do terceiro setor e comunidades carentes, diante do período pandêmico da Covid-19. Essa oficina promoverá atitudes altruístas de responsabilidade, solidariedade social e proteção às populações de baixa renda e moradores de ruas, além de deixar marcada a importância da educação social em espaço não formal mostrando a força da horizontalidade dos saberes evidenciado a troca espontânea e o compartilhamento de si e do outro.

Quadro 3 – Oficina “Mãos Solidárias Que Fazem e Doam Máscaras”.

| ELEMENTOS DIDÁTICOS | PROCEDIMENTOS |
|----------------------------|--|
| TEMA | Mãos que fazem e doam máscaras solidárias. |
| OBJETIVOS | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentar técnicas artesanais diversas, no processo de confecção de máscaras protetoras contra a pandemia da Covid-19; - Produzir máscaras protetoras contra a Covid-19, disponibilizando da mão de obra das artesãs e colaborando com a doação desses equipamentos de proteção individual (EPI) a comunidades de vulnerabilidade socioeconômica; - Distribuir máscaras protetoras com instituições socioeducativas do terceiro setor, desenvolvendo atitudes altruístas de responsabilidade, solidariedade social e proteção às populações de baixa renda e moradores de ruas. |
| CONTEÚDO | <ul style="list-style-type: none"> - Processo artesanal de corte, costura e finalização de máscaras contra a Covid- 19; - Explanação de técnicas de bordado (ponto correntinha, mozinho francês e ponto reto); pintura e desenho (uso da caneta para tecido); crochê (correntinha e ponto duplo), utilização de retalhos (modelagem e emendas dos retalhos) e fuxico (modelagem e alinhave dos círculos); - Educação Social. |
| METODOLOGIA | <ul style="list-style-type: none"> - Oficinas virtuais, por meio do aplicativo Zoom (gratuito); - Demonstração e detalhamento técnico do processo de confecção de máscaras: modelagem, corte, costura e acabamento; - Demonstração e orientação das técnicas utilizadas do bordado, do fuxico, do crochê, da costura em retalho, da pintura e do desenho com caneta para tecido. |
| RECURSOS | <ul style="list-style-type: none"> - Aplicativo Web Conferência Zoom; - Tecidos: linho e tricoline 100% algodão; - Agulha, linha, tesoura, caneta para tecido, máquina de costura, elástico, miçangas, cola para tecido. |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Figura 2 – Cartaz de divulgação da Oficina 2.



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora, 2020.

4.3 TERCEIRA OFICINA TEMÁTICA

A **Oficina 3: “Retalhos de Chita em Juta”** será efetivada pela artesã mais experiente, com 79 anos de idade e 60 anos de artesanato – Isaura Alencar. Terá como foco ratificar o movimento de troca entre os artesãos, sobretudo das experiências construídas ao longo da vida com/no artesanato, exercitando a perda do medo de mostrar o que se faz diante do que sabem, pois, esse compartilhamento pode gerar um saber novo para as novas artesãs que estão chegando ao grupo ou para a ressignificação dos saberes delas. Vale ressaltar que essa oficina demonstrará um cuidado com o reaproveitamento de material, como os retalhos de chita, os quais, através do trabalho desenvolvido ganharão vida nova na tessitura e construção do mosaico articulado com a juta. Ademais, ressaltará o cuidado com o meio ambiente, pois o que seria jogado fora poderá virar arte genuína desse grupo que pensa e age com responsabilidade social.

Quadro 4 – Oficina “Retalhos de Chita em Juta”.

| ELEMENTOS DIDÁTICOS | PROCEDIMENTOS |
|---------------------|---|
| TEMA | Oficina: Retalhos de chita em juta. |
| OBJETIVOS | <ul style="list-style-type: none"> - Explicar as técnicas de corte, aproveitamento de retalhos, alinhavo e costura da chita sobre a juta; - Apresentar o passo a passo da distribuição dos espaços em quadrinhos para o desfilamento da juta; - Explicar e demonstrar o bordado que emoldura os quadros de retalhos de chitas; - Apresentar as inúmeras possibilidades de uso da técnica. |
| CONTEÚDO | Processo e métrica para desfiar a juta; corte e alinhavo de retalhos de chita em forma de quadrados, estética para uso das cores de linhas; confecção dos pontos de bordado que emolduram os quadros da chita. |
| METODOLOGIA | A oficina foi idealizada para um único encontro, com explanação oral e prática, por meio de aplicativo Zoom (gratuito). |
| RECURSOS | Aplicativo Web Conferência Zoom; juta; retalhos de chitas, tesouras, agulhas, linhas. |

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Figura 3 – Cartaz de divulgação da oficina 3.

Oficina:
Retalhos de Chita em Juta

VIA ZOOM

DIA 21/09 ÀS 17:00

Responsável:
Artesã Isaura Alencar

epods educação política política de desenvolvimento social MPIES UNEB

Fonte: Foto tirada pela pesquisadora, 2020.

4.4 QUARTA OFICINA TEMÁTICA

E, por fim, a **Oficina 4: “Patchwork: Técnica e Arte em Retalhos”** será realizada pela mestra artesã Luzia Torres da cidade de Guanambi - Bahia, a qual tem o reconhecimento regional e nacional pela qualidade do seu trabalho com o artesanato. A oficina apresentará como temática central a técnica e arte em retalhos, conhecida como *Patchwork*.

Outrossim, a artesã compartilhará com o grupo o passo a passo dessa oficina detalhando a utilização dos restos de tecido possibilitando a confecção de artefatos com qualidade técnica e vendáveis. Vale ressaltar que essa oficina representará para os artesãos a possibilidade de compartilhar com alguém que tem sucesso junto ao artesanato outras formas de utilização de técnicas conhecidas que poderão ser ressignificadas pelos membros do grupo Feira na Vila, sem com isso perder a sua identidade local, regional e cultural.

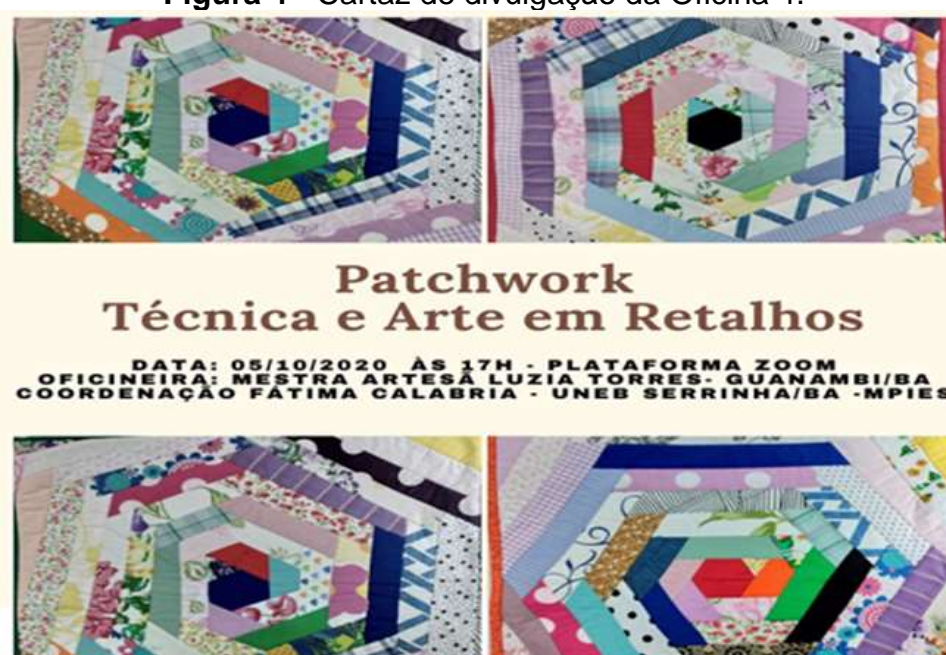
Quadro 5 – Oficina “Patchwork: Técnica e Arte em Retalhos”.

| ELEMENTOS DIDÁTICOS | PROCEDIMENTOS |
|---------------------|---|
| TEMA | Oficina: <i>Patchwork</i> : Técnica e Arte em Retalhos. |
| OBJETIVOS | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentar o passo a passo da costura artesanal da técnica e arte em retalhos, conhecida como <i>patchwork</i>, especificamente a costura seminole. - Oportunizar a economia e a utilização de restos de tecidos, possibilitando a confecção de artefatos ambientais com qualidade e estética vendáveis. - Desenvolver a criatividade das artesãs em suas pesquisas e construções estéticas. |
| CONTEÚDO | Apresentação e explicação do uso dos materiais e instrumentos para o <i>patchwork</i> , da modalidade seminole; utilização da técnica em diversos tecidos, panos e toalhas; corte das tiras de tecidos e estéticas de cores lisas, claras, escuras e florais; metragem e marcação com lápis específico, dos cortes de ralhos; etapas, do processo de colocação e costura dos retalhos; técnica do uso do ferro nos acabamentos; valorização, custo e preço do artesanato de <i>patchwok</i> . |
| METODOLOGIA | Apresentações de peças artesanais com a técnica estudada; explanação oral e prática dos procedimentos e etapas do processo; como passar o ferro nos tecidos, evitando o sombreamento dos retalhos; dicas para facilitar a operacionalização e a perfeição do <i>patchwork</i> . |
| RECURSOS | Aplicativo Web Conferência Zoom. Materiais Básicos: Cortados rotativo (Rotary Cutter 45mm); Caneta Fantasmilha; Tesoura afiada |

| | |
|--|---|
| | para tecido; Máquina de Costura; Alfinetes; Linha 100% algodão; tecidos de algodão liso e estampados; Réguas de acrílico; 30x15 Ferro de passar; Lápis 6B; desmanchado. |
|--|---|

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Figura 4 - Cartaz de divulgação da Oficina 4.



Fonte: foto tirada pela pesquisadora, 2020.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Carla Melissa. **Histórias de vida e de costura: os saberes e sabores da mulher artífice**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_e4e1675a441c119d48c575ed62d3e553. Acesso em: 08 nov. 2019.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Programa de Artesanato Brasileiro**, explicita Base Conceitual do Artesanato Brasileiro, 2012. Disponível em: <https://manosdeartesanato.files.wordpress.com/2013/06/base-conceptual-del-artesano-brasileiro.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CASCUDO, Câmara. **Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral**. 2ªed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

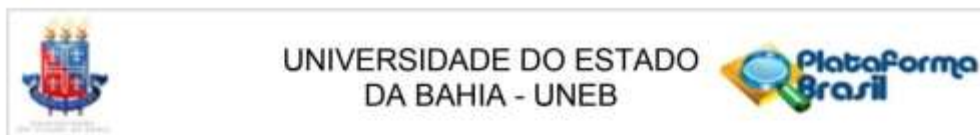
FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e o educador social. **Revista de Ciências da Educação**, Americana, n. 19, p. 121-140, 2. sem. 2008.

GOHN, M. da G. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. Meta: Avaliação. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan./abr. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/w10/Downloads/1-52-3-PB.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

WHO. Mental health and psychosocial considerations during COVID-19 outbreak. March, 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331490/WHO-2019-nCoV-MentalHealth-2020.1-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ESPAÇO NÃO FORMAL: O ARTESANATO NA VIDA DE ARTESÃOS DE PETROLINA-PE

Pesquisador: MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 27208919.8.0000.0057

Instituição Proponente: Departamento de Educação - Campus XI/UNEB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.937.949

Apresentação do Projeto:

O projeto é vinculado ao Curso ao Mestrado de Intervenção educativa da Universidade do Estado da Bahia, na cidade de Serrinha/BA.

O estudo é qualitativo para verificar as dificuldades integração de formação com o desenvolvimento da atividade. Utilizará como instrumento de registro de dados a entrevista, observação e aplicação de questionário.

Hipótese:

Os artesãos que participam da formação/educação desenvolvem novos enfrentamentos diante das dificuldades vivenciadas com os artesanatos. As dificuldades narradas pelos artesãos estão diretamente ligadas a ausência de uma educação formativa.

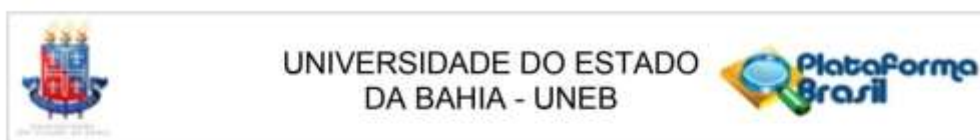
Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar as possibilidades de enfrentamento do grupo de artesãos de Petrolina-PE diante das perspectivas de educação/formação através do artesanato.

Objetivo Secundário:

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.837.949

Estabelecer uma relação dialógica entre educação em espaço não formal e a formação através do artesanato; compreender as possibilidades de educação/formação encontradas pelo grupo de artesãos tendo como base o artesanato; analisar os principais enfrentamentos dos artesãos, tendo como âncora o processo de formação/atuação no artesanato local; construir cordéis narrativos da história desse grupo de artesãos petrolinenses.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos participantes da pesquisa e as autorizações das instituições proponente e coparticipante.

O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de dúvidas sobre o processo

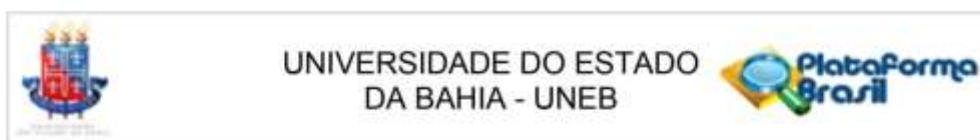
Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

| | |
|---|--|
| Endereço: Rua Silveira Martins, 2555 | CEP: 41.195-001 |
| Bairro: Cabula | |
| UF: BA | Município: SALVADOR |
| Telefone: (71)3117-2399 | Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br |



Continuação do Parecer: 3.837.949

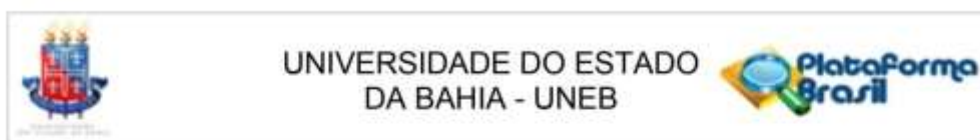
Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.27208919.8.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|---|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1484819.pdf | 06/03/2020 16:11:38 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto de pesquisa.pdf | 06/03/2020 16:10:59 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLAtual.pdf | 06/03/2020 16:10:16 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Outros | TERMO_DE_COMPROMISSO_PARA_COLETA_DE_DADOS_EM_ARQUIVOS.pdf | 18/12/2019 11:13:51 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | TERMO_DE_CONCECAO_ARTESAOS.pdf | 06/12/2019 12:35:49 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | TERMO_DE_AUTORIZACAO_INSTITUCIONAL_DA_COPARTICIPANTE.pdf | 06/12/2019 12:34:05 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Cronograma | CRONOGRAMA.pdf | 05/12/2019 11:29:17 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Orçamento | Orcamento.pdf | 05/12/2019 11:28:58 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Outros | documentos_sociodemograficos.pdf | 05/12/2019 11:26:33 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Outros | roteiro_entrevista_semiestruturada.pdf | 05/12/2019 11:25:33 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.837.949

| | | | | |
|-----------------------------|--|------------------------|---|--------|
| Outros | roteiro_de_observacao.pdf | 05/12/2019 11:25:05 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Outros | TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf | 05/12/2019 11:23:20 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Outros | TERMO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR.pdf | 05/12/2019 11:19:15 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Outros | TERMO_DE_AUTORIZACAO_DA_PROPOSTA.pdf | 05/12/2019 11:17:16 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | DECLARACAO_De_CONCORDANCIA_DESENVOLVIMENTO_DA_PESQUISA.pdf | 05/12/2019 11:08:08 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |
| Folha de Rosto | FOLHA_DE_ROSTO.pdf | 05/12/2019 10:59:18 | MARIA LUCIA DE FATIMA MELO ALVES CALABRIA | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 27 de Março de 2020

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br

ANEXO B – RECONHECIMENTO SOCIAL DA INTERVENÇÃO – ENFERMEIRA ROCILDA SEVERO NUNES

Petrolina, 27 de novembro de 2020

Texto de reconhecimento e valorização

À Educadora Popular Fátima Calábria

Tenho acompanhado a trajetória da Professora Maria Lúcia de Fátima Melo Alves Calábria, uma pessoa comprometida com as causas populares, em especial com a arte, educação, cultura e economia popular, há um bom tempo.

Como aluna pesquisadora do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social, da Uneb-Serrinha/BA, seu projeto acadêmico realizou, de forma remota, uma vez que desde março/2020, estamos nesse tempo de pandemia, uma oficina de artesanato onde as artesãs produziram, com técnicas diversas, máscaras de proteção contra o covid-19, para serem doadas as pessoas de baixa renda.

Considerarei essa iniciativa muito generosa, uma vez que mobilizou e envolveu as artesãs numa atitude solidária e social, desenvolvendo uma atitude de cuidar do coletivo, e ao mesmo tempo, partilhar suas técnicas artesanais com todas aquelas envolvidas no seu grupo de pesquisa.

Como sou voluntária em causas sociais, pude distribuir algumas dessas máscaras com as pessoas, na rua, oriundas dos bairros pobres da periferia da cidade.

Parabenizo todo o grupo, que junto com a pesquisadora, foi sensível com quem não tinha como se proteger, nesse tempo difícil de pandemia.

Rocilda Severo Nunes

Rocilda Severo Nunes
CPF 226.646.969, digo, 964 - 91

ANEXO C – RECONHECIMENTO SOCIAL DA INTERVENÇÃO – FEIRA NA VILA



Petrolina, 23 de novembro de 2020

Carta de gratidão e valorização pelas atividades educacionais, artísticas e culturais da Professora Fátima Calabria

E dignificante perceber o altruísmo da Professora Maria Lúcia de Fátima Melo Alves Calabria, quando das suas intervenções pela valorização e desenvolvimento do artesanato local.

Venho através desse texto, registrar meu elogio e gratidão diante das importantes iniciativas dessa educadora, em especial decorrente da sensibilidade e responsabilidade social quando do advento desse difícil tempo de pandemia mundial.

Como mestranda, manteve através de diálogos com as artesãs envolvidas na sua pesquisa, o seu projeto de intervenção, mas, por conta da pandemia, alguns reajustes foram realizados, para garantir na modalidade remota, as oficinas de artesanato.

Entre essas oficinas, destaco como importante contribuição educacional, social e de proteção contra o covid-19, a oficina de produção e distribuição de máscaras com aquela parcela da população excluída das periferias urbanas e moradores de rua.

Foram realizadas 5 oficinas de produção de máscaras, momentos de aprendizagem e socialização de diversas técnicas entre as participantes do Grupo Feira Na Vila.

Ratifico aqui o imenso valor social dessa iniciativa que oportunizou às artesãs sua valorização e o exercício de solidariedade, quando da distribuição das máscaras com as pessoas de baixa renda.

Deixo aqui meu reconhecimento e valorização por essa parceria entre o Grupo de Artesãos Feira na Vila e a Educadora Fátima Calabria.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Mário Martins', is written over a faint, larger signature.

Mário Martins

Liderança do Grupo Feira na Vila – Artesãos de Petrolina

ANEXO D – RECONHECIMENTO SOCIAL DA INTERVENÇÃO – PROGRAMA TRANSFORMA PETROLINA



Prezada,

O momento em que passamos é de suma importância que as pessoas ampliem seu olhar para a solidariedade. Na atual conjuntura, a cada dia se torna mais necessário olhar para o outro com olhos de carinho e afeto. Com a ajuda de todos, chegaremos ao fim dessa pandemia com menos dor, aprendendo mais e ampliando a nossa visão de mundo.

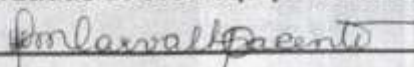
O Transforma Petrolina acredita nisso e faz dessa crença a força para atuar no cenário tão delicado da pandemia de coronavírus. Mas a presença de parceiros que também acreditem nisso é fundamental. São muitas as necessidades e quanto mais gente estiver nessa luta, uma maior quantidade de pessoas serão beneficiadas.

Maria Lúcia de Fátima Melo Alves Calabria, mestranda do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social - MPIES da Universidade do Estado da Bahia, campus Serrinha, abraçou a campanha "Transforme Isolamento em União" e se tornou uma grande parceira do Transforma Petrolina. Ela utilizou do seu estudo acadêmico para fazer o bem. Uniu as artesãs do Grupo de Artesanato de Petrolina, que confeccionaram 200 máscaras de tecido beneficiando as pessoas em situação de vulnerabilidade do município.

Atos como o de Fátima foram essenciais para preparar a população a nova realidade enfrentada e para impedir a disseminação do coronavírus entre as comunidades carentes. Nesse momento que é proibido o contato físico, gestos como os de doar se tornam fundamentais à vida e para alimentar a crença de que tudo isso vai passar.

O Transforma Petrolina agradece por toda atenção e colaboração. E espera que tão logo novas parcerias possam ser firmadas!

Gratidão de toda equipe Transforma!


Kátia Carvalho
 Assessora Técnica do Transforma Petrolina


 Miguel de Souza Leão Coelho
 Prefeito Municipal

Transforma Petrolina

Parque Municipal Josefa Coelho, SN, Maria Auxiliadora - Petrolina/PE.

Telefone: 87 3864-4611

Site: www.transforma.petroлина.pe.gov.br

Email: transformapetroлина@gmail.com